

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director: J. B. MAGALHÃES

Secretario: T. A. ARARIPE

Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XVI

Rio de Janeiro, Abril de 1929

N. 184

Edição de 70 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

O MOMENTO MILITAR ACTUAL.....	229
-------------------------------	-----

COLLABORAÇÃO

<i>O problema da defesa Nacional</i> — Dr. Carlos Sampaio.....	232
<i>O papel da Cavallaria e sua organização</i> — Major Laperche.....	234
ASSUMPTOS NAVAES — <i>Os quadros dos officiaes da Armada no Congresso</i> (cont.) — Cmt. Muniz Barreto.....	242
<i>Notas sobre a instrucção de conjunto do R. C.</i> — Major Colin.....	244
<i>O Regulamento geral de Instrucção Physica</i> (trad.) — Cap. Barboza Leite.....	259
<i>Tactica de Infantaria</i> — VIII Conferencial — Ten. Cel. Hugues.....	265
<i>A divisão territorial do Brasil</i> — Ten. Segadas Vianna.....	271
<i>A proposito da industrialisação da instrucção na Infantaria</i> — Cap. T. A. Araripe.....	277
<i>Estudo da progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia</i> (trad.) — Ten. Portocarreiro.....	282

DA PROVINCIA

<i>O Serviço de remonta no Exército</i> — Major Alfredo Ferreira..	280
--	-----

SUGGESTÕES

<i>Necessidade de ampliação dos quadros dos especialistas nos corpos</i> — Ten. Isapuan Leal.....	287
---	-----

DA REDACÇÃO

<i>Marechal Foch</i>	231
<i>Escolas Militares na Inglaterra</i> (Arad.).....	257
<i>A proposito do serviço militar</i>	264
<i>Os progressos da Aviação</i>	288
<i>A base naval de Ferról</i>	287
SUBSIDIOS — <i>Os officiaes de reserva</i> — A organização de um Pel. de Cav.....	289
<i>A Infantaria nas marchas nocturnas</i> — Cap. O. Paranhos.....	292

Aos nossos colaboradores

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados colaboradores o seguinte:

— apresentar os originaes sempre legíveis e, se possível dactylographados;

— só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilisem;

— se se tratar de assumpto tecnico usar sómente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais regras prescriptas pelo R. S. C. (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação, etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

1) — Tudo que se refira á collaboração, suggestões e assumptos que lhe sejam correlatos deve ser endereçado ao Secretario;

2) — Qualquer assumpto sobre assignaturas e envio de importancias deve tratar-se com o Gerente;

3) — Sempre que se queira reíterar qualquer communicação, ao Director;

4) — Os annuncios e quaesquer outras

Curem-se pela Homœopathia, fazendo uso dos nossos afamados especificos

Antipapirus — o melhor, o mais poderoso remédio para curar a gripe — um vidro 2\$000.

Antiferinus — Cura Coqueluche em 15 dias e preserva as creanças desse mal — 1 vidro 2\$000.

Angustarium — E' o grande remédio das infecções intestinaes de caracter grave — 1 vidro 2\$000.

Arsenico Iodado Composto — O melhor e o maior fortificante da homœopathia — 1 vidro 3\$000.

Vitirus — Cura as tosses e as bronchites — vidro 2\$000.

Cardusmaria — Poderoso remédio para curar as doenças do figado — 1 vidro 2\$000.

Cepyl — Cura o corysa, os resfriados — 1 vidro 2\$000.

Purgina — Ideal combinação contra a prisão de ventre — 1 vidro 2\$000.

Solurius — Cura diarrhéas das creanças e dos adultos — 1 vidro 2\$000.

Phosphorina — Faria — O melhor remédio para as creanças. Facilita a dentição — 1 vidro 3\$000.

Rhus composto — Cura o rheumatismo — 1 vidro 2\$000.

Matifolium — Indicado nas doenças do estomago — azia, dyspepsia, gastralgia — vidro 3\$000.

Ourebenzol — Contra a syphilis e suas manifestações — um vidro em tablettes 5\$000.

Uriacido — Poderoso medicamento para combater o acido urico, as affecções dos rins e da bexiga, o arthritismo e o rheumatismo — vidro em tablettes 3\$000.

Creme Medicinal de Hamamelis — Preparação scientifica para o embelezamento da pelle, sem substancia gordurosa, indicado nas espinhas, rugas, pannos e manchas de pelle. Pote pequeno 4\$000 — grande 7\$000.

Sabonete de Hamamelis — um 2\$000 — duzia 20\$000.

Guia de Medicina Homœopathica do Dr. Nilo Cairo

A maior parte destes remedios existe tambem em globulos.

Enviamos pelo correio qualquer medicamento, mediante a remessa da importancia por vale postal.

Loção Curativa de Hamamelis — Feridas, doenças da pelle, queda dos cabellos, etc. — Vidro 4\$500.

CORTONICO — Indicado nas doenças do coração — Vidro 5\$000.

Hemœovermil — A mais completa e inofensiva preparação, contra todas as variedades de vermes, oxiuros, ascaridas, necator e outros. — 1 vidro em tablettes, 4\$000 — Duzia 45\$000.

DE FARIA & C.

R. S. José, 75 — Tel. C. 2247 — C. Postal 2564 — Rio de Janeiro.

publicações pagas, tratam-se com o Director de Publicidade: Odilon de Queiroz Jucá;

5) — Toda a correspondencia para a Caixa Postal, 1602, ou rua do Ouvidor, 164.

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

J. B. Magalhães, T. A. Araripe, Alexandre Chaves (Directores) — *Muniz Barreto* (repres. naval) — *Frederico Duarte* (repres. civil) — *A. Pamphiro, Mario Travassos, Sayão Cardoso, Bina Machado, Fernando Saboya, Humberto Castello Branco, Bellagamba Sevilha* (da Red.) — *Toscano, Lage Sayão, E. Dornelles* (da Adm.)

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

E.M.E. — Cap. Pery Bevilacqua
Q. G. 1.ª R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. G. — 1º Ten. Nilo Chaves.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. G. I. G. — Cap. Raymundo S. Barros.
Dir. Av. — Cap. Aguinaldo Caiado de Castro.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — 1º Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — 1º Ten. Sarmento.
S. G. M. — Cap. Heraldio.
E. E. M. — 1º Ten. Barros de Castro.
E. A. O. — Cap. Octavio Paranhos.
E. P. L. — 1º Ten. Pletz Espindola.
E. Av. M. — Cap. Bellagamba
E. M. — 1º Ten. Cyro de Rezende.
Alumno João Bina Machado.
E. Int. — 2º Ten. Ferich.
C. M. — 1º Ten. Berzelius.
E. S. I. — 1º Ten. Ignacio Rolin.
1ª R. I. — 1º Ten. Armando Gonçalves
2ª R. I. — 2º Ten. Fabio de Castro.
3ª R. I. — 1º Ten. Barbosa Pinto.
1ª R. C. D. — 2º Ten. Alfredo A. Silva.

15ª R. C. I. — 1º Ten. Pletz Espindola.
1ª G. A. Mth. — 1º Ten. Virgilio de Carvalho.
1ª R. A. M. — 2º Ten. Antonio H. A. Moraes.
2ª R. A. M. — 2º Ten. Antonio Maráu.
1ª G. I. A. P. — 1º Ten. João M. Lebrão.
Forte de Copacabana — 2º Ten. Faria.
Fortaleza Santa Cruz — 1º Ten. Faustino.
Forte Vigia — Cap. F. Fonseca.
Forte Lage — 1º Ten. Couto Ramos.
1ª B. E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1ª Cia. F. Viaria — 1º Ten. Nylson.
C. C. C. — 1º Ten. Adalberto Coelho.
1ª Cia. E. — 1º Ten. Carneiro da Cunha.
F. S. D. — 2º Ten. Waldemar Fretz.
1ª Cia. Adms. — 2º Ten. Otton Barbosa.
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.
Flot. Ss. — Cmt. Christiniano de Figueiredo.
P. M. D. F. — Cap. Souto Mayor.
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. 1ª R. M. — 1º Ten. João M. Lebrão.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2ª D. I. — São Paulo — 1º Ten. Costa Leite.
Q. G. 3ª D. I. — P. Alegre — Cel. Amilcar Magalhães.
Q. G. 4ª D. I. — Juiz de Fóra — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5ª R. M. — Curitiba — Cap. Aché.
Q. G. 6ª R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q. G. 7ª R. M. — Recife — Ten. João Facó.
Q. G. 8ª R. M. — Cap. Verissimo.
Q. G. Circums. M. — Campo Grande — Cap. Alcêdo.
Fab. de Polvora — Estrella —
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C. M. — Porto Alegre — 1º Ten. Nestor Souto.
C. M. — Ceará — 1º Ten. Tullio Belleza.
4ª R. I. — Quitana — 1º Ten. Langleberto.
5ª R. I. — II Btl. — Pinda — Asp. Bayard.

6ª R. I. — Caçapava — 1º Ten. Arlindo Nunes.
7ª R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.
8ª R. I. — Cruz Alta — Cap. Juvenal Antunes.
9ª R. I. — Rio Grande — 1º Ten. Edgard Buxbaum.
10ª R. I. — Juiz de Fóra — 1º Ten. Armando B. Moraes.
11ª R. I. — S. João d'El-Rey — 2º Ten. Hugo Faria.
13ª R. I. — Ponta Grossa — 1º Ten. Leonardo de Campos.
1ª B. C. — Petropolis — 1º Ten. Bonorino.
2ª B. C. — S. Gonçalo — 2º Ten. Francisco P. Quedes.
3ª B. C. — Victoria — 2º Ten. Pio Borges.
4ª B. C. — S. Paulo — 1º Ten. Saboya.
6ª B. C. — Ipamery — Ten. João C. Gross.
7ª B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.

(Continúa)

- 8º B. C. — S. Leopoldo — 2º Ten. A. Vianna.
 9º B. C. — Caxias — 2º Ten. Aveline.
 10º B. C. — Ouro-Preto — Cap. Mariano Chaves.
 13º B. C. — Joinville — Cap. Cezar Gonçalves.
 15º B. C. — Curitiba — Ten. Domingues do Santos.
 16º B. C. — Cuyabá — 2º Ten. Alves de Lima.
 17º B. C. — Corumbá — 2º Ten. A. Xavier.
 19º B. C. — Bahia — 2º Ten. Joaquim Monteiro.
 21º B. C. — Recife — 1º Ten. Oliveira Leite.
 22º B. C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisboa.
 24º B. C. — S. Luiz — 2º Ten. José Maria Rodrigues.
 25º B. C. — Therezina — 1º Ten. Moysés — Cap. Salgado dos Santos.
 27º B. C. — Manaus — Cap. Salgado dos Santos.
 28º B. C. — Aracajú — 1º Ten. Isaías.
 2º R. C. D. — Pirassununga — Cap. Alcides Lauridó.
 3º R. C. D. — Jaguarão — Cap. Aureliano.
 4º R. C. D. — Tres Corações — 1º Ten. Goulart Bueno.
 1º R. C. I. — Boqueirão — 1º Ten. Ortegual Novas.
 2º R. C. I. — S. Borja — 2º Ten. Anaurelino.
 3º R. C. I. — São' Luiz — 1º Ten. Steliano da Costa.
 4º R. C. I. — Sto. Angelo — Maj. Soares da Silva.
 5º R. C. I. — Uruguayana — Cap. Arnaldo Bitencourt.
 6º R. C. I. — Alegrete —
 8º R. C. I. — Rosario — 2º Ten. Pontes.
 10º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
 11º R. C. I. — Ponta Porã — 2º Ten. Henrique Rodrigues.
 12º R. C. I. — Bagé — 2º Ten. Emilio Medici.
 14º R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Hercio Lemos.
 R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid Oliveira.
 4º R. A. M. — Itú — Cap. Manoel Nobrega.
 Ten. Sylvio Flemig.
 5º R. A. M. — Santa Maria — Cap. Léo Calvanti.
 6º R. A. M. — Cruz Alta — 1º Ten. Frederico Droumond.
 8º R. A. M. — Pouso Alegre — 2º Ten. Clovis S. Barros.
 9º R. A. M. — Curitiba — 1º Ten. Oscar G. Amaral.
 2º G. I. A. P. — Quitaúna — Ten. Horacio Gonçalves.
 3º G. I. A. P. — Cachoeira — 1º Ten. Orlando Geisel.
 5º G. A. Mth. — Valença — 1º Ten. Figueiredo Cardoso.
 1º G. A. Cav. — Itaquí — Cap. Euclides Sarmento.
 2º G. A. Cav. — Alegrete — Cap. Fabricio.
 3º G. A. Cav. — Bagé — 2º Ten. Balthazar.
 5º G. A. Cav. — Sta. Anna do Liv. — Cap. Americano Freire.
 4º B. E. — Itajubá — Ten. Abreu Sobrinho.
 1º B. F. Viario — Sto. Angelo — Ten. Paulo Leite.
 Forte de Itaipús — 2º Ten. Abelardo Marcondes.
 Guarnição de Bello Horizonte — Ten. Coelho dos Reis.
 Guarnição de Florianopolis — 2º Ten. Orlando Gomes.
 Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.
 Força Publica — São Paulo — Cap. José M. dos Santos.
 Força Publica — R. de Janeiro — Cap. Collares Moreira.
 Brigada Militar — R. G. do Sul — 1º Ten. Alcindo Nunes Pereira.
 1º Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Aca- cio F. Oliveira.
 Força Estadual — Ceará — 1º Ten. R. Jourdan.
 Força Estadual — Sta. Catharina — 2º Ten. João Walheimer.
 Força Estadual — Matto Grosso — Major Aristides Prado.
 C. P. O. R. 3º R. M. — Porto Alegre — Cap. Salvador Obino.

Director de publicidade Odilon de Queiroz Jucá

* * * * VENDA DE LIVROS * * * *

1º — Comunicamos aos nossos leitores á venda os seguintes livros:

	Preço	Pelo correio mais
— Preparação e mecanismo do Tiro — 1º Ten. Olívio de Oliveira Bastos.	7\$500	— 1\$000
— Conselho sobre a instrução de combate e serviço em campanha — Cap. Araripe	6\$000	— 1\$000
— Orientação em campanha — Cap. Demerval	3\$500	— \$700
— O que é preciso saber da Infantaria, Tradução do Cel-Abadie pelo Cap. Demerval	6\$000	— 1\$000
— Resumo da Guerra do Paraguay — Cap. Danton	7\$000	— 1\$000

2º — A Gerencia de "A Defesa Nacional" incumbe-se da venda de livros militares mediante condições a combinar com os autores interessados.

3º — Facilitaremos aos nossos assignantes a obtenção de quaesquer livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro mediante a taxa de 1\$500 para registro e expediente. — A quantia correspondente deverá ser remetida adiantadamente em vale postal.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — J. B. Magalhães

Secretario — T. A. Araripe

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XVI

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1929

N. 184

EDITORIAL

O MOMENTO MILITAR ACTUAL

Os progressos continuamente crescentes das indústrias agravam cada vez mais a situação dos povos em relação á guerra, impondo-lhes a necessidade de medidas de previsão dia a dia extensas.

Para bem se avaliar da importancia das medidas de precaução a tomar basta termos em conta, entre outras cousas não menos interessantes, as possibilidades da aviação actual que permitem levar a aggração ás mais profundas regiões de um paiz, aos seus próprios centros vitais, ás suas linhas de communicações, causando serios prejuizos materiaes, perturbando o curso normal dos acontecimentos e abalando seriamente o moral das populações; ter em conta a extensão que póde tomar a guerra chimica, desencadeada por um povo qualquer pouco disposto a sacrificar o que julga serem seus interesses ás sadias idéas humanitarias; e considerar a rapidez, a quasi instantaneidade, com que estes e outros meios de destruição podem ser postos em acção. Vê-se assim a importancia de se estabelecer uma previsão que comporte medidas a adoptar cuidadosa e meticulosamente estudadas.

A segurança das nações não exige por isso que vivam ellas permanentemente em pé de guerra, em estado de extrema tensão, o que seria em pouco tempo, a fadiga, o esgotamento, a ruína dellas. Mas impõe que se precavendam, sem nada descuidar porque sobrevinda a guerra não haverá tempo de organizar os meios de luta e de pol-los em acção, se tudo não estiver preparado.

A Grande Guerra apresentada ás vezes; sem razão, como exemplo para provar a necessidade de preparação meticulosa e completa por causa dos exemplos inglez e americano, ao contrario, attenta esta necessidade, desde que se considere o que teria advindo se a França não dispuzesse, desde o início das hostilidades, de meios capazes de conterem os allemães cerca de 2 annos quasi sem o auxilio de outros paizes.

A segurança de uma nação basta que tenha ella prompta a entrar immediatamente em acção parte de suas forças e preparadas para serem rapidamente utilisaveis as restan-

tes conforme planos de utilização logicamente estabelecidos. Quaesquer descuidos, porém, havidos nestes assumptos serão avaramente pagos, si a guerra os surpreender.

E' preciso, então, ter em armas a força sufficiente para conter as primeiras aggressões inimigas durante o tempo necessario a que as demais forças nacionaes possam transformar suas actividades pacificas em actividades guerreiras; possuir todos os elementos capazes de adextrarem a nação para o exercicio dessas actividades guerreiras e de prepararem as condições de sua entrada em acção em tempo util.

Nisto consiste, em resumo, o que se póde chamar a preparação de uma nação para a eventualidade de uma guerra, sem que importe em desejar e estimular esta. Tal preparação é da responsabilidade natural dos elementos dirigentes do paiz; a technica seguida, os methodos e processos adoptados cabem aos órgãos militares que existem com caracter permanente.

Isto importa em dizer que o papel do Exército e da Armada em relação á preparação da guerra consiste em indicar as medidas que se devem adoptar para assegurar a defesa do paiz e em industrializar conforme os recursos de que dispuzerem, cada qual em sua esphera de acção os elementos nacionaes de accordo com a utilização que para elles fôr prevista.

✦ ✦ ✦

A primeira condição que o Exército tem a preencher para cumprir sua missão, é saber. Esta noção, bem comprehendida e sentida ha dezeseis annos passados pelos que fundaram esta Revista, trouxe em ~~essa~~ parte a orientação até ~~agora~~ mantida pelos que os sucederam.

Em nosso meio estava perdida a noção das necessidades da guerra. Povo e exercito jaziam, em relação aos progressos da arte da guerra e de sua preparação realisada por outros povos, estacionarios. Continuamente distrahidos por problemas sociaes e economicos (como o da es-

cravidão) e por problemas políticos a resolver (como os da consolidação do Imperio e o da Republica) não se apercebiam da evolução que se operava em outros povos onde os problemas da guerra eram mais prementes. A indole pacifica de que é dotado o povo e a situação continental eram outros factores também poderosamente influentes para este estado de cousas de que não se apercebiam os directores de nossa conducta politica.

Formaram-se dess'arte uma mentalidade rostil aos encargos de ordem militar, no elemento civil; e uma mentalidade impropria ás necessidades da guerra, incomprehendidas pelo elemento militar, e a qual se revelava em habitos e costumes milicianos ou inadequados a um exercito moderno. Nenhuma previsão de guerra.

Assim se apresentava o nosso problema. Para resolver-o era preciso operar uma transformação radical nos espiritos e fazê-los comprehender, sentir as necessidades e tornal-os capazes de as ajuizarem em justo valor.

A transformação deveria, então, começar pelo proprio Exercito a quem cabe a missão de ter em dia as cousas relativas á guerra, notadamente á sua technica...

Actuou, portanto, nossa Revista tendo por principal escôpo o problema da instrucção no Exercito contribuindo para dar-lhe consciencia de suas finalidades e responsabilidades constitucionaes.

O progresso obtido de inicio foi relativamente rapido. O momento era opportuno, a reforma iniciada com a acção de Mallet no M. G. havia produzido seus fructos. Os elementos mais jovens a quem uma formação mais apropriada favorecia, collaboravam quasi todos ardentemente para a transformação que se encetava e a qual não era estranha a influencia de Rio Branco.

O progresso foi continuado até que não mais era possivel avançar senão com extrema lentidão porque não dependendo apenas da acção jovens, apresentavam-se sérias resistencias a vencer. Era preciso actuar sobre elementos de ordem mais elevada e modificar habitos e costumes largamente inveterados.

Não mais satisfazião as alterações obtidas em questões de pormenores e, para continuar a haver progresso real eram necessarias modificações radicaes na constituição mesma dos elementos fundamentaes, notadamente dos quadros. Fez então, nossa Revista grande campanha em prol de uma nova lei de promoções que chegou a repercutir no Congresso onde appareceu um projecto, e que não teve andamento.

✱ ✱ ✱

Ao mesmo passo que assim se procedia e comprehendendo a extrema lentidão de uma evolução exclusivamente levada a effeito com os proprios recursos, fazia-se no Exercito intenso trabalho em prol do contracto de uma missão estrangeira.

Esperavam-se grandes resultados. Havia a este respeito a experiencia dos paizes visinhos já organizados militarmente.

A guerra poz termo ás discussões em torno da nacionalidade da missão. Foi feito contracto com os elementos do Exercito Francez.

Actuando, porém, somente atravez das escolas, onde apenas ingressavam voluntariamente os elementos menos collocados na escala hierarchica, sem nenhuma influencia pratica nos accessos dos postos, sua acção, meramente technica, não tem produzido todos os resultados desejados.

Comtudo, novo e consideravel lanço para a frente desde logo se manifestou. Deu-nos ella uma doutrina de guerra, traduzida em regulamentos de armas e serviços que ensinou interpretar aos que passaram por suas escolas.

Mas esse maximum assim attingido representa de facto um valor latente e muito reduzido em comparação do que devia ser obtido.

✱ ✱ ✱

Resta ainda a operar um trabalho de reeducação, de reforma de habitos e costumes, de mentalidade, de modo a que se traduza por praticas costumeiras e generalisadas a assimilação das doutrinas regulamentares.

Não basta conhecer os regulamentos, ter sciencia de sua existencia, é preciso saber cumpril-os. E cumpril-os.

O resultado total neste sentido só pode ser obtido depois que uma reforma dos processos de promoções assegure uma constituição normal dos quadros; e depois que a organização e o pleno funcionamento dos E. M. proporcionem aos chefes meios de exercerem acção continua e coordenada, sempre conforme com os progressos que houverem sido já realisados.

Mas até lá muito pôde contribuir a acção de cada um em sua esphera individual para que se vá transformando cada vez mais o ambiente. Essas acções mesmo apparentemente isoladas, a despeito de contrariedades e de decepções irão a pouco e pouco reagindo e cada vez mais operando a transformação. E a prova temos no que já foi feito até agora. Preciso, portanto, e continuar; mas agora, que os regulamentos de armas e serviços já existem, no sentido franco da reeducação dos habitos e costumes pela pratica, mais fiel possivel, desses mesmos regulamentos, numa tendencia cada vez mais accentuada para pureza e a verdade das cousas.

E esse trabalho realisado, haverá, então, facilidades bem maiores para obter o resto. O Exercito não mais se apresentará por certos de seus individuos, em publico: e sim pelos seus órgãos os mais legitimos e naturaes com plena responsabilidade. Haverá um prestigio normal e valioso sem o qual difficilmente encontrarão solução as necessidades da defesa nacional.

Elle, operando como reagente e estimulante, deve ter a energia necessaria e essa energia é o seu proprio valor real.

MARECHAL FOCH

"Les formes évoluent, les principes directeurs subsistent". — FOCH.

"La victoire est aux armées qui manœuvrent, c'est à dire, qui sont les plus instruites.

Chaque jour davantage elle réclame de tous le "Savoir". — FOCH

A figura majestática do Grande Marechal da Victoria projectou-se sobre o mundo inteiro em toda sua grandeza por occasião de seu passamento, isto é, de sua entrada triumphal no mundo da immortalidade.

Nós não podemos deixar de registrar em nossas paginas a repercussão desse acontecimento de tão alto relevo. Além dos serviços de ordem geral que todos lhe devemos por ter dirigido as hostes victoriosas da segunda batalha do Marne, da admiração que lhe consagramos pelo seu saber, que soube tão bem transmittir e fazer fructificar, ha a influencia de seu genio constituindo como que a solida base de nossa cultura profissional.

A doutrina de guerra que professamos, o methodo porque tratamos os phenomenos da guerra, aqui trazidos por Gamelin e os officiaes M. M. F., assentam nas formidaveis lições da historia que Foch interpretou e que ensinou a interpretar. Nada ha de novo a acrescentar ás suas obras "DES PRINCIPES DE LA GUERRE" E "DE LA CONDUITE DE LA GUERRE", a tal ponto são ellas claras, verdadeiras e precisas. Elle applicou nos pontos de lucta que occupou os principios, methodos e conselhos que apregooou. Verificou-os sob varias fórmas e em diversos escalões do commando. Vio-os applicar com maestria e successo por seus discipulos e tambem ponde verificar que eram logo castigados por cahir em situações de graves consequencias ou em erros irreparaveis, aquelles que os despresavam.

E com isso deu-nos mais uma de suas soberbas lições: a confiança que devemos ter em nossos principios e o criterio com que devemos segui-los.

E não só. A propria carreira militar de Foch, a sua impecavel conduta de soldado moderno, que **nenhumas** seducções jamais conseguiram desviar, toda sua vida, emfim, deve constituir motivo de meditação para nós.

"A Defesa Nacional" rende suas homenagens do grande soldado e pensa não poder fazel-o de fórma mais expressiva que reproduzindo as palavras que sobre elle proferiu o Sr. Gen. Spire Chefe da M. M. F. e que trascrevemos, data venia, de "O Jornal":

— "A vida de Foch é simples e bella como tudo o que é grande.

Resume-se nestas simples palavras — ser-

intelligencia, toda a sua energia. Para conseguil-o — Foch em tempo de paz foi um homem de estudos. Assim preparou-se para a acção.

No tempo da guerra foi um homem de acção. Assim preparou-se para a victoria.

Reflectiu profundamente sobre todos os problemas da guerra, estudou todas as campanhas dos grandes capitães e assim deduziu os grandes principios que são a essencia da sua doutrina de guerra. Os acontecimentos de 1914 encontraram-no preparado; apesar de sua grande modestia.

Patenteara o seu valor nos ensinamentos magistraes do seu curso na Escola de Guerra.

Deante do inimigo esse valor, brilhou aos olhos de todos de fórma indiscutivel, tanto que, desde os primeiros acontecimentos a sua personalidade destacou-se para o primeiro plano.

NA GUERRA — Commandava um corpo de exercito no momento da mobilização, elle, um mez mais tarde commandava um destacamento de exercito, depois um exercito cumprindo-lhe supportar, na batalha do Marne, o choque dos exercitos allemães no ponto em que elles desenvolveram o seu maior esforço.

Desde então e durante todo o periodo da guerra, ora como delegado do commandante em chefe, ora como conselheiro tecnico do governo, elle apparece onde quer que o perigo se fazia sentir mais intenso, onde havia mistér de uma decisão difficil, até o dia emfim que, pelo consentimento geral, sem distincção de nacionalidades foi investido do commando supremo dos exercitos alliados.

Desde esse dia a victoria acampou entre os Alliados.

Foch imprimiu ás operações dos ultimos mezes um vigor até então desconhecido. Vi-brando um golpe no inimigo elle preparava logo o seguinte, aos ataques succediam-se os ataques, até o dia em que o adversario, tendo esgotado todas as suas reservas, viu-se constrangido a uma retirada precipitada, a uma verdadeira derrocada, e emfim ao pedido de armistício — unico meio de poder salvar alguma coisa da catastrophie. Foch grande pensador militar, grande chefe de guerra, permanecera como uma das figuras dominantes da historia. Personificou a Vontade servida pela Intelligencia.

O problema da Defesa Nacional

Pelo Dr. CARLOS SAMPAIO

(Antigo Prefeito do Districto Federal)

N. R. — Publicamos abaixo um artigo da autoria do Dr. Carlos Sampaio, publicado em O Jornal, desta Capital.

Sem duvida incompleto e encarando apenas alguns traços do problema, tem para nós sobretudo, a grande importancia de revelar mais um signal do despertar das atenções das nossas elites para taes assumptos, os magnos assumptos da Patria.

Este primeiro passo dado, isto é, o interesse das cogitações sobre as questões da defesa nacional despertado ao nossos homens de intelligencia e de cultura, essa intelligencia e essa cultura chegarão facilmente a atinar com as necessidades e os meios facéis de satisfazer-as.

O difficil não é aqui resolver as questões e sim fazel-as conhecidas d'aquelles que as devem solucionar.

Felizmente ha, actualmente, um movimento salutar em nossas elites.

Transformer nos soldats français, d'abord en soldats de guerre civile chez nous, ensuite, en soldats au service de la révolution mondiale, c'est-à-dire en gardes rouges au service de la III^e Internationale. C'est un pacifisme étrange qui présente les aspects les plus affreux du bellicisme, un pacifisme à rebours, dont vous devinez tout de suite les conséquences immédiates: la rébellion, la désertion, l'avilissement de la conscience nationale, la déchéance de la patrie." — *Chiappe*, Prefeito da Policia de Paris — Discurso proferido em 30 de dezembro de 1928.

Preparar a Nação para se desenvolver e progredir, provocando por essa fórmula a cobiça dos povos em que o imperialismo do capital ou do operariado ainda não desapareceu nem "talvez" desapareça, sem salvaguardar-se a propria existencia com os elementos de defesa indispensaveis, — é condemnar a nossa patria a um insucesso lastimavel e desastrado.

O estado inquietante em que se encontra o mundo inteiro, em que o desarmamento de cada nação é limitado pelas necessidades da sua defesa, mostra claramente quão longe estamos do ideal de paz almejado por todos, em todos os tempos e em todas as épocas.

Acabar, porém, com as guerras entre povos, aticar, com mais fervor as guerras civis e especialmente entre classes, todas estas essências ao desenvolvimento e ao progresso dos povos, é evitar um mal menor para almentar e agular um cataclysmo que acabaria por destruir a civilização.

Por outro lado, cada nação quer reservar para si o direito de determinar o limite do seu desarmamento, função do seu coefficiente de segurança na defesa, conforme o seu caso particular, umas julgando indispensavel um exercito formidavel, patente ou em forma potencial, outras só se considerando seguras com um certo "standart" do seu poder naval; outras ainda, recorrendo ao poder submarino ou ao aereo; e, se se observa a maneira por que todas se applicam á descoberta de novos meios de destruição, ou de aperfeigoamento dos existentes, cada vez mais formidaveis e mortiferos, sente-se uma tristeza infinda ao contemplar o que se passa no nosso paiz especialmente em relação ás questões de Marinha e Aviação.

Paiz com uma immensa costa e com grandes rios navegaveis que invadem o seu interior nas zonas as mais ricas, não se pode comprehender a verdadeira incuria em que se acha a nossa Armada outr'ora tão brilhante e respeitada. E' de pasmar até como o Brasil sustenta uma commissão naval americana de ef feitos uteis incontestaveis e indiscutíveis, se este bem organizado preparo da nossa illustrada e dedicada officialidade só serve para destinar os nossos officiaes e os fazer abandonar a carreira pela crença e desesperança de verem melhorar um estado de coisas, que se lhes revela cada vez mais calamitoso á medida que o seu espirito vae sendo esclarecido com os conhecimentos que vão adquirindo na Escola Superior de Guerra!!

Admira mesmo que se continue a desperdiçar nas obras do dique da ilha das Cobras onde já se gastou cerca de uma centena de milhares de contos, ainda muitos outros milhares com a pretensão de se construir ali um Arsenal que nunca conseguiria ter área sufficiente, que, mesmo com o mais modesto objectivo de ser uma officina de reparações, nada mais teria de reparar quando concluido, por falta de "navios" a serem concertados, tal o estado em que então se devem achar as nossas unidades de guerra quando menos não seja por se terem tornado obsoletas?!

SOLUÇÃO NATURAL

Pois não era mais natural reservarem as avultadas sommas que se gastam em obras de utilidade discutivel, em concertos de navios já condemnados e no incremento assombroso do nosso funcionalismo publico, para constituir a base, como serviço da dívida, de uma operação financeira que nos permittisse a realização de um programma naval previamente estudado e debatido?

Não se teria mesmo a probabilidade, se não a certeza, de que os grandes constructores navaes dos diversos paizes estariam dispostos a concorrer para pôr em obra a execução do plano mediante o pagamento em titulos do governo?

brasileiro emitidos exclusivamente para esse fim, tal emissão sendo subscripta por esses constructores os seus banqueiros e auferindo juros somente depois de utilizados os respectivos títulos nos pagamentos que forem executados.

No proprio orçamento da Marinha se encontrariam verbas que mais utilmente seriam applicadas nesse serviço da divida contrahida.

Por outro lado, a Marinha mercante, que, durante a Grande Guerra, se mostrou um auxiliar indispensavel da Marinha de Guerra, devia estar sob a jurisdicção do Ministerio da Marinha, tornando-se uma fonte de renda, e não um sorvedouro, dos dinheiros publicos e constituir uma escola pratica para os nossos officiaes subalternos cuja promoção deveria depender do estadio que ali fizessem.

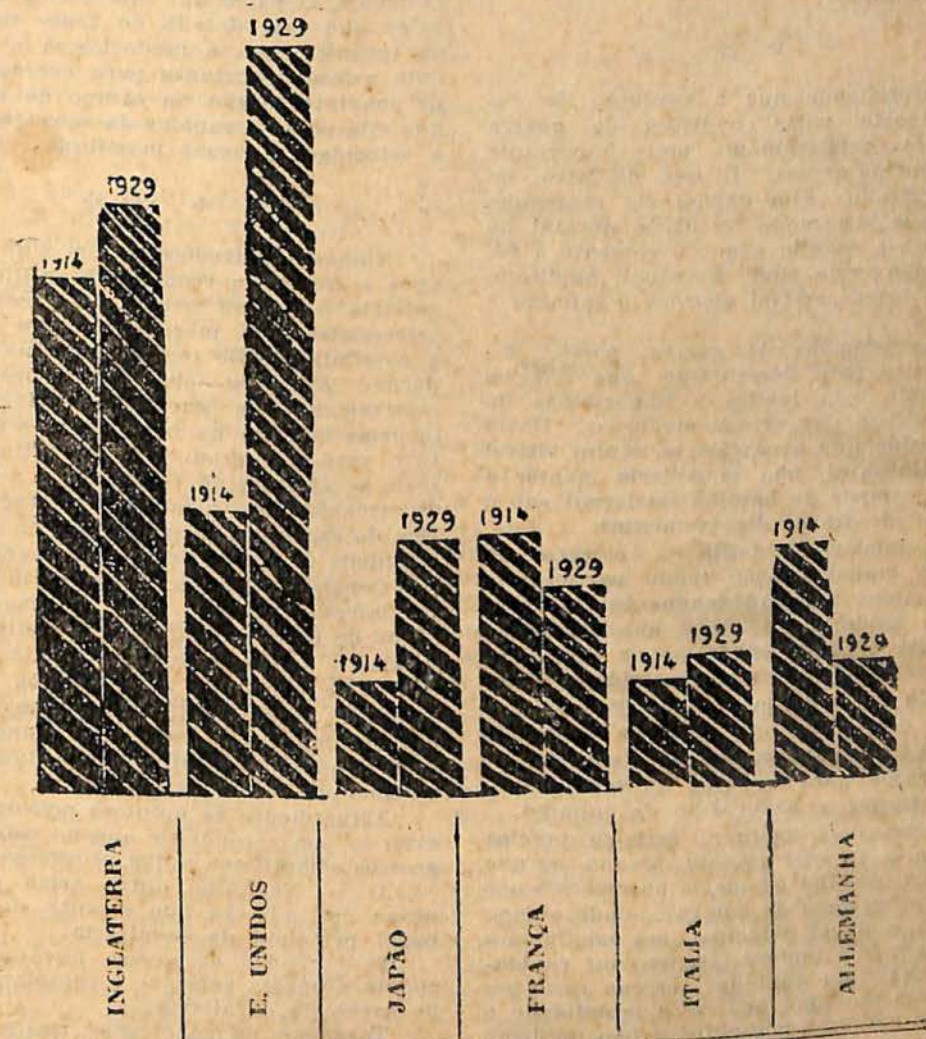
Para tudo isso, porém, é necessario muito e muito patriotismo e uma melhor comprehensão da parte de alguns de nossos officiaes fe-

lizmente em muito pequeno numero, de, que as armas que a Nação lhes confia não devem em caso algum ser empregadas contra a propria nação.

Nós tambem estamos destinados a ser uma grande potencia e devemos nos mirar no espelho da figura infra que é o graphico que mostra as despesas navaes das grandes potenciaes em 1914 e de 1929.

Não é da Argentina, nem do Chile, nações com as quaes devemos, ao contrario, manter as melhores relações, que nos podem vir receios, e sim antes de outros lados que nunca podem ser previamente conhecidos, porque a historia politica dos povos é cheia de surpresas.

Uma nação de riquezas naturaes tão variadas e abundantes e que, portanto, tem sobre si os olhos de todos os grandes paizes, não pode descuidar de um problema que é incontestavelmente o "sine qua non" da sua independencia e por consequencia da sua propria existencia.



Graphico demonstrativo das forças militares das seis maiores potencias do mundo

O PAPEL DA CAVALLARIA E SUA ORGANISAÇÃO

Condições peculiares ao Brasil

Pelo MAJOR LAPERCHE

(Da M. M. F. e professor da E. E. M.)

A Guerra, que trouxe grandes modificações na organização e nos processos de combate de todas as armas, determinou uma transformação particularmente importante na composição e na maneira de operar da cavallaria.

E', então, interessante ver quaes são as opiniões geralmente admittidas em relação ao emprego da cavallaria actualmente e salientar, o que representa um valor especial para nós, quaes são no Brasil as condições particulares que cream, para seu emprego, a **PRÓPRIA NATUREZA DO PAIZ** e o caracter de sua utilização eventual.

* * *

Não surprehende que a evolução da cavallaria, imposta pelas condições da guerra moderna, seja relativamente mais importante que a das outras armas. E' que, de facto, em todos os Exercitos, ella entrou em campanha crente de que seu modo de acção normal no combate seria a cavallo e que o combate a pé, pelo fogo, não seria sinão eventual, applicado quando não fosse possível abordar o inimigo a arma branca.

Algumas semanas de guerra, porém, foram bastantes para demonstrar que não se havia avaliado com justiça a importância da potencia de fogo das armas modernas. Havia se desconhecido que a cavallaria, muito visível e muito vulneravel, não se poderia manter a cavallo nos campos de batalha modernos sob o fogo, mesmo de fracos destacamentos.

Então, iniciou-se desde o começo da guerra uma transformação tendo por objecto dotar-a de meios mais adequados ás condições do combate moderno, pondo á sua disposição uma potencia de fogo conforme ás exigencias desse combate. Era uma necessidade absoluta revelada em todas as fontes. Fazia-se indispensavel que ella fosse tambem capaz de combater a pé com efficacia, dispondo de fogos poderosos para quebrar as resistencias, deter ou retardar a progressão do inimigo.

Mas, armando-a melhor, fazia-se preciso evitar tornal-a excessivamente pesada porque se era preciso dar-lhe os meios necessarios aos seus novos progressos de combate, onde o fogo representava o papel principal, era igualmente necessario que ella pudesse transportar rapidamente e atravez de qualquer terreno seus poderosos meios de fogo, utilisar a mobilidade e a velocidade em suas manobras e não perdesse a faculdade de combater a arma branca. Esta ultima eventualidade continuava a poder se apresentar para certas unidades, conforme o terreno e outras circumstancias.

Assim foi que se manifestaram certas modificações em seu armamento e em sua organização, definindo uma evolução que continuou e continuará sem cessar acompanhando os progressos que forem effectuados na fabricação do material de guerra.

A cavallaria é uma arma que soffre mais que qualquer outra a influencia das melhorias introduzidas no armamento, porque ella tem necessidade de possuir engenhos poderosos, mas leves e sob a forma mais manejavel, sem o que não poderá cumprir suas missões effizamente. O papel que ella tem a desempenhar exige que seja dotada de todos os progressos da technica, que a modernisem e aperfeiçoem num esforço constante para accrescer o poder de sua intervenção no campo de batalha, sem que ella perca a rapidez de seus deslocamentos, a velocidade de suas manobras.

* * *

Numerosas discussões têm sido sustentadas após a Guerra a respeito da utilidade da Cavallaria e de seu papel. Por vezes, theorias extremistas têm mesmo chegado a negar-lhe a possibilidade de ter emprego na guerra moderna. Apoiados sobre conclusões tiradas exclusivamente da guerra de trincheiras, taes theorias incidem na falta de se crer que o futuro verá a reprodução da ultima guerra e mais se afastam da realidade si se consideram as extensões dos theatros de operações da America do Sul que não permittem encarar a eventualidade de uma guerra sob aquella forma.

Constata-se, aliás, de outro lado que estas polemicas tornam-se cada vez menos intensas e que de todas as reflexões por ellas suscitadas resalta a formação de uma opinião geralmente admittida por todos que estudam, com imparcialidade, o conjunto das operações effectuadas em todas as frentes da Grande Guerra e com o mesmo espirito colhem tambem os ensinamentos de suas campanhas.

Actualmente as opiniões concordam, a bem dizer-se, em reconhecer que no estado dos progressos scientificos e dos progressos materiaes:

1º — Nenhuma outra arma pode incumbir-se das missões que sempre constituíram o papel principal da cavallaria;

2º — Todas as armas novamente creadas podem e devem reforçar e completarem os meios de acção da cavallaria.

Taes são as conclusões tiradas das experiencias da Guerra maduramente estudadas em todos os exercitos e taes são os principios que orientam o trabalho relativo á transformação da cavallaria. Apenas modalidades de

execução apparecem naturalmente relativas aos diversos exercitos, em vista das peculiaridades proprias aos diferentes paizes quer de ordem puramente militar, quer de ordem politica ou financeira.

A idéa de que nenhuma outra arma pode preencher o papel da cavallaria, e que nenhum duvida deixa aos que conhecem os processos de acção desta arma, é das que mais duvidas levantam entre os que não têm estudado por memorisadamente o character particular das missões que lhe são confiadas e o modo porque a cavallaria as cumpre. Taes modo de vêr assentam sobretudo na contemplação dos progressos realisados pela aviação e na adaptação do automovel como material de guerra, fazendo surgir a idéa de uma substituição vantajosa da cavallaria por estas novas armas.

No que se refere á aviação, é natural que se imagine que ella pode com proveito substituir a cavallaria, notadamente na procura de informações, o que é proprio d'esta ultima em todas as operações e que particularmente constitue uma das suas missões capitaes — a exploração. Mas é sufficiente considerar-se a natureza das informações que uma e outra arma fornecem, para se constatar que ellas se completam, não se contradizem e que, portanto, no estado actual das cousas, uma não pode substituir a outra.

Observe-se ainda que a cavallaria é tambem capaz de fornecer as informações que a aviação vae procurar ao longe, mesmo colhidas na zona de retaguarda do inimigo, enquanto que a aviação não é apta a desvendar os movimentos que este faz á noite ou em tempo brumoso, a desmascarar-o quando elle se cobre contra as vistas aereas. Em taes casos só a cavallaria, que opera no solo, pode descobrir o inimigo, tomar-lhe o contacto, segu'r passo a passo seus movimentos.

Sem querer mais insistir, podemos concluir este assumpto assignalando que cada uma destas duas armas tem suas aptidões especiaes e fornece informações de ordem differente. A aviação, com seu grande raio de acção e a rapidez na transmissão das informações, é a arma dos reconhecimentos de grande alcance, os quaes a cavallaria só tem podido realizar em condições bem inferiores.

Ao contrario, colher informações negativas certas ou mesmo positivas sob qualquer tempo, em qualquer terreno, mesmo coberto de matto; fazer prisioneiros, conhecer graças á manutenção do contacto, em todos os insanes, a situação do inimigo, são resultados proprios somente á cavallaria. Em outras missões, em que a procura da informação não é o principal objecto, muito menos ainda poderá a aviação pretender substituir a cavallaria. E', pois, totalmente erroneo querer oppor uma a outra e fazê-las rivaes: ellas se complementam e não podem substituir-se mutuamente.

Os detractores da cavallaria têm igualmente preconizado, para cumprir suas missões, a substituição mais ou menos radical das divisiões de cavallaria por unidade de infantaria transportada em caminhões e dotadas do armamento adaptado sobre material automovel.

Ainda aqui podemos verificar que as conclusões exageradas decorrem de um estudo muito superficial tirando falsos ensinamentos da guerra de trincheira, esquecida das experiencias da guerra de movimento, ainda a unica forma normal da guerra, que fornece fartos argumentos em favor da importancia do papel da cavallaria, particularmente nos paizes como o Brasil. E', porém, interessante constatar que os mais fervorosos partidarios do motor pertencem aos paizes que encaram o desenrolar das operações eventuaes de seus exercitos em regiões onde as vias de comunicação numerosas e excellentes permittem uma circulação intensa de automoveis e cujo terreno muito cortado e coberto offerece poucos espaços livres apropriados ao desenvolvimento das actividades da cavallaria. Ao contrario, nos exercitos que encaram o desenvolvimento das operações em theatros economicamente pouco desenvolvidos, possuindo uma rede de estradas de construção summaria e pouco extensa, não se põe em duvida o valor da arma de cavallaria, observação esta que é particularmente interessante para o Exército Brasileiro.

Aliás devemos assignalar que todas as experiencias que têm sido feitas, a titulo de estudo, após a Guerra, para se aquilatar a capacidade das grandes unidades automoveis para as missões de cavallaria, não têm dado, mesmo nas regiões favoraveis, resultados satisfactorios. A minima perturbação lançada pelo inimigo numa columna automovel entrava-lhe consideravelmente a marcha e mesmo corre ella o risco de paralisar-se. Além disso, não existem meios motorizados que permittam em qualquer terreno, informar e cobrir as unidades automoveis em movimento.

Mas, si nenhuma das novas armas pode substituir a cavallaria todas as novas realisações devem vir completal-a e reforçal-a, tornal-a mais efficaç, continuando a evolução iniciada desde o começo da Grande Guerra.

Hoje, a cavallaria não pode mais desempenhar seu papel, cumprir suas missões, sem se aperfeiçoar incessantemente, aproveitando-se dos progressos technicos diariamente realisados, em vista das qualidades que o desempenho de taes missões exige.

Quaes são, com effeito, as qualidades que della reclamam as missões a desempenhar? Grande mobilidade, poderosa força de fogo, velocidade e habilidade equestre.

Estas condições são contradictorias. Si se quer dotal-a de meios de fogo poderosos, corre-se o risco de sobrecarregar demasiadamente os cavallos, de tornal-a pesada a assim não se obter mais que uma infantaria montada, tornando-a incapaz de preencher o papel que se lhe pede. Si, ao contrario, quer se lhe conservar toda sua mobilidade, toda sua aptidão á velocidade, corre-se o risco de não obter senão uma potencia de fogo demasiadamente reduzida.

Allar, em justo equilibrio, os meios que lhe permittem agir pela força e pela surpresa, eis em que consiste, portanto, todo problema

proposto aos que têm a responsabilidade de sua organização.

Aproveitando os progressos realizados pela industria do armamento e do material de guerra, os differentes paizes, conforme as intenções e as condições que lhes são peculiares, têm dosado em proporção variavel a introdução das armas novas nas grandes unidades de cavallaria.

Uns, em vista de condições financeiras e da redução do tempo de serviço militar, procuram diminuir o numero de suas unidades de cavallaria, unidades custosas e que requerem um tempo mais longo para uma instrucção completa dos homens que as outras.

Tal conducta lhes é facilitada quando, como vimos, seu desenvolvimento económico e sua situação militar lhes facultam appellar para a intervenção em maior escala da tracção automovel.

Outros, inversamente, razões de ordem contraria conduzem a não diminuir mas até a augmentar os effectivos das tropas montadas.

Mas quaesquer que sejam as soluções adoptadas pelo diversos paizes para a organização de suas grandes unidades de cavallaria, os principios admittidos nos seus exercitos são os mesmos: **dispor de meios necessarios para dominar pelo fogo os effectos do fogo inimigo** que se oppõem á cavallaria no cumprimento de suas missões; ter uma mobilidade bastante para permittir-lhe, por movimentos rapidos e flexiveis, conduzir o mais perto possivel do inimigo seus meios de acção; e, emfim, conservar aos cavalleiros a leveza e a habilidade indispensaveis para poder manobrar e eventualmente atacar a arma branca.

Resumindo, a transformação capital operou-se por um accrescimento consideravel em seu armamento, salvaguardando-se no maximo suas antigas propriedades de **velocidade e de "aliant"**. Ella precisa com effeito continuar a ser audaciosa, mantendo suas qualidades especiaes, as que se vem ajustar uma **potencia de fogo** que no combate a pé lhe concede uma força, tornando sua interveção comparavel á da infantaria.

Defendamos-nos, porem, da idéa, que é preciso combater com grande cuidado, de que a cavallaria desceu em nossos dias á **condição de méra infantaria montada**. Nada existe de mais falso. A principal de suas propriedades continúa a ser a aptidão ao movimento, a mobilidade, a facilidade em seus deslocamentos, a velocidade de suas manobras, sem as quaes ella perde a razão de existir. Pode-se-lhe hoje attribuir, desde que ella apeie, um papel analogo ao do infante, mas o cavalleiro se distingue porque seu cavallo permite-lhe infiltrar-se rapidamente pelo terreno, utilizando os melhores caminhamentos para chegar de surpresa até onde se acha o inimigo. Uma cavallaria que apeiasse aos primeiros tiros de fuzil adversarios daria uma prova grave de incompreensão de seu papel. O que justamente a distingue das outras armas é esta aptidão em escapar-se bastante a tempo, tanto tempo quanto possivel, aos effectos do fogo inimigo; em não

engajar o combate a pé senão quanto já alcançou as ultimas cobertas que a separam do inimigo, quando não lhe é mais possivel progredir a cavallo; em romper bruscamente o combate para ir, graças aos seus cavallos, levar a outro ponto o poder de sua acção. De uma semelhante acção só ella é capaz com a condição, porém, de conservar todas as qualidades equestres. Só ella tem sobre todas as outras armas essa superioridade de mover-se com velocidade em terreno variado permittindo-lhe aproveitar as mascaras e cobertas para manobrar até a immediata proximidade do inimigo.

Sem querer prejudicar vamente, podemos dizer que será preciso ainda muito tempo para que os progressos a se realizarem permittam ao automovel e ao tank mover-se com a mesma agilidade da cavallaria em todos os terrenos e assim poder chegar de surpresa ás bordas do inimigo. Actualmente o caminhão automovel deve deter-se desde que chegue á zona em que pode ser alcançado pelo fogo inimigo; o tank continúa a ser uma arma para o ataque inapta porem, para as acções isoladas ou longinquas.

Assim o objectivo a alcançar, com a transformação da cavallaria, consiste em fazel-a **evoluir** mantendo todas suas tradicionais qualidades que elevam ao maximo sua potencia. Suas oportunidades de acção acham-se multiplicadas e suas acções ganharam a força que lhes fazia falta sem perder a faculdade do effeito de surpresa que lhes dá um valor primordial.

Esta força nella se accresce cada dia mais pelo augmento de armamento: — **metralhadoras** pesadas que são bem as armas especialmente apropriadas ás operações da cavallaria em suas acções de surpresa e sobre grandes frentes; **metralhadoras leves** para o combate approximado; pelos canhões de sua artilharia a cavallo; e tambem pelo reforço de suas divisões com infantaria tornada o mais movel possível.

Sua mobilidade, ella a conserva graças aos cuidados pelo valor de seus cavalleiros e de seus cavallos. Augmenta, ainda seu raio de acção e a rapidez em manobrar pela adjuncção de elementos de aviação ás suas grandes unidades.

* * *

Assim, em vez de a encontrarmos diminuida em seu papel e substituida por novas armas, vemol-a, ao contrario, conservando toda sua importancia anterior e **evoluindo**, adquirendo um novo valor pelo aproveitamento dos progressos que diariamente se realizam.

Pelo facto, porém, de se haver tornado mais complexa, de se haverem multiplicadas suas oportunidades de intervenção, sua organização material e sua instrucção exigem aperfeiçoamentos e cuidados ainda maiores que outr'ora. O official e o cavalleiro devem possuir hoje conhecimentos mais extensos, porque lhes é indispensavel assimilar em grande parte conhecimentos proprios ás outras armas, sem prejuizos dos estudos e aptidões particulares da cavallaria.

Si de facto tornou-se seu combate normal, o combate pelo fogo, não é menos evidente que todas as missões de cavallaria comportam uma proporção de manobras e operações a cavallo que na maioria dos casos representam a maior parte de seu trabalho.

Por isso em todos os exercitos admite-se que unidades de cavallaria mais ou menos importantes, conforme as opiniões dominantes no paiz, terão ainda occasiões de atacar o inimigo a arma branca, occasiões estas para o Brasil tanto mais prováveis quanto são ellas favorecidas pela extensão dos theatros de operações que offerecem vastos terrenos livres e favoráveis ás acções por surpresa.

E' necessario, então, desenvolver a habilitade equestre, o espirito cavalleiro, l'entrain e l'allant, que só se adquirem por uma instrução a cavallo muito cuidada e desenvolvida.

Emfim, o cavallo, que precisa ser capaz de fazer, sob uma grande carga, longas marchas e movimentos rapidos, em andaduras vivas atravez de qualquer terreno, não poderá corresponder a estas duras exigencias se a cavallaria não continuar a cuidar de sua remonta tanto quanto no passado, ao menos, e do mesmo modo não se esmerar pelo ensino dos seus cavallos e a perfeição de seus arreamentos.

Em resumo, todos os exercitos trabalham actualmente pela evolução e pelo aperfeiçoamento de suas cavallarias, porque sua tarefa que sempre foi delicada e difficil tornou-se na guerra moderna mais complexa. Assim, ella que foi sempre delicada e difficil de empregar, requer agora, que se tornou uma arma de possibilidades de acção tão diversas, uma aptidão maior e conhecimentos mais extensos aos que têm as responsabilidades de a organizar, de a instruir e de a commandar.

Mas, ninguém põe em duvida que o papel de uma cavallaria instruida, equipada e commandada a moderna, conserva toda sua importancia preponderante e merece uma attenção muito especial.

II — CONDIÇÕES PECULIARES AO BRASIL

Cada paiz tem suas características proprias: sua geographia physica, sua situação politica, seu desenvolvimento economico, etc. Todos estes elementos reagem sobre a organização dos exercitos e particularmente exercem consideravel influencia sobre a importancia e a organização da cavallaria.

O Brasil possui um immenso territorio com fronteiras muito extensas. Em razão mesma desta grandeza não poude ser dotado ainda de uma rede ferroviaria e rodoviaria muito desenvolvida e, em grande parte, o terreno fica livre ao movimento de grandes unidades. Dahi resulta immediatamente para a cavallaria um valor particular. E' ella a unica arma que pode, de um lado, deslocar-se rapidamente atravez de todos terrenos e que, de outro, não encontra obstaculos que se opponham á sua liberdade de manobras como se dá nos paizes de situação economica muito desenvolvida.

Só ella pode, graças a seus cavallos, deslocar rapidamente suas grandes unidades com todo seu material e todos os seus meios de combate.

Nenhuma outra arma, constituida em formações importantes, poderá rivalizar em mobilidade com as divisões de cavallaria, mesmo com o emprego da locomoção automovel que em guerra. Será, então, graças aos elementos audaciosos. Aqui, a locomoção automovel não pode ser encarada para taes grandiosidades porque as estradas são muito pouco numerosas e insufficientemente resistentes em vista de um trafego intenso e pesado como o que ocorre em guerra. Será, então, graças aos elementos exclusivamente hippomoveis que as grandes unidades de cavallaria poderão no estado actual (e o exercito deve ser adaptado ás possibilidades presentes) possuir e uzar suas qualidades caracteristicas: — mobilidade e surpresa.

E', aliás, interessante constatar os resultados das experiencias feitas depois da guerra por certos exercitos, em virtude de campanhas se desenvolvendo sobre theatros de operações cujas condições de terreno apresentam grandes analogias com os nossos. No decorrer da campanha de Marrocos em 1926 a cavallaria demonstrou todo seu valor em meio das difficuldades de viabilidades que tornaram muito precario o emprego de materiaes automoveis. E' nesta ordem de idéas que a França que reduziu o numero de regimentos de cavallaria metropolitana augmentou o da do Norte Africano; que a Russia, paiz de grandes extensões e de communicações pouco desenvolvidas, longe de reduzir a arma de cavallaria, após os ensinamentos da guerra de 1920 contra a Polonia, admittio a formação de exercitos de cavallaria.

A importancia da cavallaria no Brasil ressaltará ainda mais evidente si nós estudamos em suas grandes linhas as principais missões que lhe poderão caber no curso de uma campanha eventual e como as desempenhará. Assim, concluiremos mais facilmente as necessidades a que deve satisfazer a organização de suas grandes unidades.

* * *

No inicio das hostilidades, a cavallaria tem a missão normal de assegurar a cobertura, isto é, de proteger a construcção e de oppôr-se ás tentativas do inimigo para transpor a fronteira. Como executará ella esta missão?

Dispondo de destacamentos leves estendidos sobre uma frente muito larga, apoiada na retaguarda por fortes reservas promptas a se lançarem rapidamente sobre os pontos ameaçados.

A cooperação da aviação facilitará grandemente a tarefa da cavallaria, assignalando-lhe os pontos importantes da concentração inimiga, a marcha e a direcção de suas columnas.

Esta cobertura só a cavallaria a pode assegurar, em grande parte, no Brasil. Nos paizes ricos em vias de comunicação, é possível constituir reservas a serem rapidamente transportadas em automoveis por numerosas vias de

rocada que as permittirão conduzir ao ponto desejado, mas aqui só o cavallo dará ás reservas a mobilidade necessaria e indispensavel.

Esta missão defensiva, que é uma modalidade da segurança executada pela cavallaria em favor das outras armas e que achará numerosas applicações no decorrer das operações, poderá igualmente comportar o exercito de acções retardatrizes em relação á progressão do inimigo. Ainda aqui, só a cavallaria possui qualidades para conduzir a bom termo semelhante empresa. E' que se trata em tal hypothese de, uma vez conhecidas pelas informações da aviação e da descoberta terrestre os movimentos das tropas adversarias, levar o mais longe e o mais rapidamente possível, deante dellas elementos que offereçam resistencias á sua marcha. Isto não quer dizer marchar ao encontro do inimigo mas alcançar o mais rapidamente possível o mais longinquo corte do terreno, que é possível alcançar em tempo util e favoravel ao estabelecimento de uma primeira resistencia.

Mais ainda, arma rapida para ganhar terreno, arma poderosamente dotada para oppor ao avanço inimigo uma barragem de fogo, arma flexivel e movel capaz de actuar sobre os flancos e até sobre a retaguarda, sobre qualquer parte em que o inimigo apresente um ponto vulneravel, a cavallaria possui toda capacidade de acção para tirar proveito das oportunidades.

Além disso, o ponto delicado para o exercicio das acções retardatrizes é interromper o combate, para ir organizar á retaguarda uma nova resistencia. Graças á mobilidade dos seus cavallos de mão, ella pode desprender-se rapidamente do combate, e, por sua velocidade, dispor de tempo e espaço que lhe permittam estabelecer-se sobre uma outra posição, de antemão balisada.

Os mesmos elementos podem na cavallaria ir occupar a nova posição enquanto que para outras armas seria preciso ahí empregar outras tropas para acolher as que têm combatido na posição anterior e offerecer nova barragem, porque não dispondo de velocidade ellas não podem escapar rapidamente como os cavalleiros á pressão do inimigo.

Desde o inicio das operações pode tambem a cavallaria ser, do mesmo modo, empregada offensivamente. Por exemplo, si o commando quer lançar a perturbação na mobilização ou na concentração do inimigo, pode dar a grandes unidades de cavallaria a missão de penetrar a força em seu territorio para transportarem-se a determinadas regiões e alcançarem certos pontos, operações que são mais fructuosas nos paizes de fraca rede de communicações, accrescendo a importancia dos pontos de passagem forçada e dos nós ferroviarios.

Desde o começo igualmente, receberão as grandes unidades de cavallaria a missão de se lançarem em explorações para precisar, pelo contacto em terra, as informações fornecidas pela descoberta aerea. Hoje, como se procede a esta exploração?

Em consequencia da facilidade com que fracos elementos de fogo podem deter os or-

gãos de descoberta admittese que os destacamentos que a operam devem ter força para quebrar uma resistencia e leveza para se mover facilmente. Elles serão, então, constituídos de um ou mais esquadrões, ou mesmo de elementos mais fortes dispondo de artilharia. O grosso da divisão, no caso em que estes destacamentos sejam contidos por forças superiores a de que elles dispõem, deverá achar-se prompto para intervir abrindo-lhes as portas.

Nestas grandes operações, independentes, nós vemos ainda tomarem relêvo estas condições — mobilidade e força; mobilidade que permittir investigar uma zona por toda parte, rapidamente a procura do inimigo e seguir depois seus movimentos; força sem a qual a operação será interrompida antes de realizar seus objectivos e sem a qual não poderão os elementos incumbidos da missão permanecer nas regiões interessantes ás pesquisas.

Com o correr das operações de guerra, a todas estas formas de actividade que encontram numerosas oportunidades para se reproduzirem, tem ainda a cavallaria de accrescer ás suas incumbencias e cooparticipação na batalha, em intima ligação com as outras armas.

Antes, durante e depois da batalha ella é no Brasil, mais que em qualquer outra parte "a arma do Chefe", que nella encontra a força movel, unica apta ás missões numerosas e variadas cuja execução é indispensavel ao exercicio do commando.

Fornecer constantes informações sobre a situação do inimigo, retardar-lhe a marcha, operar contra seus flancos, de surpresa; intervir rapidamente sobre todos os pontos sensiveis do adversario; tapar um intervalo que se abre ou uma brécha que se produza no dispositivo do exercito; ou, ao contrario, aproveitar uma brécha que se manifeste no dispositivo do inimigo para penetrar por ella e mais enfraquecel-o; são alguns exemplos de oportunidades em que o commando pode achar somente na cavallaria o elemento possuindo a potencia do fogo necessaria e bastante movel para com elle preparar a batalha e conduzi-la.

Quando o momento da decisão se aproxima em virtude da mobilidade que seus cavallos lhe emprestam e da potencia de seus fogos, a cavallaria age por surpresa sobre os flancos e retaguardas adversas, apressando a solução, augmentando a desordem material do inimigo já abalado. Emfim, graças á sua leveza ella pode se ligar ás columnas do inimigo em retirada, impedil-as de se refazerem precedel-as em suas linhas acolhimento, disputar-lhes os pontos de passagem forçada, acabar sua desorganização. E' a perseguição que permite a cavallaria bem commandada e bem instruida obter resultados consideraveis e que podem ter uma importancia decisiva.

Em todos estes empregos, nós vemos sempre uma combinação intima da mobilidade e do fogo e, portanto podemos concluir que uma cavallaria sem estas propriedades não poderá prestar os serviços que se esperam della.

Sem mobilidade, suas operações, fazendo-

se lentas, serão presentidas pelo inimigo que terá tempo de se preparar contra ellas e, assim, não haverá surpresa; sem a potencia de fogo, ficará ella desarmada em face do adversario, que facilmente poderá barrar-lhe a estrada, e então suas intervenções na batalha serão sem effeito apreciavel.

Alguns exemplos nos indicam, particularmente para as vastas extensões que podem vir a ser theatro para o emprego da cavallaria brasileira, cujas grandes unidades teriam frequentemente missões longinquoas e independentes a cumprir, o que necessita a organização das divisões, como devem ellas ser largamente dotadas de tudo o que é necessario a suas operações e a seus reabastecimentos de toda natureza.

Além disso, será possível conforme as circunstancias attribuir-lhes reforços das outras armas, o que requer possuam ellas estados maiores bastante importancia, capazes de fazerem face ao accrescimento de trabalho d'ahi resultante.

Uma divisão de cavallaria deve ter effectivos sufficientes para poder cumprir suas missões, que comportam geralmente destacamentos mais ou menos importantes lançados em descoberta, unidades encarregadas de manobrar, reservas disponiveis na mão do chefe. Para corresponder a estas necessidades, a composição que geralmente se admite como sendo a melhor é a da divisão a tres brigadas de dois regimentos. Tal organização attende ás possibilidades do commando por um só chefe e é sufficiente para conduzir a bom termo uma operação de cavallaria. A artilharia que lhe é affecta deve possuir um material bastante leve para poder seguila a todo tempo e possuir um numero de grupos em relação com o das brigadas.

Um serviço que merece attenção particular no Brasil é o das transmissões, que attende á necessidade de fazer chegar rapidamente as informações e permite, nas operações isoladas e longinquoas, manter a ligação com o alto commando e com o Exército a que taes operações mais directamente interessam.

Na maior parte dos casos, a cavallaria tem grande interesse em possuir um apoio de infantaria que traz a vantagem de não somente augmentar a potencia em suas acções de combate mas tambem de aliviar consideravelmente em numerosos casos, tomando a si a guarda dos bivagues, a occupação de pontos importantes, a segurança das communicações etc. No Brasil o ponto delicado neste assumpto é o transporte destes elementos em boas condições de velocidade para que não constituam elles um peso morto para a cavallaria. O automovel e a bicycleta que satisfazem no caso como meio de locomoção em muitos paizes, não podem ainda ser encarados como solução boa para o Brasil.

E' uma solução dotar-se as divisões de cavallaria de batalhões de infantaria montada, mas não é isenta de inconvenientes, entre os quaes os principaes são: — **velocidade reduzida** (não se pode contar com velocidade maior que a do passo—difficultando o acompanhamento da cavallaria em seus deslocamentos;

—necessidade de consumir effectivos para guarda dos cavallos de mão.

Ao contrario, esta solução tem a vantagem de ser economica, em tempo e dinheiro, quanto á constituição destas unidades, cuja instrução é mais facil e cuja remonta não precisa ser tão cuidada como a dos esquadrões.

Uma outra solução poderia ser a de reforçar o armamento de uma das brigadas de cavallaria e seu equipamento, dando-lhe uma aptidão maior para o combate a pé. Esta formula, porém, apresenta grandes defeitos; requer os mesmos cuidados de organização e de instrução que as outras unidades de cavallaria; a especialização ao combate a pé e o maior peso inevitavel para augmentar sua potencia de fogo, tiram-lhe em parte suas qualidades cavalleiras.

E' uma questão que merece um estudo aprofundado e cuja solução só a experiencia pode decidir do modo mais vantajoso.

Emfim, a divisão de cavallaria deve ser dotada de meios para o reabastecimento e o remuniciamento necessarios á sua liberdade de acção e capazes, portanto, de garantir-lhes as faculdades de viver e combater qualquer que seja a amplitude de seus movimentos.

Aqui tambem apparece a necessidade de dotar estes serviços, de capital importancia, da mobilidade indispensavel.

Neste caso pelas razões já expostas não se pode pensar ainda em recorrer ao automovel que mais das vezes, atravez de muitas regiões, não poderá seguir a tropa.

Mas, como antes de tudo é preciso conservar á cavallaria sua mobilidade, surge a necessidade de estudar a organização de columnas hypomoveis batante ligeiras e capazes de se adaptarem a todas as circunstancias de terreno, e de afastamento das bases de reabastecimento.

A constituição base da D. C. é estabelecida de modo firme mas deve permittir-lhe receber reforços de unidades de todas as armas cuja importancia variará com a natureza da missão. Por exemplo, a aviação representa um papel de primeira grandeza em proveito das operações de cavallaria, notadamente no Brasil onde a immensidade do territorio dá á rapidez de seus reconhecimentos um valor consideravel na orientação das grandes unidades sobre as zonas interessantes para ellas, evitando-lhes um trabalho de pesquisa que retarda sua intervenção. Conforme o caracter da missão, o reforço de uma grande unidade em aviação deve ser mais ou menos forte, do mesmo modo que deverão variar os reforços que lhe serão concedidos em infantaria e artilharia.

Todas estas considerações devem constituir objecto de previsões, assim como desde o tempo e paz deve igualmente ser regulamntada a formação eventual de corpos de cavallaria pela reunião de varias divisões.

Particularmente, como havemos já assignado, na composição dos E. M. das grandes unidades de cavallaria, deve-se ter em conta a eventualidade de casos, tão variaveis: a im-

provisão em campanha é sempre defeituosa e mesmo nefasta.

✱ ✱ ✱

Mas, se é permittido encarar um papel de importancia accrescida pela evolução da cavallaria e por seu progresso, é indispensavel tambem ter em consideração as novas difficuldades trazidas por sua organização e por sua instrução e que se pode resumir:

— no ponto de vista da organização — qualidade dos cavallos, arreiamento, equipamento dos homens, transporte do armamento, mobilidade da artilharia;

— no ponto de vista da instrução — conhecimento dos officiaes, aptidão dos cavalleiros a cavallo e a pé, destreza no tiro, treinamento e estado dos cavallos; qualidades que têm dado provas de valor no passado e as quaes se vêm juntar todas que são inherentes ás novas formas de possibilidade de acção.

Materialmente, é preciso considerar a **qualidade dos cavallos** que devem ser capazes dos mesmos serviços que no passado mas sob uma carga maior, proveniente do augmento das munições, utensilios etc., devem ser **robustos**, **ageis** e tambem de um **typo leve**, particularmente no Brasil, porque o cavallo que tem muita massa é menos agil e se fatiga depressa nas andaduras vivas e nos terrenos variados e é de outro lado, um **consumidor de forragem**, cujo estado decêe rapidamente quando sobrevêm difficuldades no reabastecimento.

E, preciso ainda um arreiamento cuidadosamente estudado, bem equilibrado e forte; e, **para cada sella um perfeito ajustamento** ao lombo do cavallo sem o qual sobrevêm ferimentos e excessivas pisaduras.

As mesmas atenções merecem o fardamento e o equipamento do cavalleiro para que estes possam ser, **por tempos e climas variaveis** tão aptos a cavallo como a pé.

A maneira de transportar os fuzis metralhadores, as metralhadoras, a escolha do material da artilharia a cavallo capaz de permittir a acompanhar a cavallaria por toda parte e em todas as andaduras, são outras questões que não admittem a menor negligencia.

Em relação á instrução, as funcções do official de cavallaria têm sempre exigido conhecimentos, **rapidez de julgamento**, **espírito de iniciativa** tão desenvolvidos quanto possivel, porque seu papel é mais complexo que nas outras armas. Além do mais, elle é empregado em numerosas circumstancias em missões isoladas e longinquas que reclamam uma habilitade profissional e um espirito de decisão á altura das responsabilidades de taes missões; elle precisa ainda conhecer os processos de combate das outras armas, notadamente da infantaria e saber o que se pode esperar dos armamentos novos; saber trabalhar em ligação com todos os elementos que constituem os modernos exercitos em campanha.

Analogas exigencias devem ser feitas em relação aos graduados e cavalleiros. Será necessario assignalar, a titulo de exemplo as qualidades que devem ter os officiaes, os gra-

duados e os cavalleiros no exercicio de uma missão de descoberta, a importancia que se dá á uma informação e ao successo de sua transmissão ?

Para que o cavalleiro possa utilizar toda sua **aptidão** é preciso considerar como base de formação a instrução equestre. E' assim que vemos em todos os exercitos um cuidado cada vez maior com a instrução a cavallo; em desenvolver o espirito **arrojado** e **vivaz** da cavallaria, a habilitade e audacia dos cavalleiros, a educação e o treinamento dos cavallos. Todas estas condições são fundamentaes.

Sem uma instrução equestre desenvolvida, o cavalleiro se fatiga, fere seu cavallo, é incapaz de percorrer um terreno variado em andadura viva e de utilizar suas armas e cavallo. Sem as qualidades do infante, elle não poderá conduzir a bom termo no combate a pé uma acção que exige habilitade no tiro, capacidade de marchar a pé, treinamento nos trabalhos com ferramenta de sapa.

Esta simples exposição mostra quanto é complexo o trabalho do cavalleiro e como é arduo o papel do official de cavallaria. Mas nenhuma de taes condições pode ser desprezada porque a cavallaria que não souber realizal-as de um modo completo será um instrumento inutil.

E' ainda preciso notar que contrariamente ao que se passa para as outras armas que recebem numerosos reforços no dia da mobilização, as grandes unidades de cavallaria partem para a campanha com os elementos que ellas têm em tempo de paz: **ellas devem estar promptas**.

Isto constitue uma vantagem para o chefe de unidade que a tem preparada cuidadosamente mas acarreta-lhe o dever de velar em todos os instantes por sua instrução e seu treinamento, **inquirindo a todo momento se a tropa sob sua responsabilidade está prompta a partir immediatamente para campanha**.

A formação, a preparação e treinamento de uma cavallaria são obras de grande folego, como se pode facilmente deprehender do que dissemos.

Uma cavallaria digna do papel particularmente importante que tem a desempenhar no Brasil tem, pelo que expuzemos, antes que tudo de realizar as condições materiaes que são a base de seu valor. E', portanto, particularmente importante investigar se este grande paiz possui os elementos desejados para dotar seu exercito com uma cavallaria capaz da tarefa preponderante que lhe caberá numa guerra futura.

Sem hesitar pode-se responder affirmativamente e mesmo dizer que o Brasil se encontra entre as nações privilegiadas no que se refere ao numero e mesmo a qualidade dos recursos necessarios.

No ponto de vista da remonta, o paiz encontra em sua criação nacional cavallos que possuem boas qualidades de resistencia, de destreza e rusticidade que formam o cavallo de guerra. Basta ver as remontas que a cavallaria recebe, a ~~compração~~ ^{compração} de certos esquadras, os numerosos exemplares de selecção

fornecidos pelo paiz para avaliar-se o resultado que seria colhido por um serviço da remonta encarregado de seleccionar e encorajar uma criação correspondente ás necessidades da arma.

Um outro exemplo, a este respeito, pode-se ter nos productos obtidos pelos proprietarios que os fazem admirar nos hyppodromos como especimens irreprehensíveis da criação nacional.

Seria desejavel que um certo numero de provas de *steeple chase* militares convidasse o publico a se interessar pelos *performances* dos officiaes encorajando, recompensando e estimulando os esforços dos creadores de cavallos para o Exercito.

Aliás, num muito interessante artigo publicado ultimamente em "A Defesa Nacional" sob a assignatura de um autor particularmente qualificado, mostra-se que a remonta no Brasil não deixa de ser estudada por personalidades cuja competencia permite as melhores esperanças no futuro.

No que se refere aos homens, o recrutamento fornece-os possuindo, por uma questão mesma de raça, as qualidades physicas que caracterizam o cavalleiro delgados, ageis, apeos a todos os exercicios do corpo, constituindo recrutas particularmente facéis de pôr a cavallo e de bem assental-os na sella. Se se accrescenta que elles têm já em grande parte habito do cavallo e que montavam antes de serem incorporados, vê-se que facilidades, maiores que muitos outros paizes, se offerecem aos officiaes para a instrucção equestre de seus cavalleiros, que adestrados ultimamente nos principios que caracterizam a equitação militar asseguram a homogeneidade das unidades e o valor dos esquadões.

Não é inutil tambem lembrar a importante vantagem que se apresenta para o Exercito Brasileiro de poder constituir, sobre o immenso territorio do paiz, campos tão numerosos e extensos quanto é necessario á instrucção de combate de grandes unidades. E' nesses campos que se poderão reunir, completas as divisões de cavallaria, o que é indispensavel para que ellas se exercitem em condições se approximando ao maximo das de guerra.

As mesmas facilidades encontram-se em todas as regiões para a execução de manobras de conjuncto; é absolutamente necessario que as D. C. tomem parte em manobras combi-

nadas, de todas as armas, para se habituarem a trabalhar em ligação com ellas.

Pode-se então dizer, sem temer errar, que o Brasil entre suas innumeraveis riquezas, possui todos os recursos necessarios para dotar seu Exercito de uma cavallaria capaz da tarefa primordial que ella terá de preencher em campanha e digna dos altos destinos e do glorioso futuro deste grande paiz.

✱ ✱ ✱

Deste modesto e rapido apanhado não parece exaggero concluir que a cavallaria graças aos progressos já realizados, e ao proveito que ella poderá tirar sem cessar, dos processos technicos do futuro, vê suas possibilidades de acção augmentadas consideravelmente.

Além disso, ha notadamente no caso Brasileiro, missões de caracter vital para um exercito que não podem no estado actual de cousas ser desempenhadas por nenhuma outra arma, porque só a cavallaria possui, com a potencia de fogo, as qualidades de mobilidade e velocidade, que o cavallo lhe dá e que só elle pode dar em nossos dias. Não é duvidoso que num futuro mais ou menos proximo, o maravilhoso desenvolvimento do paiz, conceda á cavallaria brasileira melhorar ainda seu armamento e seus serviços pelo emprego dos transportes automoveis, mas isto não será mais que uma nova phase de evolução constante desta arma que deve dia a dia adaptar seus meios, de modo o usufruir todas as possibilidades proprias em que vive.

Mais ainda que outros paizes, o Brasil tem necessidade de uma forte cavallaria e mais que outros, do mesmo modo, possui elle os elementos, todos os recursos que condicionam seu valor.

Emfim, a propria natureza e a extensão do territorio offerecem a esta arma oportunidades e condições de emprego as mais favoraveis permittindo aqui esperar resultados muito mais importantes que em muitos outros theatros de operações.

E', então, com uma inteira confiança no valor e importancia de seu trabalho e no successo assegurado á seus esforços patrioticos que, em todos grãos da hierarchia, os que têm a nobre responsabilidade da organização e da instrucção da cavallaria podem consagrar-se a esta tarefa elevada.

Nota da Redacção

Devido a um embaraço de ultima hora não nos foi possivel inserir neste numero a continuação do trabalho do Cap. Ary Silveira — O tiro na Artilharia de Costa

Por essa falta pedimos desculpas ao autor e aos leitores.

Ficam para ser publicados no proximo numero, entre outros trabalhos, os seguintes:

— Os Estados Maiores e os Serviços — Cel Jasseron;

— As manobras de Cavallaria na 3ª Região — Cap. Orosimbo.

GUARANA'
IO DO KOLA
NUTRITIVO MUSCULAR
TONICO DOS NERVOS
REGULARISADOR DO CORAÇÃO
SILVA ARAUJO & CIA

Assump-tos Navaes

OS QUADROS DOS OFFICIAES DA ARMADA NO CONGRESSO

Pelo Commandante MUNIZ BARRETO

(Continuação do n. 183)

Um accrescimento de cerca de 60 officiaes superiores no quadro ordinario do Corpo da Armada, virá prejudicar o tirocinio necessario, indispensavel, essencial ao exercicio do alto Commando obrigando a conservar menos tempo embarcados os officiaes desses postos com o reduzido material flutuante de que podemos dispor.

Haverá um meio de evitar-se esse prejuizo, mantendo-se, ao mesmo tempo, as vantagens do projecto apresentado pelo Sr. Senador Lauro Sodré? Parece que sim. Possivel será ainda — e conveniente — ampliar-se, mesmo o que encerra elle de vantajoso, sem os maleficios que uma pura e simples dilatação de quadros visa certamente acarretar.

O projecto leva ao inconveniente de englobar em um mesmo quadro ordinario todos os Capitães de Mar e Guerra necessarios ás diferentes funcções que correspondem hoje a esse posto, o mesmo podendo dizer-se sobre os Capitães de Fragata, integralmente, e, embora em menor escala, tambem aos Capitães de Corveta.

Basta correr o mappa que acompanha o projecto, para verificar-se que, das 34 commissões destinadas aos officiaes do primeiro desses postos, apenas 6 são de embarque!

Das 59 que competem aos Capitães de Fragata, sómente 14 lhes correspondem a bordo; e das 129 destinadas aos Capitães de Corveta, unicamente 23 não são de terra.

Succederá inevitavelmente que, pertencendo todos esses officiaes ao mesmo quadro, destinando-se ao commando e aspirando ao almirantado, deverão elles forçosamente fazer o tirocinio de bordo como manda o Regulamento de promoções: 2 annos para os Capitães de Corveta e de Fragata, e 1 anno para os Capitães de Mar e Guerra. Esses prazos, que constituem simplesmente marcados na lei de accesso, são minimos; e a administração naval deve sempre providenciar para que todos possam completal-os o mais cedo possivel.

Começa ahi a surgir o primeiro inconveniente da dilatação dos quadros. Haverá que substituir-se, logo ao cabo de 24 mezes, um excellente commandante, cuja maior permanencia no cargo seria vantajosa ao serviço e lhe daria maior experiencia para ascender ao generalato, — porque um outro, muitas vezes de valor inferior, não raro de capacidade mediocre, sem grande enthusiasmo pela profissão, tem de embarcar e commandar para poder ser promovido, encarando apenas esse embarque como o caminho de chegar ao posto immediato, para reformar-se, então, com melhores vantagens. Que especie de almirantes pode esperar uma Marinha que, para 98 officiaes dos dois

ultimos postos de commando, dispuzer apenas de 20 commissões para elles em sua esquadra?

Qual o proveito que se auferê para a profissão guerreira, para a formação da mentalidade militar e technica, para a cultura profissional, com o perpassar de annos, de um commandante pelas capitánias de portos, por certos cargos burocraticos sem feição technica, sedentarios, nas Directorias do Pessoal, Portos e Costas, por exemplo, na Bibliotheca e na Imprensa Naval?

Se todos esses cargos complementares da carreira naval fossem occupados por officiaes que não mais se destinassem ao commando, sem obrigação de completar embarque, em uma actividade restricta, seriam conseguidos dois grandes proveitos em prol de maior eficiencia dos quadros: — nem esses officiaes ficariam mais constrangidos a fazer embarque, tomando logar a outros; nem se forçaria a andar por funcções accessorias da carreira, aos commandantes que, pelo seu valor technico e intellectual estivessem naturalmente indicados a completar o seu aperfeiçoamento no exercicio effectivo do commando ou em commissões technicas de importancia militar.

Aquelles, tambem, cuja aptidão physica já não mais permitta o desempenho cabal das funcções de commando no mar, ainda validos, entretanto, para os serviços sedentarios, podiam ser nelles aproveitados, independentes das clausulas necessarias á carreira do Commando.

A presumpção da inaptidão physica pela idade, essa "invalidéz relativa", é variavel conforme a natureza da função a ser exercida.

O abaixamento do limite da idade hoje estabelecida para o serviço activo é medida que se impõe. A inaptidão presumida para a vida do mar, caracterizada na época da reforma compulsoria, não é absoluta para todos as funcções da carreira; ella é relativa apenas aos trabalhos mais arduos, ás privações, ao desconforto da permanencia a bordo e do adestramento no oceano, fóra da relativa commodidade da séde.

Muitos cargos sedentarios, muitas commissões de caracter militar restrictos, em terra, poderão ser desempenhados pelos officiaes que a idade e o depauperamento fazem afastar do ambiente trabalhoso e materialmente absorvente de bordo, mas cuja experiencia, ponderação e honesto empenho em servir ao país indicam o seu aproveitamento consoante as energias apreciaveis que ainda lhes restam.

Na America do Norte, ha uns doze annos, escrevia com justa razão o Almirante Fletcher:

"Isso de abrir vagas á força para a selecção, e mandar descansar os re-

formados ganhando dinheiro do Estado desperta no Congresso a mesma opposição que encontrou o "plucking board".

"Apresentem ao parlamento um processo pelo qual o official, uma vez deixando o quadro ordinario, continue a prestar serviços que justifiquem os vencimentos que recebe, e não será certamente negada á Marinha uma lei que por esse meio lhe facilite maior rapidez de accesso, permitindo o extravasamento do excesso de cada posto." (Army and Naval Journal — Maio 1916).

Dizia ainda o articulista, que o Presidente deveria ser autorizado pelo Congresso e transferir, annualmente, até quatro por cento dos Capitães de Mar e Guerra, de Fragata e de Corveta do quadro ordinario (active list) para outros serviços do Governo, e accrescentava:

"Ha muitas funcções no serviço do Estado que os officiaes da marinha podem desempenhar e, muitos delles, já exercem de regra.

Estão ellas no serviço de pharões, levantamentos hydrographicos, inspecção de machinas, e certas funcções na Secretaria de Estado e suas repartições (Navy Department) e arsenaes.

Não haveria difficuldade em encontrar-se duzentas ou trezentas commissões dessa especie, que perfeitamente canalizariam o excesso do quadro ordinario".

Em 1915 era tal a crise dos quadros de officiaes na Marinha norte-americana que o Almirante Selfridge escrevia:

"A presente estagnação é uma ameaça que se levanta contra a efficiencia da Marinha, e que augmenta a ponto de tornar-se intoleravel".

E continuava elle, nos Annaes do Insti-

tuto Naval dos Estados Unidos, de Maio — Junho de 1916:

"Tambem reconheço que a efficiencia da marinha depende em alto gráo das habilitações profissionais, do zelo e vigor dos officiaes subalternos, permitindo-se a todos os officiaes physicamente aptos, e em certo limite de idade, a sua passagem para o quadro activo da reserva, no posto acima".

"Um plano de promoção por selecção exigiria que esse limite de idade para os diversos postos fosse de 40 annos para os Capitães Tenentes, 45 para os de Corveta, 50 para os de Fragata e 55 para os de Mar e Guerra".

E' que a Lei de Meyer, votada em 1910, precisava ser modificada.

Assim, nos Estados Unidos, de 1915 a esta parte muito se vem debatendo a questão dos quadros, do accesso, das reservas. E' o paiz do mundo em que mais se tem discutido o assumpto, e desse debate vem surgindo com frequencia numerosas considerações da mais alta relevancia.

Entre nós, a recente lei de 31 de Dezembro de 1928, tornou extensivo á Marinha a reserva de 1ª Classe creada em 1917 para o Exercito e poderá resolver satisfactoriamente o problema, se a idade de transferencia do serviço activo permanente para o quadro da reserva fór reduzida de alguns annos. Se uma regulamentação adequada, a par disso, determinar desde logo quaes as funcções burocraticas e sedentarias que competem aos officiaes reservistas, se nella ficar estabelecido que, depois de feitos accessos dahí decorrentes, não serão preenchidas as vagas que occorrerem, até á volta dos effectivos hoje em vigor, que são perfeitamente sufficientes nos postos superiores, para as necessidades do serviço, uma vez que as Capitaniaes, o Commando das escolas de aprendizes e a maior parte dos serviços das Directorias do Pessoal Portos e Costas, Navegação fiquem a cargo dos officiaes da reserva.

BRIM KAKI INGLEZ MARCA "FORTALEZA"

Fabricado especialmente de accordo com os cadernos de encargo do exercito e da marinha e com certificado da Camara do Commercio de Manchester. O mais resistente, côr absolutamente firme e acabamento garantido.

GRANDE QUANTIDADE EM DEPOSITO

Cia. Importadora de Tecidos

Rua Visconde de Inhauma n. 56

Notas sobre a instrução de conjunto no quadro do regimento de cavallaria

Pelo Major COLIN

(Da M.M.F. e professor da E.P.C.)

(Continuação do n. 183)

EXERCICIO N. 2 (DE 1/2 R.C. — P.M.)

(Depois de ter recebido informações positivas da descoberta e da segurança afastada)

R.E.C.C. — 4ª PARTE — ARTIGOS 53-76-78-82-119-120

T H E M A

I — Trava-se uma batalha na frente *Palmeira-Iguassú-Jacutinga*.

Um destacamento de cavallaria inimiga de O., cuja força ainda não foi avaliada, foi assignalado bivacando hontem a cerca de 20 kms. O. de *Sta. Cruz*.

Uma Bda. Cav. amiga de léste marcha ao seu encontro com a missão de:

1º — tomar seu contacto;

2º — retardar a sua marcha para léste em proveito de um destacamento amigo de todas as armas que deve chegar no dia seguinte na região de *Anchieta* e ao S., onde se instalará defensivamente para cobrir o flanco S. do *Exercito*.

A resistencia deve ser organizada de modo a impedir ao inimigo a transposição do arroio *Sarapuihy* antes da tarde do dia seguinte.

II — A intenção do Gen. de Bda. é

1º — fazer tomar, por uma descoberta, o contacto do inimigo o mais longe possível;

2º — retardar o inimigo, estabelecendo-se successivamente:

a) na região *Campo Grande*;

b) nas entradas O. dos desfiladeiros da região de *Santissimo* e ao Norte;

c) sobre o arroio *Sarapuihy*.

Em consequencia a Bda. de Cav. marcha pelo itinerario: ... *Ricardo de Albuquerque, Guaraciaba, estrada N. e O. da cota 60 (S. da Faz. do Eng. Novo), morro de São Bento, etc.*

V.G. (1º, 2º Esq. e P.M. do 1º R.C.) { Sob o commando do
Cel. commandante
do 1º R.C.

Cobertura dos flancos.....	{	Norte	{ 1º Pel. do 1º Esq. do 2º R.C. sobre o itinerario: <i>Anchieta, Faz. do Bananal, Faz. do Cabral, Col. do Cemiterio, Est. do Boqueirão.</i>
		Sul	{ 1º Pel. do 4º Esq. do 2º R.C. sobre o itinerario: <i>Deodoro, Villa Militar, Realengo, Bangú.</i>

A Bda. está informada por um destacamento de descoberta de 1 esquadrão (3º Esq. do 1º R.C.). O Gen. de Bda. marcha atraz do grosso da V.G.

INFORMAÇÃO A RESPEITO DO TERRENO MANDADA PELA DESCOBERTA

Ao N. das pontes N.O. do morro de *São Bento*, o arroio *Sarapuihy* é intransponivel, excepto nos pontos seguintes:

- 800 metros S. do canto N.O. do *Campo de Instrução* (passagem difficil);
- canto N.O. do *Campo de Instrução* (ponte em máo estado);
- pontes entre Col. do *Trem* e Col. do *Heron* (pontes em bom estado).

SITUAÇÃO NO INICIO DO EXERCICIO

A's 9,10 a situação da Bda. Cav. é a seguinte:

1º — V.G. (1º, 2º Esq. — P.M. do 1º R.C.).

- Pd. Testa-Ponta* (1º Pel. do 2º Esq.) { *Ponta* (2ª Esq.) { Ao trote, vae abordar a cota 40 (500 metros O. da cota 60 S. de Faz. de Eng. Novo).
- { *Testa* (o resto do pelotão) — Collo entre cota 60 e esporão N.O. desta cota.
- { *Cmt. do 1º Pel.* — No observatorio (vertentes N.O. da cota 60).
- Pelotão encarregado da segurança dos flancos da V.G.* (2º Pel. do 1º Esq.) { *Patrulha* de 1 cabo — 1 esquadra { Attinge as vertentes N. da cota 40 (500 metros O. da cota 60). Foi destacada da cota 60.
- { *Patrulha* de 1 sargento — 1 esquadra { Cota 40 (S.O. da cota 60). Foi destacada de *Guaraciaba* (veja estudo da marcha do Grosso da V.G.)
- { *Grosso do Pelotão* (2 esquadras) — Com o 1º Pel. (*testa-ponta*).
- { 3º e 4º Pel. do 1º Esq. e P.M. (Entre cota 60 e Faz. do Eng. Novo).
- Grosso da V.G.* { 2º Esquadrão [Entre cota 60 (S. da Faz. do Eng. Novo) e cota 60 (N.O. da Caixa d'Água.)
- { Cel. Cmt. da V.G. (No observatorio — vertentes N.O. da cota 60).

2º — PELOTÕES F.G.

- 1º Pel. do 1º Esq. do 2º R.C. — Região Coll. do *Cabral*
- 1º Pel. do 4º Esq. do 2º R.C. — Região sahidas léste de *Villa Nova*.

3º — GROSSO DA BDA.:

- Desemboca de Guaraciaba* { o 2º R.C. { pelo caminho que vae de *Guaraciaba* (ponto 36 para as vertentes S.E. da cota 60
- { o 4º Esq. do 1º R.C. { pelo caminho que segue a linha de bonde.

4º — O GENERAL DE BDA.:

Chega na cota 60 (S. da Faz. de Eng. Novo).

INFORMAÇÃO DA DESCOBERTA

A's 9 horas e 10 minutos e estando a Bda. na situação acima indicada, o Gen. de Bda. recebe em cota 60 a informação seguinte do Esq. de descoberta (3º Esquadrão):

"Elementos de cavallaria inimiga attingiram Est. *Paciencia* e encruzilhada da Est. dos *Palmares* com o encanamento de *Sta. Cruz*, ás 7 horas, marchando em direcção a *Campo Grande*."

Retiro-me guardando o contacto: 2 pelotões pelo Est. *Real*, 2 Pel. ao Norte."

ESTUDO DA V.G. DE UMA TROPA DE CAVALLARIA

(depois de ter recebido informações positivas da descoberta ou da segurança afastada)

A partir do momento em que se sabe que a descoberta ou segurança afastada tomou contacto, a distancia relativamente curta em que, para frente, ella opera, o tempo necessario á transmissão de suas informações e, enfim, como no caso presente, o facto de marchar o inimigo ao encontro da descoberta, impõe, a cada escalão da tropa considerada (destacamento de segurança e grosso) a dupla obrigação:

- de progredir com precaução maior (reconhecimento mais completo, formações mais abertas);
- de progredir "em guarda", isto é, num dispositivo que permita a cada um destes escalões uma acção rapida no sentido da sua missão particular ou da idéa de manobra do chefe.

No que concerne á V.G. a missão permanece a mesma { Reconhecer

{ Cobrir.

Ella, porém, deve, a partir deste momento:

- redobrar a vigilancia, isto é, esquadriñar o terreno com maior minucia;
- progredir num dispositivo tal que possa rapidamente na frente da operação do grosso, reconhecer e cobrir o mais completamente possivel nos limites dos seus meios.

DEFINIÇÃO DO PAPEL "RECONHECER"

Como comprehender o papel "reconhecer"?

A função "reconhecer" apresenta differentes phases:

1ª PHASE — Em 1º lugar e graças á acção de certos meios de *investigação visual* (elementos plasticos de cavallaria, observação aerea) apparecem *AS DIMENSÕES DO INIMIGO*:

— contorno apparente;

— elementos de sua profundidade.

Porém, os elementos ligeiros e plasticos de cavallaria encarregados de determinar o contorno apparente, a observação aerea encarregada de determinar a profundidade ficam detidos ou peiados, aquelles pelo fogo, esta, pela artilharia anti-aerea e a aviação inimiga, e ambos pela difficuldade de observar um inimigo que procura, na utilização do terreno e das suas cobertas, a occultação dos seus meios e da sua progressão.

Em consequencia, essa primeira phase em que só opera a vista não pôde fornecer a respeito do inimigo senão:

— um contorno apparente;

— alguns elementos da sua profundidade.

Ella não dá, pois, informações completas a respeito da sua força.

2ª PHASE — A 2ª phase da função "reconhecer" consiste em *avaliar a força* de um inimigo que reage offensiva e defensivamente.

E' pois a lucta que se empenha e é de toda a evidencia que não se pôde conhecer o valor relativo da força desse inimigo senão depois de tel-o vencido ou de ter sido vencido por elle.

A função "reconhecer conduz, pois, directamente para o combate offensivo, combate que, principiando pela descoberta, será proseguido pelos destacamentos de segurança, para, enfim, ser terminado pelo proprio grosso da tropa — Da descoberta ao grosso, as possibilidades deste combate que pouco a pouco vae revelar a força exacta do inimigo ficam evidentemente proporcionaes aos meios dos elementos successivos que o conduzem.

Porém, da descoberta ao grosso, cada elemento deve encarar este objectivo, tomar as suas disposições em vista delle e, de baixo para cima, cada escalão se deve esforçar por preparar a entrada em acção do escalão superior.

Numa palavra, e a partir dos primeiros contactos, o mesmo espirito offensivo deve manifestar-se em profundidade e no mesmo sentido: o da missão geral recebida pelo Grosso.

No que concerne á Vg. (assumpto em estudo) ella deve logo que os seus elementos ligeiros, plasticos tomaram o molde do contorno inimigo, empenhar-se sempre vigorosamente e encarar a sua acção com uma etapa preparatoria para o grosso, de modo a facilitar ao maximo a entrada em acção deste ultimo.

— acções offensivas parciaes proprias para informar sobre o valor dos contactos tomados pelos seus elementos avançados;

— acções offensivas parciaes proprias para se apoderar dos pontos do terreno cuja posse possa favorecer o ataque do grosso.

A presença ou a proximidade do Commando Superior (que marcha com a Vg.) facilita este papel difficil, graças á possibilidade que tem este ultimo de communicar ao Cmt. da Vg. as suas intenções, que tornam ainda mais claras pela vista do terreno e pelo conhecimento que tem a respeito das primeiras disposições do inimigo.

A — DECISÃO TOMADA E ORDEM DADA PELO CMT. DA BDA.

I — REFLEXÃO

1º — Onde se acha o inimigo.

O inimigo (verosimilmente descoberta do destacamento de cavallaria que bivacou, hontem, a cerca de 20 kms. O. de Sta. Cruz) atingiu, ás 7 horas, a região de Est. Paciencia e ao N. marchando em direcção Campo Grande.

O meu esquadrão de descoberta retira-se diante delle.

São agora 9 h. e 10 minutos e essa cavallaria pôde, por conseguinte, ter attingido a região Est. S. nador Vasconcellos, Faz. do Rio da Prata do Mandanha.

Um encontro é, pois, possível nas saídas léste dos desfiladeiros O. do arroio Sarapuihy.

2º — De que se trata?

A Bda., depois de ter tomado o contacto do inimigo tem por missão retardar a sua marcha para tal de modo a impedir-lhe que transponha o arroio Sarapuihy antes de amanhã.

Ora, até agora só se tem o contacto de descoberta inimiga diante da qual se retira a nossa.

Trata-se, pois, e em 1º lugar, de repellar essa descoberta, afim de tomar o contacto do destacamento de cavallaria assignalado, que a Bda. recebeu a missão de retardar.

Tomado o contacto, é mistér oppôr ao seu avanço rédes de fogos successivos afim de retardar o limites de tempo prescriptos pela ordem.

Ora, dadas as informações de hontem (bivagues de cavallaria a cerca de 20 kms. O. de Sta. Cruz) de hoje (elementos avançados de cavallaria ás 7 horas na região Est. Paciencia e ao N.), é de esperar por

atingir com o grosso da Bda. e antes dos grossos inimigos as entradas O. dos desfiladeiros da região de Santissimo e ao N., região em que o Gen. de Bda. previu uma resistencia (veja thema: intenção do Gen. de Bda.).

Em resumo trata-se:

— de levar o mais rapidamente possível o Grosso da Bda. para a região de Santissimo em condições de interditar ao inimigo a entrada O. dos desfiladeiros.

a) Como agir para isso realizar?

E' de toda evidencia que, dado o ambiente creado pelas informações recebidas a marcha da Bda. não pôde proseguir nas mesmas condições e, por conseguinte, no mesmo dispositivo de até agora. Não se têm informações precisas a respeito da descoberta inimiga diante da qual se retira a nossa e ella pôde ser forte.

O inimigo (descoberta) foi assignalado a uma hora e a uma distancia taes que ha probabilidades de encontrar nas saídas léste dos desfiladeiros a O. do arroio Sarapuhy.

A despeito deste inimigo, o Gen. quer transportar rapidamente a sua Bda. para a região de Santissimo a fim de ahí retardar o avanço dos Grossos da cavallaria inimiga.

Para isso realizar é necessario assegurar desde logo:

- 1º — que a Bda. possa desembocar a O. do arroio Sarapuhy e da localidade de Bangú.....
- 2º — que o Grosso esteja em condições para intervir eficazmente, caso a Vg. seja detida quer antes, quer depois do arroio Sarapuhy;

{ papel que incumbe á Vg. enquanto que os destacamentos de flanco cobrirão a operação ao N. e ao S.;

{ papel eventual do grosso resultante da idéa de manobra do Gen. de Bda.

b) Como adaptar essas necessidades ao terreno?

Um olhar na carta mostra logo que para desembocar a O. do arroio Sarapuhy e da localidade de Bangú, é necessario estar de posse das alturas que dominam a O. esse arroio e as orlas O. de Bangú (papel da Vg.):

- vertentes S.E. do morro do Retiro;
- cotas 60 (S.E. do morro do Retiro);
- cota 60 (O. de Bangú).

Além disso, sendo o arroio Sarapuhy transponivel nas passagens indicadas pela descoberta (veja thema) é necessario que a operação seja coberta ao N. na região collina do Capão Redondo, collina do Heron (papel da F. G. Norte).

A carta mostra tambem que em caso de encontro do inimigo, o terreno plano situado ao S. do morro de São Bento e occupado pela localidade de Bangú se presta mais a uma acção defensiva (graças aos bons campos de tiro offerecidos pelas ruas de Bangú) do que a uma acção offensiva (difficuldades do apoio pelo fogo).

A região N. de Bangú ao contrario, graças ao morro de São Bento em primeiro lugar e depois ás cotas 60 (S.E. do morro do Retiro) permite um apoio eficaz pelo fogo enquanto que o terreno a O. dessas ultimas cotas não offerece ao inimigo possibilidades nenhuma para a defesa.

Diante dessas condições de terreno, o Gen. de Bda. decide manobrar pelo N. caso seja necessario. Embora seja eventual esta manobra, a idéa do Gen. de Bda. a seu respeito tem, como veremos, grande importancia no que concerne á actuação da Vg. e deve ser conhecida do Cmt. desta ultima.

Além disso, é em função dessa idéa que será regulado o deslocamento do grosso.

c) Repartição das forças:

	4º esquadrão	do 1º R.C.
	2º esquadrão	
Grosso.....	3º esquadrão	do 2º R.C.
	4º esquadrão (menos 1 pel.)	
	P. M.	
	1º esquadrão	do 1º R.C.
Vg.	2º esquadrão	
	P. M.	
Cobertura dos flancos	1º Pel. do 4º Esq.	— do 2º R.C.
	1º Esq.	— do 2º R.C.
Informação	{ A Bda. continúa informada pelo seu destacamento de descoberta (3º Esq. do 1º R.C.)	

d) Quando iniciar a acção?
Immediatamente.

II — DECISÃO

Ordem verbal (typo n. 1: movimento).

1 — O 3º Esq. do 1º R.C. tomou ás 7 horas o contacto com a descoberta inimiga na região *Paciência*, entroncamento da Est. dos *Palmares* com o encanamento de *Sta. Cruz* e retira-se diante della.

E' minha intenção transportar a Bda. para a região de *Santissimo* e ao N. afim de retardar os grossos inimigos nas entradas O. dos desfiladeiros que desembocam sobre o arroio *Sarapuhy*.

2 — Em consequencia:

a) O Grosso	$\left. \begin{array}{l} 4^\circ \text{ Esq. — do } 1^\circ \text{ R.C.} \\ 2^\circ \text{ Esq.} \\ 3^\circ \text{ Esq.} \\ 4^\circ \text{ Esq.} \\ \text{P.M.} \end{array} \right\} \text{ do } 2^\circ \text{ R.C.}$	<p>transportar-se-á para a região das vertentes S.E. do morro de <i>São Bento</i> e da cota 50 (léste do morro).</p> <p>Itinerarios:</p> <p>$\left. \begin{array}{l} 4^\circ \text{ Esq. do } 1^\circ \text{ R.C.} \\ 2^\circ, 3^\circ, 4^\circ \text{ Esq. e P.M. do } 2^\circ \text{ R.C.} \end{array} \right\} \begin{array}{l} \text{por cota 60 (S. de Faz. Eng. Novo)} \\ \text{cotas 40 a O. dessa cota, cota 50} \\ \text{(léste do morro de } \textit{São Bento}) \end{array}$</p> <p>$\left. \begin{array}{l} 2^\circ, 3^\circ, 4^\circ \text{ Esq. e P.M. do } 2^\circ \text{ R.C.} \end{array} \right\} \begin{array}{l} \text{por } \textit{Villa Nova} \text{ e a cota 50} \\ \text{trada N. da linha de} \\ \text{tiro de } \textit{Realengo} \end{array}$</p>

b) Coberto por	$\left. \begin{array}{l} \text{Vg.} \\ 1^\circ \text{ Esq.} \\ 2^\circ \text{ Esq.} \\ \text{P.M.} \end{array} \right\} \text{ do } 1^\circ \text{ R.C.}$ $\left. \begin{array}{l} \text{F.G.} \\ 1^\circ \text{ Pel. do } 4^\circ \text{ Esq.} \end{array} \right\} \text{ do } 2^\circ \text{ R.C.}$ $\left. \begin{array}{l} \text{F.G.} \\ 1^\circ \text{ Esq.} \end{array} \right\} \text{ do } 2^\circ \text{ R.C.}$	<p><i>Missão</i> — Afim de permittir a desembocadura da Bda. a O. do arroio <i>Sarapuhy</i> e da localidade de <i>Bangú</i> a Vg. occupará defensivamente a linha: Encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do <i>Retiro</i>, arroio <i>Sarapuhy</i>, cota 60 (O. de <i>Bangú</i>).</p> <p>Caso não puder attingir essa linha, a minha intenção é de manobrar com o grosso em direcção ao morro de <i>São Bento</i>, cotas 60 (S.E. do morro <i>Retiro</i>), cobrindo a minha operação ao S. nas cotas 50 (O. de <i>Bangú</i> e ao N. sobre o arroio <i>Sarapuhy</i>.</p> <p><i>Missão</i> — Cobrir ao S. de <i>Bangú</i> em ligação com a Vg. a desembocadura da Bda. a O. do arroio <i>Sarapuhy</i>.</p> <p><i>Missão</i> — Cobrir na região collina do <i>Capão do</i> do, collina do <i>Heron</i> a desembocadura da Bda. a O. do arroio <i>Sarapuhy</i>.</p>

c) A Bda. continúa a ser informada pelo 3º Esq. do 1º R.C. ao contacto

3 — Marcharei atraz da Vg. no eixo da columna do N.

4 — O P.C. seguirá para *Villa Militar* (sabidas S.O.) onde esperará ordens.

III — EXECUÇÃO

A ordem acima é dada á vista (a cota 60 dá para isso vistas sufficientes):

- verbalmente, ao Cel. cmt. da Vg. com todas as indicações necessarias para lhe permittir cumprir a sua missão no sentido da acção geral concebida pelo Gen. de Bda.;
- por intermedio do Cel. cmt. da Vg., ao cmt. do 1º Pel. do 4º Esq. do 2º R.C.;
- verbalmente, ao Cmt. do 1º Esq. do 2º R.C. desde a sua chegada na região da cota 60 (S. de Faz. Eng. Novo) por intermedio do Cmt. do 2º R.C.;
- verbalmente ao grosso da Bda.

IV — FISCALIZAÇÃO

O Gen. de Bda. assiste ás ordens dadas pelo Cmt. da Vg. em execução da missão que lhe dá. Assiste ao inicio da execução pela Vg. Dá suas ordens ao grosso e desloca-se para a frente seguindo o itinerario da columna do N.

B — ORDEM DADA PELO CEL. CMT. DA VG.

I — PHASE DE REFLEXÃO

1º) Onde se acha o inimigo?

Resposta: — Posso encontrar a descoberta inimiga na região: *Bangú*—morro de *São Bento*—arroio *Sarapuhy*.

2º) De que se trata?

Resposta: — Eu trabalho em proveito da minha Bda. que se transporta para a região de Santissimo. Missão da Vg.: Reconhecer-Cobrir.

Para cobrir, eu devo em 1º lugar permittir o desembocamento da Bda. a O. do arroio Sarapuhy e da localidade de Bangú e para isso assegurar-lhe entre a encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro e as saídas S.O. de Bangú a posse da linha das alturas que commandam este desembocamento.

Para reconhecer, eu devo abordar toda essa frente ao mesmo tempo com elementos de reconhecimento susceptíveis de serem logo apoiados.

Emfim, si a Vg. fôr detida, a intenção do Gen. de Bda. é manobrar, com o grosso, em direcção ao morro de São Bento, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro).

Devo, por conseguinte, se não puder attingir a linha fixada pelo Gen. de Bda. facilitar a manobra do grosso apoderando-me, pelo menos, das alturas que dominam a léste as passagens do arroio Sarapuhy.

a) Como agir?

Resposta: — Para reconhecer e cobrir na frente fixada pelo Gen. de Bda. (3 kms. mais ou menos), é necessario desenvolver a Vg. Para eventualmente facilitar a manobra do grosso é necessario ser mais forte ao N. em direcção ao morro de São Bento.

b) Como adaptar essas necessidades ao terreno?

Resposta: — Dando a cada unidade, além de objectivos sobre a linha a occupar, zonas de acção bem nítidas:

Unidades do N. — Objectivos.....	{ encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro) pontes 800 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio Sarapuhy.
Unidades do S. — Objectivos.....	{ Saídas N.O. de Bangú (inclusive a ponte 400 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre o arroio das Tintas). Arroio Sarapuhy. Cota 60 (O. de Bangú).

Limites das zonas de acção entre as 2 unidades..... { Arroio E.O. que atravessa Villa Nova (arroio Meirinha), linha de tiro de Realengo, orlas N. de Bangú.

c) Qual o effectivo a empregar?

Resposta: — E' preciso ser forte ao N. da região morro de São Bento, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro) quer para não perder um palmo de terreno caso seja possível attingir essa região antes do inimigo, quer para agir offensivamente no sentido da missão e conquistar pontos do terreno cuja posse facilitará a acção do grosso.

Ao S. na região de Bangú, o terreno (veja o estudo feito pelo Gen. de Bda.) facilita a defesa; — além disso, um recuo em Bangú não teria grandes consequências si fôr bem assegurada a posse do morro de S. Bento que domina a localidade: — 1 Esq. será sufficiente.

Ao N., ao contrario, é preciso mais fogo: 1 Esq. — o P.M.

d) Quando iniciar a acção?

Resposta: — Immediatamente.

II — PHASE DE DECISÃO

Ordem verbal — typo n. 1 (movimento) e depois typo n. 2 (attitude defensiva).

1 — O 3º Esq. do 1º R.C. tomou ás 7 horas o contacto da descoberta inimiga na região de Est. Paciencia e ao N. e retira-se diante della.

A Vg. vae transportar-se para a região Bangú-S. Bento afim de assegurar a posse da linha: Encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro), arroio Sarapuhy, cota 60 (O. de Bangú).

2 — Em consequencia a Vg. vae marchar no seguinte dispositivo:

a) 1º Esquadrão e P.M.	Itinerario	{ cota 60 (S. de F. de Eng. Novo), as 2 cotas 40 (O. da cota 60), cota 50 (L. do morro de S. Bento), morro de S. Bento.
	Objectivos	{ encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro, cotas 60 (S.E. do morro do Retiro), pontes 800 mts. N.O. da Est. de Bangú, sobre o arroio Sarapuhy.
	Missão	{ assegurar a posse dos objectivos indicados ou pelo menos das cristas (morro de S. Bento, cota 60 — 1 km. E. do morro do Retiro) que dominam a léste o arroio Sarapuhy.

2º Esquadrão	Itinerario	{ Cota 60 (S. da Faz. de Eng. Novo) sahida L. de Villa Nova - Escola Militar - Est. Real.
	Objectivos	{ Sahidas N.O. de Bangú. Arroio Sarapuhy. Cota 60 (O. de Bangú).
	Missão	{ Assegurar a posse dos objectivos indicados ou pelo menos cobrir em Bangú o flanco S. do 1º Esq. e do P.M.

b) Cada esquadrão fará a sua propria segurança.

c) A Bda. continúa a ser informada pelo 3º Esq. em contacto.

3 — Marcharei com o 1º Esq.

Ligações — Entre os esquadrões:

— na transversal de Villa Nova (300 mts. L. da mangueira da cota 40 — 1.300 mts. O.S.O. da cota 60 (S. da Faz. Eng. Novo).

— na linha a occupar em fim de movimento.

Execução — Immediata.

III — PHASE DE EXECUÇÃO

Essa ordem é dada á vista e verbalmente a cada capitão.

Em cada esquadrão: execução ao trote e sem incidente.

IV — PHASE DE FISCALIZAÇÃO

O Cel. Cmt. da Vg. assiste ás ordens dadas pelo Cap. Cmt. do 1º Esq. e desloca-se com elle.

C — ESTUDO DA OPERAÇÃO DO 1º ESQ. DO 1º R.C.

R.E.C.C. — 4ª Parte — Artigos 196 a 205

T H E M A

Situação geral — Veja a do 2º exercicio (continuação) assim como a ordem dada pelo Cel. Cmt. da Vg.

Situação particular — A's 9,20 a situação do 1º Esq. e do P.M. do 1º R.C. é a seguinte:

Pelotão Testa-ponta (1º Pel. do 1º Esq.) { *Ponta* (2ª Esq.): attinge ao trote a cota 50 (L. do morro de S. Bento) na região da bica (B.).
Grosso do Pelotão: ainda na cota 40 (600 mts. E. da cota 50).

Patrulha de Flanco (1 esquadra do 2º Pel. do 1º Esq. com 1 sargento.) } Attinge as vertentes S. da Col. da Torre.

Patrulha de Flanco (1 esquadra do 3º Pel. do 1º Esq. com 1 sargento.) } Attinge a cota 30 (1 km. S.E. da cota 50).

Grosso do 1º Esq. (2º, 3º, 4º Pel. e P.M.) { Attingiu o pé das vertentes E. da cota 40 da mangueira (1. km. E. da cota 50).

O Cmt. do Pel. testa-ponta (com o seu ordenança) na cota 40 (600 mts. E. da cota 50), prompto para sahir para a cota 50. — O Cmt. do Esq. (com o seu grupo de commando) na cota 40 (600 mts. E. da cota 50) com a testa.

Informações recebidas ás 9,20:

"Elementos avançados de cavallaria inimiga desembocam ás 8h,55 m. na região Santissimo, morro do Taquaral, marchando para L. — A nossa descoberta retira-se diante delles."

Decisão do Cmt. da Vg. (no que concerne aos 1º Esq. e P.M.)

A Vg. vae cobrir o desembocar da Bda. a O. do arroio Sarapuhy:

1º Esq. e P.M. { Pôr a mão sobre os objectivos seguintes: { Encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do Retiro.
As 2 cotas 60 (S.E. do morro do Retiro).
As 2 pontes (800 mts. N.O. da Est. de Bangú sobre os arroios das Tintas e Sarapuhy.

O Cmt. do 1º Esq. e do P.M. estão na cota 40 (600 mts. E. da cota 50) com a testa.

I — PHASE DA REFLEXÃO

1º) *Onde se acha o inimigo?*

Resposta: — O inimigo desembocou às 8h,55 m. na região *Santissimo*-morro do *Taquaral*, marchando para L. — A nossa descoberta retira-se diante delle. São 9h,20 m.

O inimigo pôde estar a cerca de 2 a 3 kms. a O. do arroio *Sarapuhy*, isto é, distante deste arroio tanto quanto o esquadrão.

2º) *De que se trata?*

Resposta: — A missão é assegurar a posse da linha balisada por:

— encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do *Retiro*;

— cotas 60 (S.E. do morro do *Retiro*);

— pontos 800 N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio *Sarapuhy* ou, pelo menos, das cristas (morro de *S. Bento*-cota 60, 1 km. E. do morro do *Retiro*) que dominam a léste o arroio *Sarapuhy*.

E' preciso, pois, em primeiro lugar, reconhecer successivamente essas 2 linhas de alturas com elementos ligeiros, mantendo o grosso prompto para apoiá-los, conforme os acontecimentos, no sentido da missão.

Emfim, dada a situação provavel da cavallaria inimiga, faz-se necessario agir depressa de modo a procurar attingir antes della a linha que a ordem manda occupar.

a) *Como agir conforme o terreno?*

Resposta: — Os elementos ligeiros de reconhecimento já estão orientados:

Pel. testa-ponta { Direcção: Morro de *S. Bento*, passagens N.O. deste morro sobre o arroio *Sarapuhy*, cotas 60 S.E. do morro do *Retiro*).

1ª patrulha do 2º Pel. { Direcção: cota 60 (1 km. E. do morro do *Retiro*), encruzilhada 500 metros N.O. do morro do *Retiro*.

patrulha do 3º Pel. { Direcção: linha de tiro do *Realengo*-passagens 800 metros N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio *Sarapuhy*.

Nada a mudar nesse dispositivo.

Estes elementos informarão a respeito das duas linhas de alturas acima indicadas.

Quanto ao grosso do Esq. e ao P.M. devem ficar em condições de apoiar os elementos de reconhecimento. Devem, pois, estar na região das vertentes E. e S.E. da cota 50 (L. do morro de *S. Bento*), enquanto o pelotão testa-ponta e patrulhas de flanco effectuam o seu reconhecimento. Nessa região os pelotões do grosso estacionarão de tal modo que cada um possa eventualmente apoiar com facilidade os elementos de reconhecimento que destacou (2º e 3º pelotões).

b) *Qual o effectivo a empregar?*

Resposta: — Questão resolvida.

c) *Quando iniciar a acção?*

Resposta: — Immediatamente.

II — PHASE DA DECISÃO.

Ordem verbal — Typo n. 1 (movimento — dada á vista)

1 — A descoberta informa que elementos avançados de cavallaria inimiga desembocaram às 8h,55 m. da região *Santissimo*-morro do *Taquaral* marchando para léste.

A descoberta retira-se diante delles.

O 1º Esq. e o P.M. têm por missão assegurar a posse da linha balisada por:

— encruzilhada 500 metros N.E. do morro do *Retiro*;

— cotas 60 (S.E. do morro do *Retiro*);

— pontos 800 mts. N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio *Sarapuhy* ou, pelo menos, das cristas (morro de *S. Bento*, cota 60 (1 km. E. do morro do *Retiro*)).

2 — Em consequencia:

a) o grosso (2º, 3º, 4º Pels. P. M.) transportar-se-á para a região das vertentes E. e S.E. da cota 50 (L. do morro *S. Bento*);

2º, 4º Pels. P.M. { pelas vertentes S.O. da cota 40 (1^{km} E. da cota 50) cota 40 (600 mts. E. da cota 50) para a região coberta a E. da bica da cota 50.

1º Pel. { pelas vertentes S.O. da cota 40 (1^{km} E. da cota 50) e o valle comprehendido entre a cota 40 (600^m E. da cota 50) e a cota 30 (400^m S.E. dessa ultima) para a região coberta situada entre as cotas 40 (600^m E. da cota 50) e 30 (400^m S.E. dessa ultima).

b) coberto por:

1º Pel.	Direcção	{ Morro de <i>S. Bento</i> -pontes N.O. do morro de <i>São Bento</i> sobre o arroio <i>Sarapuihy</i> -cotas 60 (S.E. do morro do <i>Retiro</i>).
	Missão	{ Reconhecer: morro de <i>S. Bento</i> , passagens N.O. desse morro sobre o arroio <i>Sarapuihy</i> , cotas 60 (S.E. do morro do <i>Retiro</i>).
1 patrulha do 2º Pel. (1 sgt.-1 esquadra)	Direcção	{ Cota 60 (1 km. E. do morro do <i>Retiro</i>), encruzilhada 500 mts. S.E. do morro do <i>Retiro</i> .
1 patrulha do 3º Pel. (1 sgt.-1 esquadra)	Direcção	{ Linha de tiro de <i>Realengo</i> , pontes 800 mts. N.O. da Est. de <i>Bangú</i> sobre o arroio <i>Sarapuihy</i> .

c) Informado pelo destacamento de descoberta ao contacto.

3 — Marcharei com a testa.

Execução immediata.

III — PHASE DA EXECUÇÃO

Essa ordem, depois de um giro de horizonte, é dada:

— á vista ao Cmt. do 1º Pel.;

— ao grosso por intermedio dos agentes de ligação;

— as patrulhas de flanco já estão orientadas.

Neste momento ouvem-se tiros em direcção ao morro de *S. Bento*.

IV — PHASE DA FISCALIZAÇÃO

O Cap. Cmt. do 1º Esq., assiste da cota 40 (600 mts. E. da cota 50), á partida do 1º Pel. e ao desembocar do grosso a O. da cota 40 (1 km. E. da cota 50).

Transporta-se depois para cota 50 com o seu grupo de commando.

INFORMAÇÕES RECEBIDAS PELO CAP. AO ALCANÇAR A COTA 50 (ÁS 9^h30^m)

a) do Pel. testa-ponta (1º Pel.) — Ao descer as vertentes N.O. do morro de *S. Bento*, ponta recebida a tiros de 1 A.A. collocada na cota 60 (1 km. S.E. do morro do *Retiro*). Entrei em ligação com 1 Pel. do 3º Esq. localizado no morro de *S. Bento* (vertentes O.). Segundo as informações deste ultimo o inimigo occupa as cotas 60 (S.E. do morro do *Retiro*) assim como as duas passagens N.O. do morro de *S. Bento* sobre o arroio *Sarapuihy*. Prosigo na minha missão.

b) da patrulha do 2º Pel. — Patrulha recebida a tiros de fuzil ao desembocar a O. da cota 60 (1 km. E. do morro do *Retiro*). Ponte do arroio *Sarapuihy*, immediatamente ao Sul da região pantanosa O. da cota 60, occupada pelo inimigo assim como a margem O. desse arroio ao N. dessa ponte.

c) da patrulha do 3º Pel. — Pude attingir a pinguella 500 mts. N. da Est. de *Bangú* sobre o arroio das *Tintas* donde proseguí a pé, a pinguella não dando passagem a cavallo.

Depois de ter transposto o arroio das *Tintas* a minha patrulha foi recebida a tiros de fuzis, partindo das vertentes S. da cota 60, immediatamente ao N.O. da pinguella.

Estou agora detido por tiros partindo da região da ponte 800 mts. N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio *Sarapuihy* em que o inimigo parece manter um pequeno elemento.

Entreí em ligação com elementos do 3º Esq. que occupam a ponte 400 metros N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio das *Tintas*.

ORDEM DADA PELO CAPITÃO AO RECEBER ESSAS INFORMAÇÕES

I — PHASE DA REFLEXÃO

1º) Onde se acha o inimigo?

Resposta: — O inimigo occupa as 2 passagens N.O. do morro de *S. Bento* sobre o arroio *Sarapuihy*, as 2 cotas 60 (S.E. do morro do *Retiro*) e a passagem 800 metros N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio *Sarapuihy*.

1º Pel. e patrulhas dos 2º e 3º Pels. não puderam attingir o arroio.

Um Pel. do 3º Esq. occupa as vertentes O. do morro de *S. Bento*.

2º) De que se trata?

Resposta: — Missão recebida (Vejam ordem precedente).

Ora, até agora só foi attingida a linha de altura balisada por cota 60 (1 km. E. do morro do *Retiro* morro de *S. Bento*).

Os elementos ligeiros de reconhecimento não puderam alcançar as objectivos fixados pela minha missão: encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do *Retiro*, cotas 60 (S.E. do morro do *Retiro*), pontes 800 metros N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio *Sarapuihy*, onde é preciso cobrir o desembocar do grosso a O. do arroio *Sarapuihy*.

O que os elementos de reconhecimento não puderam fazer, talvez que o grosso o possa. Necessário é, pois, procurar attingir os objectivos e para isso atacar a resistencia inimiga que se revelou.

Além disso, trata-se de uma missão de reconhecimento e o ataque fará um excellentre reconhecimento.

a) *Como agir?*

Resposta: — E' evidente que é preciso abordar ao mesmo tempo toda a frente que a ordem manda reconhecer e manter, isto é, uma frente de 1.000 a 1.200 metros.

3 pelotões bastarão para isso.

O P.M. e o Pel. do 3º Esq. — apoiarão a progressão destes Pels. e assegurarão, além disso, em caso de insuccesso a posse do morro de *S. Bento* e da cota 60 (1 km. E. do morro do *Retiro*).

Emfim, em caso de bom exito é indispensavel poder guardar o contacto e reencetar o movimento para O. Para isso, guardar uma reserva a cavallo.

b) *Como adaptar isso ao terreno?* c) *Qual o effectivo a empregar?*

Resposta:

1 Pel. (1º Pel.) — Objectivo	{ As 2 passagens N.O. do morro de <i>S. Bento</i> sobre o arroio <i>Sarapuhy</i> . As 2 cotas 60 (S.E. do morro do <i>Retiro</i>).
1 Pel. (2º Pel.) — Objectivo	{ Encruzilhada 500 mts. N.E. do morro do <i>Retiro</i> . Vertentes S.E. do morro do <i>Retiro</i> .
1 Pel. (3º Pel.) — Objectivo	{ As 2 pontes 600 metros N.O. da Est. de <i>Bangú</i> sobre o arroio <i>Sarapuhy</i> .
1 Pel. (4º Pel.) { Reserva a cavallo. Situação inicial	{ Entre cota 50 e morro de <i>S. Bento</i> prompto para se deslocar quer pelo N. quer pelo S. do morro de <i>S. Bento</i> .
P.M.	{ Vertentes N.O. do morro de <i>S. Bento</i> e vertentes O. da cota 60 (1 km. E. do morro do <i>Retiro</i>). Missão { Apoiar a progressão dos pelotões a O. e N.O. do morro de <i>S. Bento</i> . Em caso de insuccesso assegurar junto com o Pel. do 3º Esq. a posse do morro de <i>S. Bento</i> e da cota 60 (1 km. E. do morro do <i>Retiro</i>).

d) *Quando iniciar a acção?*

Resposta: — Immediatamente.

II — PHASE DA DECISÃO

Ordem verbal — Typo n. 1 (attitude offensiva).

1 — Os elementos de reconhecimento do Esq. attingiram as vertentes O. do morro de *S. Bento* e da cota 60 (1 km. E. do morro do *Retiro*) mas não puderam transpôr o arroio *Sarapuhy*.

O inimigo occupa as duas passagens N.O. do morro de *S. Bento* sobre o arroio *Sarapuhy*, as cotas 70 (S.E. do morro do *Retiro*) e a ponte 800 metros N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio *Sarapuhy*.

O 1º Esq. e o P.M. vão procurar se apoderar da linha: encruzilhada 500 metros N.E. do morro do *Retiro*, cotas 60 (S.E. do morro do *Retiro*), pontes 800 metros N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio *Sarapuhy*.

2 — Em consequencia o Esq. e o P.M. atacarão no seguinte dispositivo:

1º Pel. — Objectivos	{ As 2 pontes N.O. do morro de <i>S. Bento</i> sobre o arroio <i>Sarapuhy</i> , cotas 60 (S.E. do morro do <i>Retiro</i>).
2º Pel. — Objectivos	{ Encruzilhada 500 metros N.E. do morro do <i>Retiro</i> , vertentes N.E. do morro do <i>Retiro</i> .
3º Pel. — Objectivos	{ Pontes 800 metros N.O. da Est. de <i>Bangú</i> sobre o arroio <i>Sarapuhy</i> .
P.M.	{ Apoiar o desembocar dos Pels. a O. e N.O. do morro de <i>S. Bento</i> . Missão { Em caso de insuccesso manter a posse do morro de <i>S. Bento</i> e cota 60 (1 km. E. do morro do <i>Retiro</i>) junto com o Pel. do 3º Esq. O Cmt. do P.M. procurará posições de tiro nas vertentes N.O. do morro de <i>S. Bento</i> e vertentes O. da cota 60.

- 4º Pel. { Reserva a cavallo.
Posição inicial { Entre o morro de *S. Bento* e cota 50, prompto para se deslocar ou pelo N. seja pelo S. do morro de *S. Bento*.
- O Pel. do 3º Esq. — Missão..... { Apoiará a progressão dos Pels. do 1º Esq.
Em caso de insucesso, manter juntamente com o P.M. a posse do morro de *S. Bento*.
- 3 — P.C. do Capitão..... { durante o ataque — Vertentes N.O. do morro de *S. Bento*.
Depois de conquistado o objectivo { Collo entre morro do *Retiro* e cota 60 ao S.E.

Execução immediata.

III — PHASE DA EXECUÇÃO

Ao alcançar a região das vertentes E. e S.E. da cota 50, os Cmts. de pelotão (2º, 3º, 4º) e do P.M. ouvindo tiros reuniram-se ao Cap. (na cota 50).

E' deste ponto que este lhes dá verbalmente a sua ordem:

- em 1º lugar ao Cmt. do P.M. (afim de acelerar a sua entrada em acção);
- depois ao Cmt. do 3º Pel (caminho maior para percorrer).

Transporta-se depois para o morro de *S. Bento* (vertentes N.O.) onde dá ordens aos Cmts. dos 1º, 2º e 4º Pels. (à vista) e ao Cmt. do Pel. do 3º Esq.

IV — PHASE DA FISCALIZAÇÃO

O Capitão assiste do morro de *S. Bento* (vertentes N.O.) ao desembocar dos 1º e 2º Pels. e ás disposições tomadas pelo P.M.

EXERCICIOS PARA AS SUB-UNIDADES

(no quadro de exercicio de conjunto do 1º Esq. e P.M.)

PARA CORRIGIR OS ERROS COMMETTIDOS DURANTE O EXERCICIO DE CONJUNTO DO ESQ.

R.E.C.C. — 4ª Parte — Artigos: 220 a 223 — 230 a 236 — 238 — 240 e 241

PELOTÕES

1º Pelotão

Desembocar do 1º Pel. a O. do morro de *S. Bento*:

- actuação da ponta;
- actuação da testa;
- informação.
- ataque a pé deste pelotão (ordem do Cmt. do Pel.);
- o 1º Pel. consegue apoderar-se das passagens N.O. do morro de *S. Bento* sobre o arroio *Sarapuhy*;
- elle attinge a ultima coberta mas não a póde ultrapassar;
- ligação com o Capitão.

2º Pelotão

- o seu apear;
- o seu ataque (ordem do Cmt. do Pel.);
- o 2º Pel. consegue sobrepôr-se á resistencia inimiga da passagem do arroio *Sarapuhy*, immediatamente ao S. da região pantanosa O. da cota 60 (1 km. E. do morro do *Retiro*);
- elle attinge a ultima coberta mas não a póde ultrapassar;
- ligação com o Capitão.

3º Pelotão

- marcha a cavallo do 3º Pel. até a pinguella 500 mts. N. da Est. de *Bangú* sobre o arroio das *Tintas*.
- o seu apear;
- a sua progressão a pé em direcção ás pontes 800 mts. N.O. da Est. de *Bangú* sobre o arroio *Sarapuhy* (ordem do Cmt. do Pel.);
- o 3º Pel. consegue attingir com elementos seus a região das casas localizadas entre a ponte (800 mts. N.O. da E. de *Bangú*) sobre o arroio *Sarapuhy*, e a cota 60 (S.E. do morro do *Retiro*);
- abertura do fogo sobre as retaguardas da resistencia inimiga da cota 60.
- o 3º Pel. occupa as pontes (800 mts. N.O. da Est. de *Bangú*) sobre o arroio *Sarapuhy* e dá conta ao Cmt. do Esq.

4º Pelotão

- localização inicial deste Pel. de res. a cavallo (entre morro de *S. Bento* e cota 50);
- a sua articulação;
- a sua ligação com o Capitão.

P. M.

- | | |
|--|--------------------------|
| Ordem do Cmt. do P.M.: | — instalação; |
| — marcha de aproximação a cavallo das S.M. | — abertura do fogo; |
| — apejar; | — ligação com o Capitão. |

Às 9,50, o fogo inimigo das cotas 60 (S.E. do morro do Retiro) apaga-se.

Patrulhas de combate mandadas pelos 1º e 2º Pels. progredem em direcção às cotas 60 sem serem inquietadas.

O inimigo abandonou essas cotas como o confirma uma informação do 3º pelotão.

Progressão dos primeiro e segundo Pels. para seus objectivos.

Remessa, pelo Capitão da res. a cavallo (4º Pel.) para o eixo de marcha (est. sul do morro do Retiro) como novo pelotão testa-ponta, enquanto os Cmts. de Pel. e do P.M. mandam avançar os seus cavallos de mão, afim de montarem novamente e reencetarem a marcha.

Às 10,5 o esquadrão e o P.M. ficam promptos para continuar o movimento para Oeste.

EXERCICIOS PARA AS SUB-UNIDADES

(no quadro da operação do 1º Esq. e P. M.) para corrigir os erros commettidos durante o exercicio de conjunto de esquadrão

Para os 1º, 2º e 3º Pels.

- actuação das patrulhas de combate.
- occupação dos objectivos.

Para o 4º pelotão

- ligação da reserva a cavallo com o capitão;
- desembocar da reserva a cavallo.

Para o 1º, 2º e 3º Pels. e P.M.

- ligação dos Pels. e das S.M. com os cavallos de mão.
- chegada dos cavallos de mão;
- montar.

OBSERVAÇÕES

Numero um. — Quando diante da acção da Vg. o inimigo se retrai, incumbe aos elementos do 3º Esq. (destacamento de descoberta) guardar o seu contacto.

Numero dois. — O 1º factor de um successo nesta operação reside na rapidez de execução; o 2º na attitude do Esq. de descoberta.

O Cmt. deste ultimo, ao chegar na região de Bangú, sabendo que a Bda. está a chegar, deve, a todo o transe, agarrar-se no morro de S. Bento, cujo valor apparece logo.

Fazendo isso, falicita consideravelmente o papel da Vg. e talvez o da Bda.

Numero tres. — O presente exercicio mostra que o engajamento dos primeiros elementos de cavallaria tem geralmente por fim o combate pelo fogo. Alguns desses elementos serão logo detidos na sua progressão a cavallo, outros poderão progredir mais longe.

Uns e outros devem transportar os seus meios de fogo a cavallo o mais depressa e o mais longe possivel, numa palavra, explorar ao maximo o movimento e a plasticidade da arma montada antes de recorrer ao combate a pé.

Senão, a cavallaria tornar-se-á infantaria montada.

CRITICA DO EXERCICIO DE CONJUNTO DE ESQUADRÃO QUE PRECEDE

(A título de exemplo)

ENGAJAMENTO DE UM ESQUADRÃO DE VG. E PM.

Pelotão testa-ponta. — Recebidos a tiros, os cavalleiros da ponta (exploradores de frente e de flanco), galopam até o 1º abrigo, apeiam e continuam a sua missão a pé.

Um elemento de segurança ou de reconhecimento que só apeia para se abrigar, abandona a sua missão.

Não aproveitar da mais proxima coberta para se apeiar é abandonar pontos de terreno que o inimigo occupará.

O pelotão testa-ponta que encontra o contacto não tem de travar o combate, mas de tomar este contacto para informar o Capitão. Essa tomada de contacto pelo pelotão testa-ponta póde levar o inimigo a se retrahir se estiver fraco.

Senão, o pelotão testa-ponta detido no eixo de marcha permanece ao contacto para servir de base ao desenvolvimento do esquadrão.

O apejar. — O apejar executa-se atraz da ultima coberta (à prova de balas).

— Os grupos de cavallos de mão nunca devem estar descobertos atraz dos atiradores (mesmo atraz de uma vegetação que não protege contra o fogo), afim de não receber as balas destinadas aos atiradores detidos.

Disposições preparatorias para o engajamento a pé. — Enquanto (e não depois) o chefe recebe a sua ordem e faz o seu reconhecimento, o seu substituto:

- faz apejar a tropa;
- fixa o logar dos cavallos;

— reúne os combatentes a pé;
 — e, toda vez que a direcção do engajamento é conhecida pelo chefe, antes de partir para o reconhecimento, dirige os combatentes até a ultima coberta, numa formação apropriada e desenhada.
 Ganha-se, assim, algum tempo, factor importante nos engajamentos de Vg.

Metralhadoras. — Na offensiva, quer se trate de combinação de fogo e de movimento a pé, ou de combinação de fogo e de choque, são as metralhadoras que devem entrar em acção em 1º lugar.

O chefe deve, pois, facilitar a sua entrada em acção:
 — dando-lhes um lugar conveniente no dispositivo de aproximação (as unidades de 1º escalão — metralhadoras — unidades em reserva);
 — dando-lhes ordens em 1º lugar.

Progressão a pé. — Procurar a invisibilidade nas progressões a pé.

A ordem dispersa é a regra.

Um elemento que conseguiu progredir e desbordar uma resistencia inimiga que detem o seu vizinho tem o dever de auxiliar este ultimo.

Elle deve agir de flanco pelo seu fogo contra a resistencia inimiga enquanto mantiver a permanencia na sua propria direcção.

Permanencia da observação, do contacto e da informação. — Unidades detidas pelo fogo só podem dar conta que o terreno se tornou livre depois que as suas patrulhas de combate tenham verificado não só a cessação do fogo, mas a partida do inimigo.

Reserva a cavallo. — Uma tropa de cavallaria encarregada de uma missão de segurança ou de descoberta e conduzida pelas circumstancias a engajar um combate pelo fogo afim de abrir uma porta para si deve sempre guardar uma reserva a cavallo para retomar o mais cedo possivel a sua missão e o contacto.

— O chefe dessa tropa deve pois orientar de antemão o Cmt. da reserva a cavallo a respeito da sua futura missão.

— O Cmt. da reserva a cavallo deve fazer tudo para estar prompto para agir.

Cavallos de mão. — O grupo de cavallos de mão é um elemento de combate (elemento de mobilidade, de remuniciamento, reserva de pessoal) de uma tropa de cavallaria que combate a pé.

A sua ligação com o chefe deve ser constante. O seu Cmt. deve procurar manter-se ao par do que se passa na frente (iniciativa).

O Cmt. da tropa deve ordenar:

— collocação inicial;

— conducta a manter em caso de progressão ou de retirada.

O Cmt. dos cavallos de mão dá ordens em função da situação e prescreve medidas de segurança.

— Na instrucção, cuidar da instrucção dos graduados no papel de Cmts. dos grupos de cavallos de mão;

— ligação constante com os combatentes a pé;

— evitar como pontos de estacionamento encruzilhadas e de modo geral, os pontos de reparo facil.
 Dissimulação dos grupos.

Retomada da acção a cavallo.

1º) destacar a reserva a cavallo como nova descoberta ou nova Vg.;

2º) ao mesmo tempo aproximar os grupos de cavallos de mão dos combatentes a pé cuja missão está determinada.

Conclusão: Ligação constante entre o Cmt. da tropa, as unidades engajadas, o Cmt. da reserva a cavallo e os Cmts. dos grupos de cavallos de mão.

Redacção das informações. — Importancia do ponto e hora de partida da informação.

— A informação deve ser legivel.

— Evitar mandar informações de pormenores inúteis ao chefe a respeito do que se tem feito. O estafeta assim empregado talvez faça falta quando se tratar de uma informação importante.

"Ainda mais uma vez, a Victoria é o apagamento dos Exercitos que manobram, isto, é, dos que são mais instruidos. Dia a dia, ella exige de todos o Saber". (Marechal Foch).

"Quando um homem de guerra tem a convicção intima de ser instruido, quando sabe que por meio da instrucção adquirida poderá facilmente orientar-se nas circumstancias difficeis que se lhe apresentarem, seu character se rebustece; adquire a faculdade de tomar a tempo resoluções nitidas e de pol-as praticamente em execução.

(Gen. Pewker.

ENTEROZYMASE
 (FERMENTO BULGARQ)
 FERMENTAÇÕES E INFECÇÕES
 INTESTINAES & COLITES
SILVA ARAUJO & CIA

Escolas Militares na Inglaterra

N. R. — O que em seguida se lê é extrahido de "La Guerra y su preparacion" de Madrid, onde se encontra uma excellente correspondencia do addido militar de Hespanha, Ten. Cel. Espallargas, em Londres. O luxo de escolas correspondente a "riqueza ingleza..."

Existem na Inglaterra duas Escolas Militares, a de Sandhurst (The Royal Military College) para infantaria, cavallaria, tanques e intendencia; e a de Woolvich (The Royal Military Academy) para artilharia, engenharia e transmissões.

O estudo feito nestas escolas não visa fornecer todos os conhecimentos indispensaveis aos que querem seguir a carreira militar e sim fornecer uma primeira etapa de estudos que devem ser continuos. Assim o estudo nellas feito visa fornecer: conhecimentos geraes e militares basicos: uma instrucção individual do soldado, completo manejo e emprego das armas, equitação, gymnastica e tudo mais que um perfeito soldado deve saber. A instrucção para o Commando de pelotão e secção é dada nos regimentos; nas escolas presta-se mais attenção ao ensino, que não pode facilmente ser feito nos corpos.

Os alumnos fazem nessas escolas um curso de 18 mezes onde estudam: Arte e Historia Militares, Hygiene Militar, Organisação do Exército, Legislação penal militar; Mathematica, Physica, Chimica, Biologia (Electricidade e trabalhos em Laboratorios); Constituição Ingleza, Assumptos Nacionais e Estrangeiros (historicos, politicos geographicas e economicos); Questões de actualidade; Jogos athleticos. Alem destes assumptos mais dois esco- lhidos livremente entre os seguintes: Francez, Allemão, Mathematica superior, Chimica Aplicada á guerra Engenharia, Mechanica, Electricidade e Radiotelegraphia e estudos das Potencias Europeas. Os Jogos athleticos não são obrigatorios mas se lhes attribue grande importancia.

O ensino é essencialmente feito no terreno, laboratorios, officinas e salas apropriadas sob a ajuda e direcção continua dos professores. Todos os alumnos são obrigados a tomar notas, que são depois examinadas pelos professores, inclusive das aulas e conferencias dadas.

Nos horarios reserva-se tempo sufficiente para os jogos athleticos e procede-se de modo a que todos tomem parte nestes jogos evitando-se o seu monopolio pelos mais notaveis.

Nota-se que nestas escolas inglezas deixa-se pouco tempo ao trabalho do alumno por conta propria. Em geral, o professor procura estudar e trabalhar mais que o alumno, para facilitar-lhe a tarefa, parece caracteristico da pedagogia ingleza.

Dá-se muita importancia a que o cadete aprenda a ensinar para fazer-se bom instructor.

Finalmente faz-se nestas escolas grande questão de uma irreprehensivel conducta, de uma elevada moral e de um profundo sentimento do dever militar. E tal é a importancia

attribuida a estes assumptos que parece, visivelmente, pretender-se antes de tudo formar nestas escolas verdadeiros homens, conductores de homens, perfeitos cavalleiros. E por isso os alumnos são denominados officialmente "Gentlemen Cadets".

✦ ✦

A selecção para as matriculas é rigorosa. O candidato deve ter 18 annos de idade possuir o curso de humanidades e prestar exames de certas materias deante de uma commissão especial. Todos os candidatos são inicialmente julgados por uma Junta que examina os antecedentes pessoas do candidato e os de familia e sem cujo beneplacito o candidato não póde submeter-se ás outras provas.

Um certo numero de matriculas, em cada escola, é exclusivamente reservado a pessoal seleccionado nos corpos de tropa.

✦ ✦

Em ambas as escolas as installações materiaes são boas e completas sem serem luxuosas. Os alumnos não residem em dormitórios communs e sim em aposentos simplesmente mobiliados. Por companhia existe um pavilhão com banhos, duchas e privadas. Existem ainda casinos, em media, um para duas companhias, dispondo-se de salas de conversação, leitura, bibliotheca, bilhar, restaurante, etc., com horas determinadas de funcionamento e limitações a respeito do uso de alcool. Existe tambem um cine-theatro, onde algumas vezes trabalham os proprios alumnos e por vezes profissionais.

Para a instrucção as escolas dispõem de campos de tiro, picadeiros cobertos, magnificos gymnasios, locaes para esgrima e jogos athleticos, foot-ball, tennis, corridas de obstaculos, natação etc. Alem disso as escolas são providas de laboratorios de physica, chimica, gazes, electricidade, radiotelegraphia e de officinas de mechanica, motores e armamento, dando ao trabalho dos alumnos um caracter completamente pratico.

✦ ✦

Reina nestas escolas a mais severa disciplina, ao par de um tratamento da maior distincção social. Os alumnos podem usar trajes civis fóra das escolas e podem entrar e sair dellas em taes trajes. Os refeitórios são organisados como restaurantes sem luxo, onde comem alumnos e professores á mesma hora, sem distincções especiaes. Todo serviço interior é feito pelos alumnos do ultimo anno (3º semestre) Só se admite a repetição de um curso.

✦ ✦

Os alumnos que terminam o curso são classificados e promovidos a 2.^a Tenentes pela ordem de seu merecimento, ordem que é reservada para a escolha dos logares vagos nos corpos onde vão immediatamente servir. Ahí são elles, durante dois annos ainda, especialmente instruidos por officiaes do regimento. Os de artilharia, engenheria e transmissões antes de entrar no regimento vão frequentar os seguintes cursos:

artilharia — 4 mezes na Esc. de Art. de Larkhill;

engenheria — 2 annos e 10 mezes nas Esc. Eng. Militar de Chatlam e Universidade de Cambidge civil;

transmissões — um anno no C. e signaes de Catterick. n

Todos estes officiaes assim formados, para que possam exercer certos cargos (Commandos, E. M. Fabricas etc.), devem ainda adquirir os necessarios conhecimentos em correspondentes escolas militares ou civis, conforme o caso particular. Assim tambem se faz ao se tratar dos accessos ulteriores.

Não são ellas senão escolas para o recrutamento da officialidade.

* *

Existem ainda:

A "Sennior Officers School" — em Sheerness, tendo por objectivo ensinar tactica e assegurar uniformidade ao methodo de applicação dos regulamentos; assegurar aos chefes oportunidade para a troca de impressões em relação aos modernos methodos de instrução e administração das unidades; dar instrução tactica aos chefes de unidades; informar sobre a capacidade dos chefes para conduzir a instrução de um batalhão ou unidade equivalente.

A esta escola devem vir todos commandantes (maiores) antes de serem promovidos a Ten. cols.

Seu curso é de cerca de 3 mezes e a instrução é theorico-pratico, fazendo tambem visita a outras Escolas e Centros de Instrução.

O "Shaffe College" de Camberley — é a Escola de Estado Maior. A matricula é nella regulada pelo Conselho do Exercito. O curso é de 2 annos para um numero medio de 120 alumnos, dos quaes cerca de 30 são do E. Indiano, da Marinha e da Aeronautica.

"O Imperial Defense College" de Londres, foi creado em 1927 tendo por objecto o estudo das questões de defesa do Imperio por officiaes seleccionados do Ex., da Aer. e da Marinha e funcionarios civis, os quaes devem aprender os largos conceitos da estrategia imperial. O seu director de estudos é o Chefe de E. M. da Junta de Defesa do Imperio sendo a administração feita pelo Almirantado. Matriculam-se annualmente cerca de 5 officiaes do Ex., 5 da Marinha, 5 da Aeronautica e 15 são dos Exercitos coloniaes e civis.

* * *

Existem ainda muito numerosissimas escolas para o Ex. Inglez. Entre estas contam-se

as escolas de armas combatentes, escolas para os serviços e escolas especiaes.

Entre as escolas de armas citam-se:

"Small Arms School" — para o ensino de armas portateis, automaticas e telemetria, incluindo as experiencias com as armas referidas. Em 1928 frequentaram esta escola 150 generaes e officiaes, notadamente capitães de infantaria e cavallaria e 250 graduados;

"Equitation School" de Weedon para a formação de instructores de equitação, sabredoma. O curso dura 8 ½ mezes; sua frequência é de 20 officiaes e 20 graduados.

"Riding Establishment Royal Artillery" para instrução a cavallo dos artilheiros, antes de recrutados serem enviados aos corpos;

"School of Artillery" para o ensino de tactica de artilharia aos generaes e chefes de todas as armas e tactica e tiro aos officiaes e graduados da arma, inclusive para estes topographia informações;

"Coast Artillery School" como a anterior mas só para o que se refere á artilharia de costa;

"School of Anti-Airgraff Defence" — para estudo do emprego da artilharia antiaerea, projectores etc.;

"School of Signals", para ligações e transmissões.

"School of Military of Engineering" para formação de officiaes de engenheria;

"Railway Training Centre" para instrução do pessoal relacionado com questões ferroviarias.

"School of Electric Lighting" para o pessoal da defesa de costa que lida com projectores para instrução de electricidade ao pessoal de engenheiro.

"Royal Tank Corps Centrals School" para preparo do pessoal dos Tanks;

"Chimica Warfare School" para preparação de instructores de defesa contra os gases e tambem para cursos de demonstração, para generaes e chefes, dos progressos da guerra chimica.

* * *

As principaes escolas para serviços são:

"Royal Army Medical College" para a formação de medicos antes de sua promoção a major; para medicos novos, e para graduados do serviço de saude;

"Army School of Hygiene" para o estudo das questões de Hygiene para officiaes de tropa e para medicos. Os medicos fazem um curso de 4 mezes, durando 3 semanas para os outros;

"School of Despensing" — para os pharmaceuticos militares;

"Royal Army Service Corps, Training College" para o estudo das questões que se referem ao serviço de intendencia, aquartelamento, remonta etc;

"Royal Army Ordnance Corps School of Instruction" para as questões que se relacionam ao armamento, munições, equipamentofardamento e material em geral;

"Military College of Science" que é ligada ao anterior e se occupa com o preparo do pessoal ligado á fabricação e conserva do

O Regulamento geral da Educação Physica

Pelo Cap. BERNARD

TRADUZIDO DE "LA REVUE D'INFANTERIE" PELO CAP. BARBOZA LEITE

I PARTE

SUMMARIO

I — O Regulamento geral de educação physica publicado pelo Ministerio da Guerra é o primeiro documento official que se destina a resolver, em seu conjunto, o importante problema da educação physica integral e que propõe um methodo geral, applicavel a todos os francezes, sem distincção de idade ou de sexo e, o que é mais, perfeitamente adequado ao temperamento nacional.

II — O methodo francez, exposto por este regulamento, não deve ser considerado como um systema artificial de invenção recente; não é obra de um cerebro, nem mesmo de uma instituição. Elle representa com annos de esforços, de pesquisas pertinazes e de progressos penosamente realizados, dos quaes participaram, da maneira mais activa, o Exercito e, desde 1852 a Escola de Joinville. E' o fructo de uma longa experiencia e de uma rica documentação scientifica já conhecida e apreciada por grande numero de especialistas estrangeiros.

III — O methodo exposto pelo Regulamento geral é eclectico, elle não exclue, a priori, nenhum dos processos capazes de contribuir, efficientemente para o desenvolvimento physico e harmonioso do homem. Contrario a todo dogmatismo elle admite que cada experiencia nova deve constituir um marco a mais na estrada do progresso.

EM 1881 George Demeny, preparador no Collegio de França, e cujos trabalhos estavam talhados para influir de maneira bastante consideravel na educação physica contemporanea, escrevia: "entre nós ha o habito de considerar a gymnastica sob um ponto de vista muito restricto, em vez de se lhe dar o caracter de generalidade que a torna interessante".

"Uns vêem nella apenas os effeitos exaggerados, o desenvolvimento excessivo dos musculos, a procura da dextresa corporal levada até á temeridade. Outros encaram-na apenas pelo prisma militar e patriótico".

"Ha, de cada lado, uma maneira de ver exclusiva, insufficiente, que diminue seu alcance e prejudica seu desenvolvimento".

E, depois de indicar em ligeiros traços, os inconvenientes dessas concepções erroneas, Demeny accrescentava:

"Tal não aconteceria se, desde a escola, o

ensino da gymnastica revestisse uma fôrma menos especial e fosse apresentado como um conjunto de regras de hygiene, tão razoaveis como as da moral.

"Este é o unico ponto de vista sob o qual deve ser encarada a educação physica, unico digno de interesse por isso que encontra, na vida, applicação diaria.

"O ponto de vista militar é decorrente delle e constitue uma especialização facil de realizar; para isto não serão precisos longos annos de serviço nas fileiras. Alguns mezes de instrução militar serão mais que sufficientes para fazer, de um homem cujo adestramento physico lhe assegura perfeita saude, um soldado de tempera resistente, o qual, mesmo reintegrado em sua profissão civil, continuará sempre preparado para as fadigas da guerra porque nunca mais abandonará a pratica dos exercicios physicos ensinados na escola, pratica que passou a

mamento, investigações e experiencias. Alhí se formam engenheiros industriaes.

"Royal Army Veterenary School" para a instrução dos veterinarios, ferradores etc.

Alem destas escolas existem muitas outras que se occupam de varios assumptos taes como policia, bombeiros etc.

* * *

Aeronautica comprehende tambem varias escolas e academias.

As academias são:

"Royal Air Force Staff College" que corresponde á escola de E. M. da Aeronautica;

"Royal Air Force Cadet College" que corresponde á Escola Militar.

Entre as escolas notam-se:

"School of Army Co-operation para o estudo da cooperação com o Exercito:

"School of Naval Co-operation" para o estudo da cooperação com a Marinha;

"Royal Avi Force School of Photography para o estudo de interpretação de photographias;

é frequentada por officiaes do Exercito

"School of Technical Training, Apprentices" para aprendizes de mecanica, de 15 a 17 annos; curso de 3 annos inclusive instrução geral;

"School of Technical Training, Men" para a formação de engenheiros aeronauticos em combinação com escolas civis.

A aeronautica occupa ainda mais 13 escolas inclusive a "General and Vocational Training" para preparar officiaes que aspiem fazer estudos superiores e tambem ajudar officiaes e tropa que se preparam para desempenhar certa profissão em seu regresso á vida civil.

fazer parte integrante de sua vida privada e que, por isso mesmo, tornou-se para elle, uma verdadeira necessidade".

Esta concepção tão logica e acertada, segundo a qual a educação physica deverá alcançar o homem desde sua infancia, adaptal-o progressivamente ás suas possibilidades e necessidades preparando-o tanto para suas funções de soldado como para as de cidadão, capacitando-o, em summa, para produzir trabalho util e duradouro por toda sua vida; esta concepção verdadeiramente racional infelizmente não tinha sido realizada até então.

E' innegavel que os regulamentos officiaes publicados pelos ministerios da Guerra e da Instrução Publica haviam codificado a educação physica da mocidade das escolas e o adestramento do soldado, mas esses regulamentos não foram inspirados por uma doutrina unica, não se baseavam nos mesmos principios de physiologia e pedagogia e, o que é mais, não se ligamentos, em Paris e nas grandes cidades, prestavam pelos laços de continuidade que seria de desejar.

Por tudo isso devemos considerar como marco inconfundivel na historia da educação physica franceza, a publicação, pelo Ministerio da Guerra, do Regulamento geral de educação physica, cuja primeira parte, recentemente apparecia, se propõe resolver, em conjuncto, o problema do desenvolvimento physico, integral, do homem.

Um rapido golpe de vista lançado sobre as nossas tradições gymnasticas formadas no longo decurso de um seculo, mostrará, á evidencia, quanto se deve esperar desse regulamento, unica organização que possuímos, presentemente, capaz de beneficiar generosamente nosso paiz cooperando, da maneira mais efficiente, para a regeneração physica da raça franceza tão duramente experimentada na ultima guerra.

Desde 1820, com effeito, numerosos regimentos, em Paris e nas grandes cidades, prestavam-se com interesse, algumas vezes mesmo com enthusiasmo, ás experiencias do primeiro methodo de gymnastica franceza, lançado pelo Cel. Amoros, hespanhol de nascimento e naturalizado francez, cujos conhecimentos pedagogicos, genio inventivo e dedicação desinteressada, fizeram-lhe merecedor das mais raras honras, taes como o premio Montyon e o titulo de chefe da escola franceza de educação physica.

Seus discipulos e continuadores de sua obra foram dois officiaes — os capitães d'Argy e Desmontils — e um sargento de engenharia — Napoleão Laisné.

Quando, em 1838, Amoros sentiu o trabalho da destruição que, contra seus esforços, praticavam seus inimigos, abandonou o magnifico Gymnasio Normal civil e militar da praça Duplex, cuja construcção havia custado mais de um milhão de francos dos quaes uma boa parte sahira do seu proprio bolso.

Foi então, o Exercito, o primeiro a reconhecer que um esforço tão grande não devia, de maneira nenhuma, ser abandonado. O Ministro da Guerra nomeou uma comissão presidida pelo Gen. Conde de Rocheret e a encarregou de redigir uma instrução regulando o ensino da gymnastica no Exercito. Por motivos que não

chegaram a ser conhecidos esse documento não logrou ser publicado.

Alguns annos mais tarde foi organizada uma nova comissão presidida pelo Gen. Aupich, contando, entre seus membros, o Cel. Amoros e Napoleão Laisné que além das funções de desenhista executava os exercicios para a preparação das figuras. O trabalho progrediu rapidamente e, em 24 de Abril de 1846, o Ministro da Guerra approvava o primeiro regulamento francez de gymnastica, destinado aos corpos de tropa e estabelecimentos militares. No mesmo anno foi feita a publicação desse regulamento e tomaram-se todas as medidas para que entrasse em vigor immediatamente.

Entretanto, desde logo, a experiencia veio demonstrar que um regulamento de nada vale quando não se possuem instructores em condições de applical-o.

Obedecendo-se ao mais elevado espirito de ordem ficou decidido, desde 1849, a criação de uma Escola Normal de Gymnastica Militar em Fontainebleau.

Todos os planos já estavam delineados por d'Argy e Laisné, mas não chegaram a ser postos em execução porque com a questão politica de restauração do Imperio elles receberam ordem de abandonar essa empresa.

Tres annos mais tarde ficou assentada definitivamente a fundação da Escola Normal de Gymnastica em Joinville-Pont. As adaptações necessarias foram realizadas promptamente e, em 1852, Cmt. d'Argy, auxiliado por Laisné como professor, recebia a primeira turma de 120 alumnos. Dahi por diante esta escola não cessou mais de fornecer um trabalho scientifico consideravel e digno do renome que conquistou para si e para a França, até mesmo nos paizes mais afastados de nós.

* * *

De 1852 a 1900, o verdadeiro espirito amorosiano não cessou de animar os instructores e monitores de Joinville.

A physiologia applicada aos exercicios do corpo e o estudo da mecanica humana apresentavam muito pouco progresso porque até então ainda não tinham despertado a attenção dos sábios. O ensino na Escola Normal foi, sobretudo, pedagogico e pratico.

Levados pela attracção dos exercicios de acrobacia emapparehos, tão em moda em todas as sociedades de gymnastica da França e de além Rheno, desejosos de dar provas, em todas as oportunidades, de sua indiscutivel superioridade physica, encorajados neste caminho pelas aclamações do publico admittido a assistir suas demonstrações, os monitores de Joinville pareciam ter esquecido um pouco, principalmente entre 1870 e 1890 que, segundo o preceito de Amoros, a "gymnastica se detém onde começa o funambulismo".

Realmente estes exercicios de selecção constituem seu "sport" de apresentação e as suas tradições pedagogicas do começo continuavam a ser respeitadas na preparação dos alumnos da Escola.

A partir de 1880 os espiritos se orientam por uma nova estrada. As pesquisas de Maray sobre a mecanica animal e o methodo graphico, os estudos originaes e persistentes de Lagrange

sobre a physiologia dos exercicios do corpo, fornecem, aos pedagogos e praticos de Joinville os elementos necessarios para corrigir o empirismo que regulava um grande numero dos seus processos e os impedia de progredir.

O Cmt. da Escola Normal e seus instructores seguem os trabalhos do circulo de gymnastica racional fundado por Georges Demeny e tomam parte nas discussões e trocas de idéas que reuniram Triat, Paz, os Drs. Dally e Laborde, etc.

Assim elles se puzeram ao corrente das investigações feitas na Suecia, em 1890, pelos Drs. Lagrange e Tissie, por Demeny e Hugues Lecraux.

A Direcção de Infantaria, perfeitamente informada das novas tendencias, publica, em 1º de Fevereiro de 1893, um manual de gymnastica que deve melhorar o ensino desta arte no Exercito.

Estagiarios bem seleccionados são mandados a Joinville; os programmas de instrucção soffrem grandes modificações e augmenta-se a praça destinada á pratica dos desportos.

* * *

* * *

Em 1900 um congresso internacional installa-se em Paris. O Exercito faz-se representar nelle por varios officiaes que seguem com assiduidade seus trabalhos. Seus relatorios são submettidos a um minucioso exame no Ministerio da Guerra e, em 7 de Agosto de 1902, um decreto presidencial modifica profundamente a organização da Escola de Joinville, ao mesmo tempo que o manual de gymnastica é substituido por um regulamento approved pelo Ministerio da Guerra em 22 de Outubro do mesmo anno.

A novidade mais palpitante consagrada pelo decreto de 7 de Agosto foi a creação do logar de professor de physiologia applicada, na Escola Normal de Gymnastica. Este cargo é confiado a Demeny que conseguiu preparar um laboratorio para lhe permittir continuar as interessantes pesquisas com as quaes chegou a tornar-se notavel. Além disso Demeny collaborou tambem na redacção do novo regulamento de gymnastica, o primeiro publicado em França, com fundamentos scientificos reputados sérios. Esse regulamento se dividia em duas grandes partes:

1ª — A gymnastica de desenvolvimento e de flexionamento comprehendia "todos os exercicios que têm por fim principal o desenvolvimento methodico das differentes partes do corpo, tendo em vista augmentar a força de resistencia do homem e flexional-o". Esta primeira parte era toda inspirada na gymnastica sueca.

2ª — A gymnastica de applicação, comprehendendo "todos os exercicios proprios para desenvolver o valor do soldado e inspirar-lhe confiança em sua força". Esta segunda parte, descripta em poucas paginas, representava tudo o que se tinha considerado como aproveitavel da gymnastica de Amoros.

Em verdade, deve dizer-se que a gymnastica de desenvolvimento e de flexionamento, contida na primeira parte do regulamento, era bem uma inspiração, como dissemos antes, e não a tradução fiel do systema sueco.

Nella se encontrava bem nitido o cunho do trabalho de Demeny, cuja experiencia de 20

annos tinha sido bastante para expurgar o novo regulamento de tudo aquillo que certos processos suecos tinham de artificial e pouco adaptavel ao temperamento francez.

De 1902 a 1906 Demeny continuou no laboratorio da Escola de Joinville insistindo numa série de estudos sobre physiologia e mecanismo dos movimentos, chegando á conclusão de que o methodo sueco não constituia um dogma intangivel e que, razões ponderaveis, de ordem mecanica e physiologica, indicavam uma profunda modificação de seus elementos, antes de os incorporar definitivamente num regulamento francez.

Elle se bateu, em encarniçadas polemicas, com os partidarios do systema sueco, até então, acceto e praticado em toda sua pureza original. Seus adversarios mais irreductiveis foram o Dr. Tissie e o Cmt. Coste.

Ao assumir, este ultimo, o commando da Escola, Demeny abandonou o logar de professor de physiologia, continuando, porém, por sua propria conta, uma nova série de pesquisas que muito contribuíram para fazer progredir a sciencia da educação physica.

O Regulamento de 1902 apresentava falhas que se revelavam á medida que ia sendo executado; os principios estavam mal definidos e os exercicios mal classificados; a instrucção individual era a regra, emquanto que, a instrucção de conjunto, considerada num plano secundario e sómente para alguns exercicios, não era ministrada a grupos homogeneos; os exercicios que constituíam os fundamentos da antiga gymnastica foram radicalmente eliminados e percebia-se que esta reacção tão forte excedia seu objectivo; não seria preferivel utilizar e desenvolver as qualidades excepçionaes dos individuos já adestrados nas sociedades de gymnastica que reuniam um grande numero de jovens e prestavam reaes serviços ao paiz?

Por outro lado, as experiencias proseguem no laboratorio da Escola de Joinville, onde continuam a ser utilizados os aparelhos reunidos e, em grande parte, inventados por Demeny. A 21 de Janeiro de 1910 o Ministro da Guerra põe termo a este periodo de hesitações approvando um novo regulamento de educação physica que reflecte um progresso real sobre o precedente.

Os exercicios physicos, até então designados pela palavra "gymnastica", passam a ser tratados, mais expressivamente, por "educação physica"; assim se deixa perceber, de uma maneira mais nitida, que a formação physica do individuo deve, indiscutivelmente, entrar no quadro de sua educação geral. E, como, segundo a formula de Pestalozzi, "o espirito da educação deve ser, em todas as circumstancias, o mesmo", para que separar a educação physica da educação intellectual, em vez de submettel-as ás mesmas regras pedagogicas?

O Regulamento de 1910 subdivide-se em tres grandes partes:

1ª — A *gymnastica educativa* que "flexiona, desenvolve, sustenta, fortifica e prepara para a gymnastica de applicação".

Esta parte que corresponde á gymnastica de flexionamento e de desenvolvimento, no Regula-

mento de 1902, continúa a ser inspiração da gymnastica sueca. O methodo de Ling ahi se apresenta, portanto, mais bem comprehendido e mais fielmente exposto do que no regulamento precedente;

2ª — A *gymnastica de applicação* que é a continuação da gymnastica educativa depois de ter sido preparada por esta.

Ella tem "por objectivo ensinar o soldado a vencer as difficuldades que se apresentarem em campanha". Ao contrario da gymnastica educativa, cuja bôa execução repousa no maior trabalho, a gymnastica de applicação é regida pela lei da economia de forças;

3ª — Finalmente, a *gymnastica de selecção* que comprehende exercicios athleticos nos differentes aparelhos e alguns desportos (rugby, foot-ball, hockey, etc.) e que é reservada aos individuos mais particularmente aptos, aos quaes se proporciona, assim, o meio de "exercitar ou de desenvolver suas excepçoes aptidões".

Muito sábiamente esse regulamento accrescentava: "A gymnastica de selecção, destinada a augmentar o vigor physico de uma elite, não deve ser levada a ponto de desenvolver certas qualidades em detrimento de outras aptidões necessarias ao soldado em campanha".

"Os exercicios da gymnastica de selecção, podendo conduzir a exaggeros perigosos, capazes de causar lesões organicas e de produzir exgotamento, devem ser empregados methodicamente e fiscalizados pelo instructor com a maxima attenção".

* * *

Em summa, com o Regulamento de educação physica de 1910 o Exercito ficou provido de um bom instrumento de trabalho; a formula ecletica parecia feliz; elle tirava do methodo de Ling os processos educativos já experimentados na Suecia e conservava da gymnastica de Amoros as applicações cujo valor utilitario era evidente; elle conservava um logar razoavel para a gymnastica de selecção em aparelhos, e aos desportos, tendo em vista o aperfeiçoamento physico dos individuos normalmente adestrados.

Demais, em sua applicação pratica, a rigidez reprovada, em geral, nos exercicios suecos, achava-se consideravelmente atenuada, em concordancia com as theorias de Lagrange e de Demyen, bem conhecidas dos pedagogos de Joinville.

Emfim, a 1º de Setembro de 1912, o Ministro da Guerra, publica a instrucção sobre a organização e o funcionamento da Escola Normal de Gymnastica e Esgrima.

O objectivo da Escola fica ahi bem definido em detalhes e, de conformidade com o parecer da commissão interministerial creada por decreto de 22 de Dezembro de 1904, para "unificar os methodos nas escolas, gymnasios e corpos de tropa".

Não é talvez, demais, reproduzir aqui, integralmente, o artigo 1º da instrucção de 1º de Setembro de 1912, para recordar o papel importante desempenhado pela Escola de Joinville na elaboração do Regulamento Geral de Educação Physica:

Art. I — A Escola tem por fim:

1º — Ensinar aos officiaes tudo que diz respeito á educação physica da tropa;

2º — Formar monitores e instructores de educação physica para as escolas militares e corpos de tropa;

3º — Preparar os professores, em serviço nas fileiras, para a sua função;

4º — Preparar os alumnos da Escola normal superior de ensino primario de Saint-Cloud, nos methodos da educação physica da mocidade;

5º — Procurar, com a cooperação do pessoal de serviço auxiliar e contando com o pequeno Estado Maior da Escola, os meios e methodos que permittam o melhoramento physico dos militares desta categoria;

6º — Formar mestres de armas para o ensino da esgrima;

7º — Finalmente, estudar os aperfeiçoamentos a introduzir nos methodos da educação physica e da esgrima, experimentar os processos novos e propor ao Ministerio da Guerra as medidas necessarias para a vulgarização de seu uso no Exercito.

Joinville adapta-se logo á nova obra.

Quatro cursos de dez semanas são organizados annualmente, para os professores sujeitos ao serviço militar.

O numero de alumnos que no começo era de 300, mais ou menos, por curso, ascende a 600, em 1914.

Os jovens professores manifestam um bello adestramento e os resultados obtidos vêm testemunhar a oportunidade e a sabedoria de uma medida que teria sido capaz de dotar todas as communas da França com professores de educação physica competentes e que teria, certamente, realizado a unificação dos methodos, tão desejada, se a guerra não tivesse vindo tão bruscamente entrar a sua marcha.

1914! A Escola Normal de Gymnastica fecha suas portas e cada um segue para onde lhe chama o cumprimento do maior dever. Mas, desde o fim de 1915, surge a preocupação obstinada de recuperar os soldados convalescentes e reeducaveis, bem como, de antecipar ou acelerar a maturidade physica das novas classes de jovens que o "front" reclama.

O problema a resolver é delicado e assemelha-se muito pouco ao da educação methodica dos jovens ou recrutas que têm deante de si todo o tempo necessario. Com effeito, torna-se indispensavel, antes de tudo, andar com pressa.

O momento não é mais para as discussões subtis de escola, urge adoptar, sem demora, um systema ao mesmo tempo simples e efficaç, susceptivel de uma applicação gradual e progressiva, a individuos cujo valor physico pôde ser muito differente; torna-se necessario, por fim, que esse methodo possa ser facilmente comprehendido e praticado, com satisfação, por aquelles que a elle deverão ser submettidos, em vez de aborrecel-os.

Em Maio de 1916 a Escola de Joinville se reabre. O Ministerio da Guerra ahi reúne um punhado de instructores e monitores. Todos sentem-se bem animados: suas qualidades pessoas foram retemperadas nesta mesma officina e todos elles sabiam bem como as qualidades moraes ahi encontram innumeradas oportunidades de emprego.

Este nucleo de trabalhadores põe mãos á obra com intenso ardor. Nos methodos anteriores, officializados ou não, e muito particularmente no Regulamento de 1910, elles encontram os elementos considerados como uteis á instrução physica das classes recuperadas ou novas, isto é, um pouco mais fracos do que as classes normaes.

A 20 de Junho de 1916 é publicado um primeiro "guia-memento" muito interessante no ponto de vista theorico, pois contém, em germen, um certo numero de principios pedagogicos e processos que foram conservados pelo regulamento actual.

As primeiras paginas desse documento são consagradas a um estudo critico, muito rapido, dos methodos e regulamentos anteriores; a conclusão que põe termo a essa critica pôde ser assim resumida: o methodo empregado para os recuperados e recrutas das classes novas deve ser, antes de tudo, "expurgado de todas as considerações desportivas ou plasticas"; é preciso sacrificar um grande numero de movimentos da gymnastica educativa do Regulamento de 1910, que não são de absoluta necessidade e substitui-los por exercicios de character nitidamente utilitario, unicos capazes de desenvolver rapidamente as qualidades moraes e physicas que o soldado é obrigado a empregar em combate.

E foi assim que, advertidos pelos ensinamentos da guerra, os educadores de Joinville em 1916 introduziram seu novo methodo no quadro tradicional da escola franceza de educação physica, da qual Amoros e Demeny podem ser considerados como os principaes precursores.

Embora esses educadores tivessem de preparar homens de valor physico inferior ao normal, não julgaram conveniente submeter os primeiros a uma gymnastica de flexionamento e de desenvolvimento e depois a uma gymnastica de applicação e de exploração.

Suas idéas baseavam-se nos principios de physiologia applicadas tal como os expoz Lagrange, affirmando que é possível, numa mesma lição, continuar os exercicios de uma e outra gymnastica e que, bem conduzidos, a maior parte dos exercicios de applicação tornam-se susceptiveis não só de educar o systema nervoso, mas ainda, de flexionar as articulações, desenvolver os musculos e agir muito efficazmente sobre todos os órgãos internos, principalmente sobre o coração e os pulmões.

O exito obtido mostrou que elles tinham razão e a prova está em que, a edição prevista e augmentada do guia pratico de educação physica publicada em 1917, embora apresente melhoramentos de detalhe, conserva essa idéa fundamental como base do methodo.

(Continúa)

Companhia Paulista de Material Electrico

FABRICA "VOLT-AMPÉRE"

Teleph. C. 3682.

End. Teleg. "Eletrorio"

Rio de Janeiro

MATRIZ: RUA SÃO JOSÉ, 74 / 76

Importadores em grande escala de material electrico em geral.

Fabricantes de fios e cabos nus e isolados, chaves-facas, para-raios, bobinas de self, transformadores e diversos.

ENCARREGAM-SE DE ORÇAMENTOS E INSTALAÇÕES DE LUZ E FORÇA

PREÇOS UNICOS

Representantes em todos os Estados do Paiz, Filial em Juiz de Fôra — Rua Halfeld, 365
Agentes em Bello Horizonte — Moreira & Cia. em São Paulo — Soc. Tech. "Bremensis" Ltda.

A proposito do serviço militar

"PARAHYBA, 25 Janeiro—(A. O.)—
Devido ao interesse demonstrado pelo governo do Estado no sentido de que o alistamento militar seja um facto na Parahyba, nota-se, já, que as juntas do interior estão arrolando os nomes dos futuros servidores da nação, sem distincção de familia.

Todos os dias são presos em todo o Estado, insubmissos."

Já aqui havemos assignalado que a solução do problema do Serviço Militar entre nós só podia ser definitivamente obtida depois que as elites directoras houvessem se reeducado sufficientemente, tendo tomado conhecimento pleno das necessidades nacionaes e havendo adquirido habitos convenientes, notadamente habitos de amor á verdade, habitos de respeito á lei e o habito de tornar as attitudes praticas pessoas coherentes com as proprias concepções theoreticas. E' preciso haver no paiz um trabalho reeducativo que não consista apenas em ensinar a linguagem escripta e regras de grammatica aos que não sabem lêr. E' preciso estabelecer-se um verdadeiro processo de cura, que é em que consiste, em ultima analyse, a reeducação. A caracteristica fundamental de nossos erros é a incoherencia palpitante, flagrante, entre as predicas e as acções, o que não é senão doença mental ou da vontade, como queiram. Nada mais commum aqui do que se ver alguém agir contradictoriamente ao que aconselha e prega aos outros, como é tambem commum a frouxidão, o abandono em face da impossibilidade de obtenção de resultados totaes immediatos, entre muitos fundamentalmente honestos. Em taes casos é a vontade que se torna periclitante em face a apparente desproporção dos esforços a se effectuarem em prol das correcções que todos julgam necessarias.

A pratica do serviço militar poderia offerecer um excellente instrumento para auxiliar a reeducação nacional como havemos varias vezes assignalado desde que seja republicaneamente executada. Mas esta pratica exige um grão de adeantamento, exprime um estado de educação tal que se torna apparentemente impossivel obter sem um trabalho previo sobre os elementos directores, trabalho de esclarecimento, estímulo, correcção e coordenação.

Ora, um tal trabalho não poudo, nem poderia ser effectuado até o anno de 1928, de uma maneira systematica e productiva, porque faltava um orgão apropriado que o executasse. Agora, com a criação do Conselho da Defesa Nacional, é elle possivel e certamente será levado a effeito.

Tendo sido estabelecido para prover as necessidades militares da defesa nacional, certamente que o preparo dos homens para a guerra; que as possibilidades de uma mobilização util, deve ser uma de suas primordias cogitações, num paiz como o nosso. E para isto

a lei que o organiza e lhe marca o objectivo não se esquece de facultar-lhe os meios, cujos principaes residem, esm duvida, na faculdade de convocar, para suas sessões e para coopear directamente em seus trabalhos, aquelles que o interesse das questões da defesa nacional a tratar indicar.

✦ ✦ ✦

Certos movimentos isolados, como aquelle cuja noticia encima estas linhas, brotando de quando em vez expontaneamente parecem indicar quanto facil será a um orgão, poderoso de força material e de força moral, como é o Conselho de Defesa Nacional, solucionar ja questão.

Isolados como se têm manifestado, estes gestos são de fraca repercussão, nada ou pouco valem praticamente.

Mas de muito servem como symptomas de possibilidades, como indicio de facilidades.

Estes movimentos, honrando muito embora a seus autores, ficam perdidos por falta de repercussão e de continuidade, o que é certamente lastimavel, mas servem para mais pôr em evidencia as gravissimas responsabilidades moraes e civicas dos que as têm no assumpto

O serviço militar, como tudo que se refere á defesa nacional, não comporta solução isolada, prende-se ao conjunto de medidas que a preparação desta defesa exige.

De outro lado, porem, taes medidas não podendo ser adoptadas de um jacto e dependendo o successo de umas do grão de realisação attingido por outras desde logo é-se conduzido a pensar na ordem de estabelecer-se para o seu accommetimento, a organizar programmas intelligentes de execução.

Afóra as questões de ordem propriamente interna das forças armadas, entre as quaes avulta um logico e apropriado regimen de recrutamento dos quadros de todos os postos, o serviço militar apresenta-se como a mais importante questão da defesa nacional.

Os paizes de fronteiras terrestres, circundados de visinhos que o adoptam sob a fôrma de conscripção geral e obrigatoria, não podem fugir ao mesmo regimen sobre pena de ficarem em notavel e perigosa inferioridade militar. Mesmo excessivamente ricos e populosos, podendo manter consideraveis effectivos de paz, sustentados por um voluntariado bem pago, suas reservas seriam morosas de formar e de instituir e as reservas é que de facto fazem a guerra.

✦ ✦ ✦

Para a efficiencia plena do serviço militar, é preciso, porem, attender-se a que as forças armadas devem estar convenientemente apparelhadas para o praticar. Elle não medrará de modo algum se esta condição não fôr realisaada.

Este apparelhamento é de ordem moral e de ordem material.

Todos os escalões conscientes de suas missões, desde o instructor e recrutas, o monitor;

Tactica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior, pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten.-Coronel Hugues

(Continuação do n. 178)

VIII CONFERENCIA

O FOGO DEFENSIVO

SUMMARIO

- I — Objectivo do fogo da Infantaria na defensiva.
- II — Organização de um systema completo de fogos:
 - 1) Plano de fogo:
 - Onde atirar? — localização dos projectis no terreno;
 - Quando e como atirar? — desencadeamento do fogo;
 - Quem atirá? — dispositivo.
 - 2) Reforçamento da efficacia do fogo:
 - emprego do flanqueamento;
 - concentração de fogos;
 - busca do effeito de surpresa;
 - aproveitamento ou criação de obstaculos;
 - fixidez do dispositivo;
 - intima adaptação dos fogos ao terreno.
 - 3) Salvaguarda da efficacia do fogo
 - escalonamento em profundidade e repartição em largura dos órgãos de fogo;
 - protecção desses órgãos — aproveitamento do terreno — invisibilidade (cobertas e disfarces);
 - intervenção das reservas (contra-ataques).
- III — Elaboração do plano de fogo.
- IV — Fórmulas particulares do fogo defensivo:
 - Postos avançados;
 - Missão de cobertura;
 - Cortinas de fogos.

O objectivo do combate defensivo é bater o inimigo afim de impedir-lhe o avanço; e o meio essencial de acção do defensor contra o movimento do atacante é o fogo, fogo unico em que collaboram a Infantaria e a Artilharia.

Cuidaremos aqui dos principios, processos de organização e de realização dos fogos de Infantaria, deixando para mais tarde a combinação destes com a Artilharia.

I — Objectivo do fogo da Infantaria no combate defensivo.

Não comportando o combate defensivo a exploração da superioridade do fogo pelo mo-

~~~~~  
até o Cmt. de Divisão; todas as formações providas dos meios materiais indispensaveis ao trabalho util. Nisto consistem as necessidades insophismaveis.

O recruta ao entrar no quartel deve ahi encontrar o exemplo de ordem material e de ordem moral que fructificará em seu cerebro. Sem isto faz-se a contra propaganda do serviço militar, pela incoherencia entre a pratica e as predicas, e difficulta-se cada vez mais a solução definitiva do problema.

Não se trata, porem, nem de cercal-o de confortos e luxos que não interessam a sua hygiene, nem de exigir dos quadros permanentes mais que o cumprimento, com convicção e alma dos proprios deveres regulamentares.

vimento como acontece no combate offensivo, pôde-se dizer que aqui, no combate defensivo, esta superioridade de fogos tem um valor proprio e constitue o unico e sufficiente argumento do successo.

Disto resulta que na concepção, na preparação e na direcção do combate defensivo tudo é completamente subordinado á realização optima da maior potencia e da maior efficacia do fogo.

No escalão das unidades de Infantaria de que nos occupamos, pôde-se dizer que a escolha, o preparo do terreno da resistencia e o dispositivo das tropas da defesa são determinados em função do plano de fogo adoptado pelo commando e logicamente não podem ser de outro modo.

II — Organização de um systema completo de fogos.

Indaguemos inicialmente como o fogo proporcionará o resultado procurado — impedir o avanço inimigo.

Este resultado será obtido:

Normalmente, interdictando ao inimigo o accesso a uma linha definida do terreno e escolhida para a defesa — a linha principal de resistencia;

Eventualmente, se o inimigo conseguir transpor a linha principal em algum ponto, pondo freio e canalizando pouco a pouco o seu avanço no interior da posição até detel-o e en-



tregal-o enfraquecido e desunido á acção do contra ataque.

Baseada nesses elementos, a organização completa de um systema do fogo defensivo comporta:

1º) combinação apropriada dos fogos das diversas armas de que se dispõe. completada pelas medidas necessarias para garantir o desencadeamento opportuno e a densidade desejada, isto é, o plano de fogo propriamente dito;

2º) um conjuncto de disposições complementares, destinadas a reforçarem e a salvaguardarem a efficiencia do fogo.

1) Plano de fogo — O Plano de fogo tem por objecto organizar uma rede completa e profunda de fogos poderosos, em cujas malhas, cedo ou tarde, o inimigo será detido, mesmo que consiga quebrar uma dellas.

Esta rede completa comprehende-se:

a) Essencialmente, uma concentração maxima, na frente da posição de resistencia e o mais perto possivel della, de todas as armas que para ali podem enviar os seus projectis; e que constitue a barreira principal, rigorosamente continua;

b) Subsidiariamente e tanto quanto possivel: — aquem da barreira principal, fogos no interior da posição, formando barreiras mais ou menos numerosas, continuas e poderosas e respeitando a compartimentagem do terreno; a ultima destas barreiras no sentido da profundidade é estabelecida na frente da linha de reductos com a maior continuidade possivel;

— além da barreira principal, os fogos dos Postos Avançados (cortina de fogos continuos, nucleos de fogos mais ou menos ligados entre si ou ainda combinação da cortina com os nucleos); os fogos longinquos da posição de resistencia, sem laços necessarios entre si mas adaptados á missão de resistencia ou de recuo dos Postos Avançados;

c) Eventualmente, além da linha de vigilancia dos Postos Avançados fogos de inquietação, de interdicção e de contra preparação;

d) Finalmente, fogos especiaes de defesa contra avião e contra carros.

Semelhante organização representa um programma completo e theorico de organização de fogos, isto é, o maximum a desejar, porem, na pratica varia de accordo com as circumstancias e com o tempo de que se dispõe. Em qualquer caso, existirá sempre como peça capital a barreira principal.

A primeira e mais importante questão a resolver é saber-se onde atirar? — isto é, decidir onde o commando vae localizar os projectis no terreno.

Esta localização não deverá ser feita de qualquer modo, pois que a barreira principal deverá tambem satisfazer a certo numero de condições essenciaes, que são:

— continuidade absoluta da barreira ao longo de toda a linha principal, que deve ser traçada em função daquella e que, portanto, deve ser desviada das zonas em que a efficacia dos tiros seria prejudicada pelos accidentes do solo;

— não reduzir demasiadamente a profundidade da faixa do terreno sobre que devem

cahir os projectis afim de que o fogo tenha tempo de bater e paralisar o atacante qualquer que seja o seu arrojo;

— porem, evitar um excesso na profundidade dessa faixa mesma afim de garantir ao fogo sufficiente densidade.

— com o mesmo fim, deixar aquém da linha principal uma profundidade sufficiente de terreno para a instalação das armas, sem o que serão impossiveis as concentrações e superposições de fogos necessarios para dar á barreira a consistencia desejada.

Para todos ou outros fogos da rede essas preoccupações subsistem mas em gráo menor de exigencias.

Esta localização dos projectis no terreno constitue a propria substancia do plano de fogo, a sua base; representa, quando as circumstancias exigem pressa, o minimo que o commando deve indicar aos subordinados; é por meio della que este commando manifesta a sua vontade e a sua manobra. Por outro lado semelhante decisão vae permittir que os subordinados trabalhem, não ao acaso, mas orientados de modo a conseguirem a cohesão e combinação indispensaveis.

Decidido "onde atirar?" torna-se necessario saber "quando e como serão desencadeados os fogos?", isto é:

execução dos fogos longinquos da Posição de Resistencia;

desencadeamento da barreira principal (velocidade e duração);

e principalmente, medidas adoptadas para fazer funcionar o systema á noite, com o nevoeiro e com a fumaça e providencias para desencadear o tiro de armas que agem em zonas de acção diferentes das de suas unidades (flanqueamento).

Ha ainda a determinar "quem atirá?", isto é, o dispositivo.

E' evidente que a quantidade de infantaria a collocar em determinada zona depende da densidade que se deseja imprimir á barreira principal nessa zona e da profundidade a realizar (numero e potencia das barreiras successivas).

Por outro lado, a organização do commando e, em particular, a delimitação dos "quarteirões" de batalhão são determinadas principalmente pelas condições de coordenação do fogo impostas pelo terreno. Mesmo a ligação entre unidades visinhas constitue igualmente um problema de fogos.

Quero, mais uma vez, prevenir-vos contra o mau habito de distribuir em primeiro logar as unidades sobre o terreno sem se preocupar com os fogos que ellas poderão em seguida fornecer; este habito é na maioria das vezes o principal causador da incoherencia, das lacunas e da insufficiencia de todo o systema de fogos.

## 2) Reforçamento da efficacia do fogo —

Emprego do flanqueamento — São tão grandes a potencia e o rendimento dos tiros em flanqueamento que tudo se deve fazer para conseguil-o; mas infelizmente nem sempre isso



é facil, sobretudo quando se deseja o flaqueamento rezeate, a pequena distancia e rigorosamente paralelo á frente a flanquear. E' somente sobre as cartas que as flechas são complementares e as metralhadoras invulneraveis.

Devemos evitar a concepção demasiadamente theorica do flanqueamento que muitas vezes faz com que nos esqueçamos de que um flanqueamento não é bastante para barrar ou fechar o intervallo entre dois pontos de apoio. Porém, por certo lado, desta idéa do flanqueamento é conveniente reter a nação de que ella representa: combinação intima de fogos em largura, acção de fogos mais ou menos longinqua e a procura do tiro de escarpa ou de enfiada.

**Concentração de fogos** — A efficacia do fogo pode ser reforçada pela concentração de fogos.

O systema de fogos e o dispositivo devem ser concebidos e realizados de modo a permittir em qualquer occasião a concentração do fogo da maior parte das armas automaticas de pontaria estavel, sem outras restricções do que as creadas pelo alcance e pela compartimentagem do terreno.

Graças á concentração assim admittida, as balas provenientes de toda a profundidade do dispositivo podem convergir sobre uma certa zona e evita-se o inconveniente de ter uma zona servida pelo fogo de uma só arma que póde de um momento para outro ser neutralizada ou destruida.

Essa concentração constitue uma vantagem para a defesa, porque ao contrario desta, o ataque deve dispersar sobre grande extensão o fogo de armas que é forçado a grupar em posição de tiro facilmente conheidas pela defesa.

**Busca do effeito de surpresa** — Essa busca é tão possivel na defensiva como na offensiva e os effeitos da surpresa sobre o atacante podem ser brutaes e terriveis, se elle cae sem esperar sob o fogo da barreira principal. Este effeito de surpresa póde ser conseguido desde que se confie ás metralhadoras collocadas bem para traz da linha principal a missão de fogos longinquos que baterão o ataque em primeiro lugar. O atacante poderá desse modo ser levado a montar o seu ataque de fogos contra essas metralhadoras interiores, enquanto que as da barreira principal ficarão desconhecidas e assim mantido o segredo dessa barreira até o momento supremo. E' verdade que para isso também convem que as obras de organização do terreno não revelem o traçado da linha principal.

**Aproveitamento ou criação do obstaculo** — O obstaculo só será estorvo para o atacante se o seu valor fór combinado com o fogo das barragens, isto é, se este bater o inimigo immobilizado momentaneamente pelo obstaculo. Mas então o seu valor torna-se colossal, valor este que resalta fortemente quando se deve localizar a barreira principal em contra vertente e com campo de tiro limitado.

**Instalação preconcebida do dispositivo e sua fixidez** — A possibilidade do movimento, pelo menos de dia e em terreno descoberto, é

tão aleatoria no campo de batalha que convem instalar a priori sobre toda a profundidade da posição de resistencia todos os órgãos de fogo, julgados necessarios para quebrar o ataque inimigo.

Essa immobillidade preconcebida dos órgãos de fogo permite a combinação e a ajustagem perfeita dos diversos fogos e a preparação minuciosa, methodica e profunda dos tiros, como por exemplo o emprego systematico do tiro amarrado, que zomba da noite, do nevoeiro ou das cobertas dos bosques.

**Intima adaptação dos fogos ao terreno** — A efficiencia do fogo depende estreitamente de sua exacta adaptação ao terreno; em materia de fogos de infantaria o terreno é mestre e senhor e convem nada prescrever sem ter apreciado no local as suas possibilidades. Um plano de fogo não deve ser verificado pelos esboços porem no proprio local e successivamente para cada arma.

Ha, além disso o maior interesse em attribuir a um mesmo commando o conjunto de um mesmo compartimento de fogo. As combinações de fogo que se impõem no interior de um compartimento exigem unidade de coordenação se as circumstancias levam a fazerem cooperar nesta combinação de fogos duas unidades diferentes, coordenação que deve ser assegurada pelo chefe commum das duas unidades em questão.

**3) Salvaguarda da efficacia do fogo** — Não é bastante combinar cuidadosa e methodicamente um systema de fogos e assegurar-lhe por todos os meios utilisaveis um reforçamento de efficacia. E' necessario ainda que no momento em que o fogo deve ser executado, estejam em condições de fazel-o os homens e armas que devem produzi-lo; é necessario que não estejam nem destruidos nem reduzidos á impotencia; é necessario que possam agir por muito tempo e continuar activos apesar do inimigo; finalmente, é necessario que estejam sempre em condições de agir quando se apresentar a oportunidade.

A salvaguarda da efficiencia do fogo póde ser conseguida pelos seguintes principaes meios:

**Escalonamento em profundidade e repartição em largura dos órgãos de fogo** — Evita accumular os perigosamente em pontos de apoio mal constituidos e prepara a concentração de fogos sobre a zona escolhida; isso constitue medida preciosa e de grandes resultados ao serviço da defesa;

**A protecção dos órgãos de fogo** — Essa é conseguida pelo aproveitamento do terreno nos seus menores recursos, pela invisibilidade obtida graças ao aproveitamento da cobertura, pelo emprego intensivo do disfarce e das falsas organizações. Junte-se a tudo isso a judiciosa organização do terreno, com a criação de trincheiras de tiro, de abrigos de espera, no minimo os rudimentares para o pessoal e material.

**O segredo do dispositivo** — Além disso, o dispositivo de fogos deve ficar em segredo, isto é, as armas, em maioria devem manter-se em silencio até o momento do combate, a segu-



rança do dispositivo de fogo deve ser — procurada pelo recuo da posição de resistência e sua protecção por uma zona de segurança, mas ou menos profunda, e onde o combate dos Postos Avançados aumenta a incerteza inimiga sobre a situação do dispositivo de resistência da defesa.

**Intervenção das reservas (contra ataques)** — Por mais completas que sejam as disposições tomadas é certo que a organização defensiva realizada soffrerá a acção destruidora do fogo inimigo. Já dissemos que se, então um órgão de fogo fôr destruído, haverá logo outro para substituí-lo em sua missão de tiro, porem se este jogo se repetir varias vezes a defesa acabará por desorganizar-se progressivamente. Por esse motivo torna-se necessario salvaguardar a efficacia do systema de fogo com a intervenção das reservas, afim de alimentar a capacidade combativa, isto é, a capacidade de fogo do dispositivo defensivo.

Veremos na proxima conferencia que o contra ataque desempenha papel muito importante no jogo do combate defensivo, porem, convem que desde já aconselhemos a não se exaggerar esse papel. Na realidade o movimento das reservas de dia e em terreno descoberto é extraordinariamente difficil e muitas vezes impossivel, e para limitar esse movimento os regulamentos prescrevem a constituição de reserva para todos os escalões.

Facto digno de registro é a extrema facilidade com que as reservas se gastam e desaparecem no combate defensivo. Haja vista as batalhas defensivas de VERDUN e da primavera de 1918, em que ficou provado que a economia de forças procurada pelo combate defensivo só é verdadeira em certo terreno e em momento determinado e que se a batalha se prolonga, os effectivos são para ali aspirados irresistivelmente. Acresce ainda que ha nisso uma desvantagem para o defensor que não pôde dispor do direito de fazer cessar este terrivel consumo de forças.

### III — Elaboração do plano de fogos.

Acabamos de ver os elementos theoricos da organização geral dos fogos e agora vamos examinar a maneira de realizal-os.

E' evidente que os processos serão diversos em cada um dos dois casos seguintes:

— organização longe do contacto com o inimigo em completa liberdade e tranquillidade.

— organização em contacto com o inimigo e por imposição deste ou por deliberação do commando.

Nos dois casos o objectivo e os processos geraes de emprego do fogo são os mesmos, porem a differença reside em que no primeiro caso as ordens descem normalmente segundo a escala hierarchica, ao passo que no segundo a adaptação defensiva é feita de algum modo da frente para traz.

1) **Elaboração do plano de fogo defensivo pelos differentes escalões, no caso longe do contacto com o inimigo** —

Como dissemos acima as ordens vem, neste caso, de cima para baixo e é por isso que

vamos examinar a actividade dos differentes chefes nessa sequencia.

A — **General Cmt. da Divisão** — Póde-se dizer que elle é o engenheiro da obra. Deve montar um systema de fogos perfeitamente adaptado ao terreno a defender, realizando uma combinação de acções de Infantaria e Artilharia (mas em primeiro logar as de Infantaria e depois então as de Artilharia para preceder aquella e reforçal-a em lugares essenciaes.

Para isso tomará como base aquillo que não se modifica — o terreno.

Suas decisões dirão respeito aos seguintes pontos:

1º — **Barreira principal de fogos** — Fim: impôr ao inimigo uma zona de passagem obrigatoria — a barreira principal que não deve apresentar lacunas;

Onde collocar a barreira? — fixar-lhe o limite anterior e determinar-lhe a largura, ou em outras palavras fixar a linha principal, que é ao mesmo tempo o limite posterior da barreira principal e a orla exterior da posição de resistencia, ou ainda a demarcação entre a zona dos fogos e a zona de installação dos órgãos de fogo. A linha principal materializa a fronteira imposta ao inimigo.

2º — **Barreira posterior** a realizar na frente da linha de reductos — por meio da qual fica definida a profundidade da posição de resistencia.

3º — **Organização dos fogos no interior da posição** — diagonaes.

4º — **Missão dos Postos Avançados** — Escalão de combate sob a forma de linha continua ou de pontos de apoio que se flanqueiem mutuamente; Necessidade dos intervallos entre os Postos Principaes serem batidos por fogos longinquos da Posição Principal.

5º — **Ligações de fogo com as Divisões vizinhas** e realizada obrigatoria-mente tanto sobre a linha de vigilancia como em toda a profundidade da Posição de Resistencia.

6º — **Determinação do dispositivo (só agora)** — Sub-sectores que fornecem os Postos Avançados — numero de batalhões para cada Sub-sector — limites entre os Sub-sectores — quantidade de Artilharia em apoio — reservas.

B — **O General Cmt. da I. D. (Cmt. de Bda. I. no nosso caso)** determinará sobre:

1º — **Pormenores sobre os limites e ligações entre os Sub-sectores:** respeitar então a compartimentagem do terreno, soldar os fogos, reciproca ligação de informações, ligação de commando nos diversos escalões.

2º — **Quanto aos Postos Avançados** — locais dos Postos Principaes e suas missões de fogo — conducta em



caso de ataque — modo de executar a missão (de dia, de noite, antes e depois da tomada de contacto, papel das metralhadoras, etc.).

C — O Cmt. do Sub-sector — Faz, mais ou menos, as vezes do architecto que deve combinar e pôr em acção os meios de fogo do R. I. e da Artilharia de apoio directo.

Como pôde fazer um reconhecimento mais completo e minucioso do terreno, as suas decisões são mais pormenorizadas deve assim cuidar de **adaptar inteiramente ao terreno os fogos e completar a rede de malhas largas** creada pelo General Cmt. da Divisão.

As primeiras decisões dizem respeito á realização das missões dos meios de fogo do R. I.:

1º — Repartição das tarefas entre os Batalhões (quarteirões perfeitamente adaptados aos compartimentos do terreno).

2º — Determinação do dispositivo do R. I.

— Repartição da Companhia de Metralhadoras Pesadas e dos petrechos de acompanhamento.

4º — Ligação de fogo entre os quarteirões.

5º — Conducta em casos de ataques — casos de ataques locais.

Outras decisões dirão respeito á cooperação da Artilharia de apoio directo:

1º — Fim, importancia e fôrma da cooperação e pedir á Artilharia de apoio directo:

2º — Reforçamento eventual da barreira principal — reforçamento na região de ligação entre dois quarteirões.

3º — Prolongamento da barreira principal até os pontos mal batidos pelos fogos de infantaria.

4º — Tiros sobre zonas que offereçam ao atacante uma base favorável para o ataque de posições da defesa.

5º — Fixação da ordem de urgências tiros.

Finalmente as ultimas decisões dirão respeito ao:

— Desencadeamento automatico do fogo, no minimo para a barreira principal e para os tiros de deter que a reforçam, regulando todos os pormenores sob o triplice aspecto da Observação, da signalização e do regimen de tiro.

D — O Cmt. do Batalhão — E' o empreiteiro da obra, o fornecedor dos fogos de infantaria.

Elle recebe uma missão sob a fôrma de:

— um commando de fogos bem localizados no terreno (barreira principal, fogos no interior da posição, fogos longinquo, fogos dos Postos Avançados);

— uma zona de acção (quarteirão) perfeitamente definida;

— restricções sobre o emprego de seus

fogos (fogos de ligação com os visinhos, participação em concentrações fóra de sua zona de acção).

Elle recebe ainda a indicação dos meios:

— a totalidade ou parte de seu Batalhão;

— meios supplementares (petrechos, metralhadoras pesadas);

— auxilios de fogos fornecidos por outras unidades, quarteirões visinhos, reservas de regimento, artilharia).

Dahi lhe resta tomar as seguintes decisões:

1º — Combinar o emprego de seus meios para cumprir a missão.

2º — Completar a rede de fogos, de que o Coronel só teceu as malhas principaes.

3º — Tomar as medidas de minucia para que o systema de fogos funcione com segurança principalmente na barreira principal e de modo a assegurar o automatismo e instantaneidade de desencadeamento.

5º — Determinar as regiões em que devem ser collocadas as metralhadoras para realizar missões principaes de fogos prescriptas (barreiras continuas, grandes linhas de separação, fogos de frente longinquo em apoio aos Postos Avançados); repartição do Pelotão de metralhadoras leves — missões precisas a cada elemento.

5º — Cias. de fuzileiros-volteadores — suas zonas de acção (Subquarteirão) — flanqueamentos importantes a serem realizados por F. M. — combinação de fogos no interior do quarteirão.

E — Os Comts. de Cia. devem cuidar principalmente:

1º — Assegurar a protecção das metralhadoras.

2º — Realizar as ligações sobre a linha principal.

3º — Assegurar a continuidade de fogo sobre a linha principal e tambem em profundidade sobre as grandes linhas de separação.

2) — **Elaboração do plano de fogo defensivo em contacto com o inimigo** —

Vamos ver agora como nesse segundo caso se chega ao mesmo resultado por caminhos diferentes.

Trata-se de resolver o problema em contacto immediato com o inimigo quando no combate offensivo surge a necessidade de se defender.

As pequenas unidades de Infantaria devem estar constantemente promptas para attender a essa eventualidade, principalmente quando de caso pensado faz uma parada momentanea durante o ataque e não é admissivel que qualquer contra ataque inimigo a apanhe desprevenida.

O ataque encontra suas garantias defensivas na solida occupação das bases de fogos proprias; por isso deve-se evitar desoccupar



uma base antes que a immediata esteja guardada. No caso de reacção offensiva do inimigo é a **ultima base de fogo** occupada pelo nosso ataque que marca a posição de resistencia, representando então os elementos que combatem na frente desta base o papel de **Postos Avançados** com a missão de resistir nos locais.

Nessas condições o plano de fogos tem a sua origem nas disposições tomadas pelos commandantes de Pelotões e Companhias de primeira linha e principalmente pelos Cmts. de **Batalhão** e da **base de fogos**.

Estas disposições visarão, antes de tudo, constituir uma **linha continua de fogos cruzados na frente da base do Batalhão** ligada e combinada aos fogos identicos dos Batalhões vizinhos. Se houver discordancias muito grandes entre as bases de fogo dos diversos Batalhões, o que é normal no ataque, o Coronel não encontrará outro meio que o de empenhar a sua reserva para restabelecer a continuidade.

Se a situação se prolonga, a preocupação da **profundidade** vem juntar-se á da continuidade, e além disso, póde acontecer que para encontrar-se uma posição que permita melhor desenvolvimento da potencia optima do fogo, se tenha que recuar a posição de resistencia. Isto é possível, porque, muito embora se seja forçado a aceitar uma posição de **Postos Avançados**, póde-se sempre escolher uma posição de resistencia.

Entre os dois casos que acabámos de estudar ha um numero infinito de situações intermediarias, porém em todas ellas a ordem das preocupações mantem-se constante:

a) Em primeira urgencia, a constituição de uma linha de fogos continua, por todos os meios possiveis;

b) Desde que se possa, cuida-se de aperfeiçoar e de assegurar a todos os elementos a maxima potencia de fogo defensivo adaptando em caso de necessidade as medidas aconselhadas para o primeiro caso estudado.

IV — Fórmulas particulares do fogo defensivo —

**Postos avançados** — Missão de cobertura — **Cortinas de fogo** — Temos admittido até aqui que sob o ponto de vista dos effectivos dispomos de recursos sufficientes não sómente para dotar a posição de resistencia de uma rede continua, densa e profunda, como ainda para constituir **Postos Avançados** e mesmo **Reservas**.

Mas nem sempre será assim e principalmente nas operações defensivas que terá de empregar o Exército Brasileiro sobre frentes muito largas a questão dos effectivos se imporrá como se impõe no caso das operações de cobertura ou de frentes estabilizadas, momentaneamente passivas, que constitue fórmula particular da cobertura, empregada no periodo 1915-1918.

Em situação de extrema pobreza de effectivos, como realizar o systema completo e poderoso caracterizado por uma continuidade rigorosa em largura e uma successão de barreiras efficazes em profundidades? Que será dos **Postos Avançados** e das **reservas** que,

como vimos, constituem também elementos importantes da potencia de fogo

Quando não se dispõem de meios para realizar simultaneamente todos os elementos da potencia de fogo, qual deve ser o sacrificado?

Póde-se reduzir os **Postos Avançados** porém não se póde supprimi-los completamente porque será sempre indispensavel garantir a posição de resistencia o **mínimum** de segurança necessaria ao seu alarma e ao desencadeamento oportuno de seu systema de fogos.

Póde-se reduzir as reservas ou mesmo supprir de traz para a frente todas as que não pertencerem á Posição de Resistance (reservas de D. I. ou de Bda. I.) porque não será logico guardar em reserva elementos capazes de alimentar a potencia de fogo se a retirada desses elementos contribuir para diminuir essa potencia de fogo; porque não será logico guardar em reserva unidades para restabelecer a integridade da Posição de Resistance por meio de contra ataques, se não as mantendo em reserva póde-se proporcionar ao fogo potencia sufficiente para deter o assaltante na frente da posição.

Desse modo, sacrificando primeiramente a profundidade do conjuncto do dispositivo defensivo e a capacidade para durar, conserva-se a potencia essencial do systema e mantem-se intacta a rede de fogos da Posição de Resistance, a qual continua a dispor de seus tres elementos fundamentaes: continuidade, densidade e profundidade.

Quando fôr necessario tocar na rede de fogos, será a sua profundidade a primeira victima, porque vale mais uma unica barreira bem nutrida e continua do que varias barreiras fracas e descontínuas.

Se ainda fôr necessario sacrificar alguma coisa dessa rede, será a vez de reduzir a densidade da unica barreira, porque tudo se deve sacrificar para salvaguardar a continuidade da **linha de fogo**.

Não tendo profundidade a cortina de fogos não se póde manter e durar contra um ataque inimigo; é verdade que uma vez rompida em um ponto, essa cortina perde a sua virtude, mas apesar disso é bastante para paralisar as Vanguardas inimigas, para forçar-as a uma tomada de contacto difficil e lenta e a montar um ataque para saber o que valle a resistencia por ella representada.

Durante a ultima guerra muito se recorreu á **cortina de fogo**, principalmente por parte dos allemães nos ultimos mezes da campanha.

Esta **cortina de fogo** constitue o processo predilecto dos diversos destacamentos de segurança: Vanguarda, tendo que conservar terreno conquistado ou a manter a frente de desdobramento de sua unidade; escalão de Retaguarda, manobrando em retirada. Flancoguarda fixa. **Postos Avançados** com a missão de retardar e de balisar a progressão inimiga, recuando deante desta: etc. Ella será de emprego frequente nas diferentes operações a serem executadas pelo Exército Brasileiro.

Como ultima expressão da **continuidade de fogo**, a **cortina de fogo** póde bastar enquanto



# A Divisão Territorial do Brasil

Pelo 1º Tenente SEGADAS VIANNA

## I

### O PROBLEMA EM SI

Um dos principaes característicos do brasileiro, como igualmente de todos os outros povos americanos de origem latina, é a falta de previsão.

No Brasil as leis são feitas encarando o presente; parece que nossos legisladores pensam como o povo: o futuro "a Deus pertence".

Frequentemente para evitar uma pequena reacção que se poderá produzir no momento, moldam-se as nossas leis em completo desacordo com a justiça e com os interesses futuros do paiz.

Talvez a causa de semelhante modo de proceder seja a timidez innata de nossa gente. Muitas vezes as nossas bellas qualidades de povo trabalhador, ordeiro e intelligente, são annulladas pela timidez que nos tira a coragem

para a realização de grandes empreendimentos.

A divisão territorial do Brasil é um exemplo frizante das asserções que acima fizemos.

Ao ser proclamada a republica, quando do regimen unitario em que viviamos, passamos para uma autonomia completa das antigas provincias transformadas em estados, o que encontramos?

De um lado estados monstruosos, com mais de um milhão de kilometros quadrados como o Pará, o Amazonas e Matto Grosso, cujas superficies reunidas são eguaes ao conjuncto dos outros dezesete estados da união.

De outro lado, estados pequenissimos, como o do Rio, Espirito Santo, Parahyba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe que tem uma superficie cerca de oitenta vezes menor do que a do Amazonas.

Se em 1889 a desigualdade da população

se pedir ao fogo uma capacidade de deter limitada no tempo e sob reserva de não se contar com ella durante o ataque.

Acceptamos nas linhas acima que ha recursos para constituir essa cortina; casos ha, entretanto, em que apesar da extrema penuria de meios é preciso **esforçar-se por durar**. E' muitas vezes o caso da **cobertura**, quando a missão não admite a manobra em retirada.

Que fazer em semelhante extremidade?

E' regra que quanto mais incerta é uma situação, tanto maior deve ser a proporção de meios disponiveis. Portanto, nesse caso é necessario dispor-se de reservas, isto é de fogos disponiveis.

Bem articulado atraz de tenue cortina ou, se a cortina fôr custosa ou irrealisavel, atraz de uma segurança de **elementos descontinuos** mas judiciosamente collocados, essas reservas permitirão á defesa um jogo flexivel porem difficil:

— Se o ataque fôr local, poder-se-á concentrar forças na zona ameaçada e ahi constituir uma barreira de fogos mais ou menos poderosos;

— Se o ataque fôr geral, concentrar-se-á a resistencia em pontos bem escolhidos, pontos de estacionamento habitual das reservas, escolhidos de modo a formarem um quincuncio mais ou menos cerrado e com meios de fogos capazes, graças a uma resistencia encarniçada, de dissociar ou mesmo de entrar o esforço inimigo.

Nesse caso a infantaria é votada a um sacrificio que ella deve tornar o mais util possível. Por sua vez, o commando que prescreve tal sacrificio assume pesada responsabilidade.

A conclusão deste longo estudo é que a essencia mesma da realização do fogo defen-

sivo reside na constituição, mesmo summaria, de uma **linha continua** de fogos, que será tão nutrida quanto possível; depois, se houver tempo e os meios, organiza-se um systema mais ou menos rico em barreiras que assegurem profundidade do dispositivo de fogo.

A Infantaria francesa partiu em 1914 para a guerra com a concepção da defesa por meio de pontos de apoio e intervallos porém logo ahi foi forçada a realizar sem ordem a linha continua de fogos do JURA ao Mar do NORTE.

Depois de 4 mezes de cruel experiencia, ella descobriu os outros elementos do emprego logico do fogo defensivo que acabámos de estudar.

Em 1917, para economizar effectivos a ponto de tornar a defesa irremediavelmente anemica, concentrou novamente esta nos **centros de resistencia**, afastados uns dos outros mas ligados entre si por **flanqueamentos longinquos**. Tal systema insufficiente queimou como fogo de palha sob a acção dos ataques allemães do começo de 1918, que se apossaram de posições reputadas formidaveis e que, por outro lado, foram detidos em rasa campanha quando e nos locais em que se lhes oppoz um systema coherente e fogos, embora pouco profundo.

Finalmente, em 15 de Julho, o insuccesso inimigo é total nos trechos em que foi possível preparar-lhe a surpresa de um systema de fogos solido, completo, adaptado ao terreno e conservado em silencio até o momento desejado.

Assim podemos concluir, com esse exemplo, que a experiencia confirmou perfeita e completamente os dados de organização de um systema de fogo defensivo, conforme o que acabamos de estudar.



dos estados já era enorme, maior ainda era a desigualdade da superfície.

Quarenta annos, depois, o quadro que apresenta o nosso paiz ainda é o mesmo ou peor; infelizmente nada se faz para modificar tal estado de cousas.

A importancia dos pequenos estados no seio da federação diminue dia a dia. Raro é o fluminense já velho que não lamenta a decadencia da importancia de seu estado na politica federal.

A que attribuir esse estacionamento no progresso de taes estados?

Os 30 ou 40.000 kms<sup>2</sup> de terras que possuem, acham-se completamente divididos, ha dezenas de annos, na mão de fazendeiros atrazados ou de descendentes dos antigos senhores, que actualmente vivem nas cidades, pouco se importando com a cultura das terras que herdaram.

Se o mesmo acontece em certas zonas do Rio Grande do Sul, S. Paulo e Minas, em compensação, a existencia de grandes extensões de terras incultas, permittiu a facil aquisição das mesmas por imigrantes ou novos fazendeiros cheios de vigor, decididos a tirar da terra, não só a paga do que despenderam em adquiril-a, como um rendimento que lhes dê margem para a valorisação dos bens que possuem, graças a novos melhoramentos, desenvolvimento da cultura, compra de instrumentos e machinismos utilizados na agricultura moderna, etc. etc.

Como consequencia da introdução desses novos elementos, os proprietarios das fazendas já existentes começaram a reagir, a trabalhar, a introduzir novas culturas em suas terras já caçadas, a adoptar os processos modernos de agricultura, a deixar de lado o velho carro de boi e a archaica enxada, enfim, resolveram





collocar-se á altura de seus novos visinhos, incentivados pelo amor proprio, que lhes repellia a idéa de se verem rebaixados em importancia perante seus conterraneos.

E' essa a causa principal do progresso de certos estados da união, e do estacionamento ou mesmo regresso de outros que viveram na riqueza em outras épocas não muito distantes.

Dissemos: a causa principal, o que significa haver outras; entre essas outras, citaremos uma, que se relaciona directamente com o assumpto de que vimos tratando, e, que diariamente vemos, em todos os jornaes do Rio, e do Norte em especial:

"S. Paulo e Minas sugam as rendas da União, enquanto que os pequenos estados do Norte imploram a construcção de alguns açudes que lhes venham matar a sede" (Diário Nordestista).

Os projectos apresentados pelas grandes bancadas, encontram facilidades de toda ordem, enquanto venham ferir o interesse de outros estados e apesar da egualdade que existe entre os mesmos perante a constituição. Não ha muito vimos o resultado da questão do xarque, onde Matto Grosso e o Rio Grande do Sul se collocaram em pontos de vista completamente oppostos.

O pequeno estado mendiga um favor, enquanto que o grande impõe a sua vontade.

Si é um grande inconveniente a existencia de pequenos estados não só quanto á superficie como quanto á população, talvez muito peor para o nosso progresso e unidade territorial seja a existencia de estados de supecies colossaes como o Amazonas, M. Grosso e Pará.

O que encontrou a Republica em cada um d'elles?

Um centro de alguma importancia, a capital, e algumas pequenas povoações na margem dos rios.

Ao ser proclamada a republica, a população destes estados, não chegava como actualmente, a um habitante por km<sup>2</sup>.

Excepto as capitães, esses enormes estados constituem uma das maiores regiões despovoadas do globo. A pequena renda de que dispõem mal lhes dá para as despesas necessarias á — manutenção de um governo, isto é, necessarias ao pagamento dos tres poderes e de mais alguns funcionarios.

Melhoramentos materiaes nas cidades, construcções de estradas, introduccão de imigrantes, fundação de nucleos coloniaes, incrementação da agricultura, etc. etc. . . . onde obter dinheiro para taes empreendimentos?

Consequencia: o despovoamento e o atraso em que se achavam em 1889, ainda perduram, e por muito tempo assim será, si não fôr tomada uma providencia pelo governo da união.

Quanto á importancia desses estados no seio da Federação, podemos dizer que ella é pequena por serem elles grandes demais. . .

Uma terceira classe de estados, poderemos ainda citar, é a daquelles que são demasiadamente grandes em superficie e em população.

A existencia de taes estados, desvirtua o regimen federativo que presuppõe uma

egualdade perfeita quanto aos direitos de cada unidade dentro da união.

Um estado com 500 ou 600 kms<sup>2</sup>, sufficientemente povoado na actualidade, e possuidor de innumerables riquezas em seu sólo, pôde dentro de 50 ou 100 annos vir a ser um verdadeiro paiz dentro da propria nação. O seu poder virá a ser tamanho que não se sujeitará a certas deliberações do poder central, tudo exigirá em seu favor, e finalmente, procurará manter eternamente em suas mãos todo o poder federal, annullando por completo a influencia politica dos demais estados.

Quando numa federação existes, tal como nos Estados Unidos, oito, dez ou mais, grandes estados, torna-se mais difficil haver um perfeito entendimento entre todos elles para dividirem o poder entre si, o que se não dá quando esse numero é de dois ou tres.

A França em certa época de sua historia, chegou ao extremo de ver o duque da Borgonha mandar mais do que o proprio rei, tendo mesmo havido batalhas entre os exercitos deste e d'aquelle, afim de manter o poder real.

Na antiga confederação allemã, o rei da Prussia, um dos seus estados da confederação, era o imperador da Allemanha.

E assim poderíamos citar varios outros exemplos na historia.

— Resumindo o que anteriormente haviamos dito, vemos que tres são os casos a resolver em relação ao Brasil:

1º — Estados grandes demais e despovoados.

2º — Estados muito pequenos, sem possibilidades de acompanharem o progresso dos grandes estados.

3º — Grandes estados em superficie e população, com possibilidade de chegarem a um tal grão de poder, que possam a opprimir as demais unidades da federação, pelo açambarcamento de todas as rendas da União e de todos os poderes federaes, em detrimento dos direitos dos pequenos estados.

O diagnostico está feito, porem seu valor seria quasi nullo, se não indicassemos o remedio que na nossa opinião virá trazer a cura do mal.

Diz a sabedoria popular, que para os grandes males, os grandes remedios; fie's a esse principio, achamos que a unica solução que resolve simultaneamente os tres casos acima, é:

**Uma nova divisão territorial do Brasil.**

Aos espiritos tímidos, aquelles que só encaram o Brasil no presente, sem se preocuparem com o futuro, aquelles que sobrepõem os interesses regionaes aos da collectividade isto é, aos da Patria, surgirão logo as objecções:

Como realisar uma obra de tamanho vulto, onde obter o dinheiro necessario?

E os antigos estados, sujeitar-se-ão a serem sub-divididos ou incorporados a outros?

Em resposta diremos: tudo depende da maneira porque fôr feita a nova divisão; certamente será impossivel contender a "tout le monde et son père" mas desde que se procure aproveitar no maximo o que já existe, evitando certas susceptibilidades naturaes, como por



exemplo, não transformar um fluminense em mineiro e vice-versa, um catharinense em paraense, etc., e ainda evitando ferir outros interesses materiaes, como sejam, diminuição do numero de deputados e senadores estaduais e federaes... etc., etc., a nova divisão poderá ser feita e executada sem grande transtorno para o paiz.

Em que se deve basear a nova divisão?

Afigura-se-nos que a divisão deverá ter por base a superficie dos novos estados e não sua população.

Cada estado deverá ter uma superficie que lhe permita obter dentro de seu territorio os elementos necessarios ao seu desenvolvimento.

Nenhum estado poderá deixar de alentar a esperança de se tornar tão importante quanto os mais importantes da União o que desenvolverá a energia e o espirito de iniciativa de seu povo e de seus governantes, libertando-os da descrença que actualmente reina em certos pequenos estados, que com toda razão se sujeitam a desempenhar, eternamente um papel secundario na politica federal, pois, sabem que jamais poderão chegar ao apogeu de S. Paulo ou Minas, visto o seu exíguo territorio lhes afastar por completo semelhante ideal.

Porque motivo achamos que a nova divisão deve ser baseada na egualdade de superficie em vez de o ser na egualdade de população?

1º — Porque o Brasil é um paiz novo, com grandes extensões de terras despovoadas actualmente, de maneira que para obter um estado como S. Paulo, seria necessario reunir as populações de Matto Grosso, Amazonas, Pará, Goyaz, Maranhão, Piauí e Ceará; isto é, 5.800.000 kms<sup>2</sup> ou cerca de 2/3 do Brasil.

2º — Porque devido á nossa pequena densidade de população em certas regiões, a população de determinados estados manter-se-á quasi estacionaria, enquanto que augmentará extraordinariamente em outros, havendo em consequencia necessidade de se fazer periodicamente uma nova divisão territorial, para se obter a egualdade de população.

Se adoptarmos um tamanho que varie em torno de 250.000 kms qd. (S. Paulo, Rio Grande do Sul, Piauí, Paraná, veremos que para os tres casos anteriormente citados, sobre o Brasil actual, esta solução apresenta as seguintes vantagens:

1º — Os estados demasiadamente grandes e despovoados, seriam subdivididos em territorios de 250.000 kms<sup>2</sup>. mais ou menos; os territorios que tivessem mais de 10.000 kls. seriam organisados em estados e os de população inferior ficariam debaixo da administração directa da União, que com os seus poderosos recursos financeiros levar-lhes-ia o progresso, fundando novos nucleos de população desenvolvendo os meios de communicação e transporte, enfim agindo de maneira a transformar-os em breve tempo em novos estados.

Se tal processo tivesse sido empregado em Matto Grosso e no Amazonas, por ocasião da proclamação da republica, os mesmos não se encontrariam presentemente, com uma popu-

lação de 0,2 h. por km. qd., isto é, quasi despovoados.

2º — Os estados pequenos seriam reunidos entre si, de modo a formarem conjuntos possuindo uma superficie minima de 150.000 kms<sup>2</sup>, o que os collocaria em pé de egualdade com as demais unidades da federação.

3º — Os estados grandes demais, e povoados, seriam subdivididos em outros com a superficie anteriormente proposta, evitando-se os inconvenientes que apresentamos no principio deste artigo, se continuarem como estão.

A França, por ocasião da Revolução Francesa de 1789, dividiu o paiz em 83 departamentos, transformando por completo a antiga organização, acabando com as provincias collossaes, bem como as minusculas, que então existiam, fazendo excepção quanto ao — tamanho, sómente o departamento do Sena, que contem Paris, capital do paiz e grande cidade, o qual realmente é muito menor do que os outros.

Em relação ao Brasil, Paris representa o papel do Rio de Janeiro, isto é, do Districto Federal.

A Hespanha imitou o exemplo da França em 1830.

A Italia acabou com as antigas provincias e paizes de que se formou effectuando uma nova divisão-territorial por ocasião da sua unificação.

Mais recentemente, ha cerca de um anno o Chile, achando que sua antiga divisão-territorial não satisfazia ás necessidades do progresso da nação, modificou-a completamente.

Não são esses os unicos exemplos da historia.

O que outras nações tiveram energia para fazer, será feito tambem pelo Brasil, onde o problema é mais simples por não haver como na França por exemplo, um espirito de regionalismo tão desenvolvido, onde certas provincias em outras epocas constituíam verdadeiros estados independentes ou quasi independentes como a Gasconha, a Lorena, a Borgonha, a Normandia etc. fundados ha varios seculos e cheios de tradições.

## II

### SOLUÇÃO PRÁTICA DO PROBLEMA

Como solução pratica do problema brasileiro, levando em conta os argumentos que acima expuzemos, propomos que a divisão territorial do Brasil seja modificada dentro das seguintes bases:

§ 1º — Nenhum estado terá menos de... 150.000 kms. quadrados nem mais de 400.000 kms<sup>2</sup>.

§ 2º — Todos os estados que estiverem dentro de taes limites não soffrerão nenhuma perda de territorio.

§ 3º — Os pequenos estados, serão reunidos entre si até formar o minimo da superficie exigida no § 1º, ou serão augmentados pela incorporação de uma fracção de um grande estado.



§ 4c — Feita a nova divisão, desde que em um dos novos estados, exista mais de uma cidade ex-capital, entre as mesmas será escolhida a de maior população para nova capital, e as outras terão asseguradas pelo governo federal, que entrará com o que faltar, uma renda municipal mínima, igual á ultima renda do tempo em que ainda era capital.

§ 5o — Os novos estados assumirão a responsabilidade das dividas dos estados componentes, bem como manterão todos os seus funcionarios publicos e policias estaduais.

§ 6o — Os estados que ainda não tiverem capital, receberão do governo federal a quantia de 30.000 contos para a installação da mesma.

§ 7o — Nos territorios que ficarem a cargo da União, será escolhida uma cidade para capital, e installada immediatamente com todos os recursos, a administração dos ditos territorios.

§ 8o — Sempre que um estado fôr formado pela junção de territorios de dois estados diferentes, o novo estado receberá um nome tirado de um accidente geographico commun aos dois antigos estados (tal principio foi adoptado pela França em 1789, e tem a vantagem de impedir que um catharinense por exemplo se sinta diminuido em passar a ser paranaense, e vice-versa, o que não acontecerá se o novo estado se chamar Iguassú, como lembrou o nosso inesquecivel Sylvio Romero, ao propor a união do Paraná com Santa Catharina, para resolver a questão do contestado.

§ 9o — O Rio de Janeiro será conservado como capital da republica, tendo em vista, ás facilidades actuaes de communicações com o resto do paiz graças ao telegrapho e á aviação bem como a despesa formidavel que será necessaria para a mudança da capital (avaliada em um milhão e 500 mil contos), o que está em desproporção com as vantagens advindas de tal mudança e as possibilidades financeiras do paiz.

Calculamos que, cerca de 300 a 400 mil contos seriam sufficientes á realização do grande empreendimento que propomos, o que é relativamente nada comparando-se com as vantagens que resultariam para o paiz.

Abaixo apresentamos um quadro com os novos estados, suas superficies e populações, bem assim, um mappa da nova divisão.

Por elles vemos que a existencia de dez estados com mais de um milhão de habitantes, dos quaes seis terão mais de 2.500.000 kls., será uma segurança em relação ao que dissemos no principio deste trabalho, sobre os inconvenientes da predominancia de um ou dois estados na politica federal.

O Norte surgirá com tres grandes estados, em condições de rivalizarem com Minas ou S. Paulo, e os estados de pequena população, pelo seu numero, poderão exercer predominancia no Senado.

Afim de elucidar as principaes modificações a fazer, como o mappa junto não dá uma idéa perfeita sobre certos detalhes, vamos enumerar-as, tomando estado por estado, a partir do Sul para o Norte:

**Rio Grande do Sul** — Não soffrerá nenhuma modificação.

**Santa Catharina e Paraná** — Serão reunidos formando um unico estado com nome de Iguassú e tendo Curitiba por capital.

**S. Paulo** — Não soffrerá nenhuma modificação.

**Minas, — E. do Rio e E. Santo** — O estado de Minas será dividido em 3 partes: O triangulo mineiro mais a região a oeste do rio S. Francisco, formará um estado, Paranahyba, tendo por capital a cidade de Independencia, ponto terminal da E. F. C. B., na margem esquerda d'aquelle rio. O restante de Minas será dividido em duas partes, tendo por limite o rio das Velhas desde sua foz até o paralelo 18º, em seguida este parallalo até encontrar o rio S. Antonio e rio Doce; destas duas partes, a do sul será unida ao estado do Rio de Janeiro, formando o estado de Mantiqueira, com a capital em B. Horizonte, pois, Nictheroy, cuja população quasi toda trabalha na capital da republica, pouco soffrerá com a sahida do governo estadual; a parte do norte, mais o estado do E. Santo e o pedaço da Bahia que fica ao S. do rio Jequitinhonha, formará o estado e Mucury, com a capital em Victoria.

**Bahia** — Toda a região a oeste do rio S. Francisco (antiga comarca de Carinhanha) que está em litigio com Pernambuco, formará o estado de Carinhanha, com a capital em Barra do Rio Grande ou Carinhanha. Do restante do estado, tirar-se-á o que já foi dado ao estado de Mucury, e o limite norte será formado pelos rios Itapicuru, Itapicuru Mirim, rio do Pontal e rio S. Francisco. O que o estado perder ao Norte será entregue ao estado de S. Francisco.

**Sergipe, Alagoas e Pernambuco** — Estes tres estados mais o pedaço do N. da Bahia, de que já nos referimos, formarão o estado de S. Francisco em a capital em Recife.

**Parahyba — R. G. do Norte e Ceará** — Formarão reunidos o estado de Barborema com a capital em Fortaleza.

**Piauhy** — Não soffrerá nenhuma modificação.

**Maranhão** — Não soffrerá nenhuma modificação.

**Pará** — Será dividido em quatro partes formando os estados de: Pará — limitado ao N. pelo braço S. do rio Amazonas (excluindo a ilha de Marajó e a O. pelo rio Xingú; a capital em Belem. A região ao S. do Amazonas e O. do Xingú, formará o estado de Tapajos com a capital em Santarém. Toda a zona ao N. do rio Amazonas, inclusive a ilha de Marajó, será dividida pelo rio Parú em dois estados, com as capitães em Obidos e Macapá.

**Goyaz** — Será dividido em dois estados tendo por limites a partir da esquerda para a direita, o paralelo 13 grãos, até o rio Canna Brava, este rio até o Tocantins, em seguida subirá o rio Tocantins, entrando pelo rio Para-



nan até o paralelo 14 grãos, e seguindo este paralelo até encontrar o actual limite com Minas.

**Matto Grosso** — A região ao S. do rio Taquary e a cidade de Corumbá formarão o estado de Rio Pardo com a capital em Campo Grande e o restante do estado será dividido em quatro outros estados ou territórios, conforme se vê do mappa junto.

**Amazonas e Acre** — O Amazonas dividir-se-á em cinco estados com as capitais sobre o grande rio (vêr mappa) e de sua região S. O., ficará pertencendo ao Acre, todo o território limitado pelos rios: Móa, Juruá até a confluência com o rio Tarauáca, e por uma recta ligando esta confluência á confluência dos rios Abunã e Madeira.

**D. Federal** — Sem alteração.

Synthetizando tudo o que foi proposto, seu resultado final seria:

O Brasil corporar-se-ia de 22 estados e 7 territórios, todos com uma superficie variavel entre 180.000 e 400.000 kms<sup>2</sup>, e um Districto Federal contendo o Rio de Janeiro, capital da Republica.

Seria condição unica para um territorio ter autonomia, passando á cathegoria de estado, o facto de provar que possui uma população maior do que 100.000 habitantes.

Das 30 unidades de que se comporia a União, no presente anno de 1929, dez teriam uma população maior de um milhão de habitantes, treze entre um milhão e cem mil, e sete territórios com menos de 100.000.

— O presente trabalho, certamente idealista ou imperfeito em muitos de seus pontos foi escripto tendo por objectivo collaborar ainda que com parcella minima, na solução de um dos problemas mais importantes para o desenvolvimento do Brasil, e principalmente para a sua cohesão no futuro, afastando o perigo do desmembramento de nossa Patria, pela separação de algumas de suas unidades, transformadas em verdadeiros paizes dentro de 50 ou 100 annos.

Muitos que o lerem dirão: E' uma fantasia... E' um idealismo..., porém estou certo de que aquelles que se interessam seriamente pela grandeza do Brasil, dirão ao menos E' um problema a ser estudado, opinião essa que

muito mais se justifica no nosso meio militar, onde uma nova divisão territorial do Brasil, viria trazer innumerables vantagens para a solução de certos problemas de grande relevancia para o Exercito, taes como sejam o recrutamento, a mobilisação, a distribuição das tropas de uma maneira mais equitativa por todo o paiz, facilitando o preparo militar das populações do norte, etc., etc.

|                        | Supe, em kms. <sup>2</sup> | População  |
|------------------------|----------------------------|------------|
| D. Federal . . . . .   | 1.200                      | 1.800.000  |
| Mantiqueira . . . . .  | 210.000                    | 6.800.000  |
| S. Paulo . . . . .     | 290.000                    | 5.700.000  |
| S. Francisco . . . . . | 187.000                    | 4.500.000  |
| Borborema . . . . .    | 238.000                    | 3.000.000  |
| Bahia . . . . .        | 260.000                    | 3.000.000  |
| Rio Grande . . . . .   | 260.000                    | 2.600.000  |
| Iguassú . . . . .      | 300.000                    | 1.700.000  |
| Mucury . . . . .       | 250.000                    | 1.700.000  |
| Maranhão . . . . .     | 360.000                    | 1.150.000  |
| Paranáhyba . . . . .   | 240.000                    | 800.000    |
| Pará . . . . .         | 380.000                    | 800.000    |
| Piauí . . . . .        | 264.000                    | 740.000    |
| Goyaz . . . . .        | 340.000                    | 500.000    |
| Carinhonha . . . . .   | 200.000                    | 300.000    |
| Araguary . . . . .     | 180.000                    | 200.000    |
| Tocantins . . . . .    | 340.000                    | 165.000    |
| R'io Pardo . . . . .   | 280.000                    | 158.000    |
| Amazonas . . . . .     | 480.000                    | 127.000    |
| Acre . . . . .         | 220.000                    | 125.000    |
| Matto Grosso . . . . . | 320.000                    | 117.000    |
| Tumucumaque . . . . .  | 250.000                    | 105.000    |
| Tapajóz . . . . .      | 350.000                    | 103.000    |
| <b>Territórios:</b>    |                            |            |
| Madeira . . . . .      | 300.000                    | 70.000     |
| Purus . . . . .        | 340.000                    | 70.000     |
| Rio Negro . . . . .    | 340.000                    | 60.000     |
| Guaporé . . . . .      | 220.000                    | 50.000     |
| Solimões . . . . .     | 190.000                    | 50.000     |
| Mamoré . . . . .       | 320.000                    | 25.000     |
| Araraguaya . . . . .   | 380.000                    | 12.000     |
| Total . . . . .        | 8.240.200                  | 36.527.000 |

BEXIGA-RINS  
ACIDO URICO-RHEUMATISMO  
ARTHRITISMO  
**BI-UROL**  
SILVA ARAUJO

"Ne consentez pas par faiblesse a l'avancement, d'un mauvais sujet".

"Refusez d'accorder quoi que ce soit á la faveur, á des recommandations, même si elles viennent de haut". — ANDRÉ GAVET  
— "L'art de Commander".



# A PROPOSITO DA INDUSTRIALIZAÇÃO DA INSTRUÇÃO NA INFANTARIA

(Continuação do n. 183)

Pelo Cap. T. A. ARARIPE

## A INSTRUÇÃO TACTICA E AS PEQUENAS OFFICINAS

Procurámos mostrar no artigo anterior em que consiste o processo de instrução pelas PEQUENAS OFFICINAS, quando e como deve ser empregado as suas vantagens e desvantagens e concluímos apresentando uma relação de assumptos que mais se prestam ao uso do processo.

Por esta relação se vê que só a Instrução Physica e os exercícios delicados da Instrução Technica comportam a applicação do processo — passagem de todos os homens da Companhia por uma organização material de instrução apropriada e onde funciona um instructor especializado. Semelhante regra representa, segundo as idéas dos autores citados, o maximo de conciliação entre o processo ideal e desejado — da generalização — e o processo imposto — da especialização. Por ella se admite que todos os graduados devem ser capazes de ministrar todos os assumptos que não exigem habilidade particular e que é indispensavel fazer a instrução por unidades organicas constituídas de modo a incutir, desde o inicio, no espirito do recruta o sentimento e COHESÃO.

Mas, não haverá também vantagem em empregar o processo da especialização na Instrução Tactica e em particular na Instrução Tactica Individual?

Nos autores citados não se revela essa especialização, excepto, o Gen. Barbeyrac que a admite como caso excepcional quando o numero de graduados capazes de ensinar esse assumpto não corresponde ás unidades organicas.

O instructor da Infantaria da E. A. O. é, ao contrario, francamente favoravel á applicação do processo do instructor especializado e das pequenas officinas na Instrução Tactica Individual. São palavras suas: "Nada obriga ao Cmt. da Cia. a fazer participar desta instrução todos os graduados indistinctamente; não é de maneira alguma necessario que a Instrução Tactica Individual seja dada a cada soldado por seu proprio cabo ou por seu proprio sargento; mais tarde, durante os exercicios de combate respeitar-se-á a constituição dos grupos e dos pelotões e cada chefe será exercitado em commandar a propria unidade.

Ao contrario, para a instrução tactica individual cujo ensino é tão importante e delicado, mais ainda que para a instrução technica, ha interesse em não confiar a conducta dos exercicios senão aos graduados mais capazes, mais competentes e melhor dotados, pois, ganhar-se-á tempo e sobretudo a qualidade da instrução será melhor". (E. A. O. — Notas: A Instrução Tactica do Infante — Seto, 1928).

Em nosso fraco modo de entender não concordamos com o aviso do mestre a quem nós, officiaes de infantaria brasileira, tanto devemos pelas proficientes lições ministradas ha quasi um decenio.

E' verdade que a applicação do processo do instructor especializado á Instrução Tactica Individual acarreta o beneficio de maior rendimento (quantidade e qualidade do ensino) em tempo menor na formação do soldado, da uniformidade da instrução e da simplificação da tarefa do instructor, porém, é imprescindivel não nos esquecermos de que em materia de execução tactica todos os graduados de fileira devem ser virtuosos.

Ora, por experiencia pessoal sabemos que é ensinando que melhor se aprende e assim, é fazendo com que todos os graduados tomem parte na instrução tactica do soldado que se aperfeiçoará pouco e pouco a sua instrução; que se conseguirá formar os virtuosos do combate. Isto não quer dizer que se entregue a parte mais importante da instrução do homem a instructores pouco capazes; ao contrario, para evitar este mal é que se recomenda que este ramo da instrução funcione sob a impulsão e vistas directas dos officiaes.

Para cada exercicio de Instrução Tactica Individual o commandante e os officiaes da companhia devem realizar séria preparação prévia: organização do exercicio (principalmente ensinamentos vizados, escolha do terreno e pontos principaes a observar no procedimento dos homens), reunião dos graduados instructores para ensinar-lhes e recordar-lhes os processos de ensino do assumpto em questão, organização e distribuição das fichas de trabalho com todos os pormenores sobre a sua execução, etc. E isto não será bastante. A importancia da Instrução Tactica Individual exige dos officiaes da companhia grande actividade na direcção e fiscalização constante dos graduados instructores, dando-se a impressão de que os instructores na verdade são estes officiaes.

Feitas estas considerações vamos procurar expôr o modo de funcionamento da instrução de recrutas em uma companhia em que se applica o processo das pequenas officinas.

Applicação do processo das pequenas officinas na instrução de recrutas da companhia. Como sabemos, o capitão regula a instrução da companhia estabelecendo: no primeiro periodo:

— o programma de instrução de recrutas, calçado no programma do commandante do batalhão;



— o quadro de trabalho semanal, que é um desdobramento do programma anterior;

— o quadro de trabalho diário, organizado cada dia para os trabalhos do dia seguinte e contendo a distribuição pormenorizada dos exercícos a realizar pelo tempo disponível;

— e as fichas de trabalho, verdadeiros momentos do instructor que se destinam a resumir os ensinamentos a serem ministrados nos exercícos importantes.

E na organização dos quadros de trabalho semanal e diário que o capitão tem que attender ao modo de applicar o processo das pequenas officinas.

Para estabelecer o quadro de trabalho diário o capitão deve considerar:

— o tempo disponível para instrução;

— o local onde se realizam os exercícos (estande de tiro, pateo do quartel, terreno variado e apropriado, etc.);

— o pessoal especializado e o material colectivo que constituirão as pequenas officinas por onde os homens devem passar successivamente;

— as turmas por unidades organicas e onde o mesmo graduado instructor terá que ensinar varios assumptos.

Emprego do tempo — Feito o balanço de todos esses elementos é preciso dividir o tempo em fracções e regular a duração do ensino para cada assumpto e a passagem dos homens pelas diversas officinas.

Com effeito, não se póde mais conceber toda a companhia fazendo ao mesmo tempo a mesma especie de exercícos, salvo aquelles em que não se emprega o processo das pequenas officinas.

Por outro lado, é indispensavel que em qualquer instante, salvo nos momentos especiaes de repouso, não haja ninguem parado e que todos trabalhem.

Só se consegue isso fazendo funcção simultaneamente exercícos por pequenas officinas e exercícos por turmas organicas.

Quando se concebem todos os exercícos ministrados por pequenas officinas, não os haverá por turmas organicas, mas esse é um caso de difficil realização porque é pouco provavel que o commandante de companhia disponha de um numero de graduados qualificados e de material sufficientes para multiplicar as officinas.

Ao nosso ver, o unico systema pratico, que aliás está indicado no Regulamento francez de 1920, consiste em fazer funcção as pequenas officinas durante o tempo sufficiente para que por ellas passem todos os homens da companhia, graças a uma escala de rotação bem organizada; e, emquanto esperam a vez de ser chamados para se exercitar em uma pequena officina, os homens trabalham em uma turma organica.

Em uma sessão assim organizada, uns fariam esgrima de baioneta, emquanto outros fariam instrução preparatoria de tiro e outros fariam ainda instrução technica do F. M. ou da granada, de modo que no fim da sessão todos terão passado pelas mesmas series de exercícos, o que é essencial.

A titulo de exemplo, podemos apresentar uma sessão consagrada a preparação Technica com o seguinte aspecto:

Em local de exercicio os pelotões ficam largamente espaçados e sob as ordens de seus commandantes ou substitutos:

o 1º exercita-se nos movimentos mecanicos de tiro do fuzil; a seu lado funcção uma ou mais pequenas officinas para a instrução preparatoria do tiro de fuzil (movimentos delicados) e junto ás quaes os homens são chamados dois a dois;

o 2º adextra-se nos exercícos collectivos da esgrima de baioneta; a seu lado funcção uma pequena officina de lição individual mesma esgrima;

o 3º pelotão aprende os movimentos mecanicos do F. M.; a seu lado funcção uma ou varias pequenas officinas de funcionamento varias pequenas officinas de funcionamento da arma e de instrução preparatoria para o seu tiro;

ou ainda elle exercita-se nos movimentos de lançamento da granada de mão; e a seu lado funcção uma pequena officina de funcionamento das granadas;

os homens chamados para junto das pequenas officinas, uma vez terminado ali o seu exercicio, voltam a trabalhar na turma organica.

No momento fixado pelo commandante da companhia ou director do exercicio, o 1º pelotão passa para o local do 2º, este para o do 3º e este para o do 1º, e assim por d'ante, porém, as pequenas officinas não mudam de lugar e passam a funcionar em proveito do pelotão que veio se collocar a seu lado.

O exemplo que acabamos de apresentar é, como se vê, muito simples mas, em regra o problema se complica e exige do organizador da sessão alguma habilidade. Assim, crescerão as difficuldades com a diversidade de adeantamento dos homens (exercícos differentes, retardatarios, soldados de escol, etc.) exigindo maior numero de pequenas officinas e variação das mesmas dentro da sessão.

Isto para a Instrução Technica. Na Instrução Physica propriamente dita os homens da companhia são distribuidos pelas pequenas officinas dos fortes, medios e fracos, segundo o seu valor physico e cada officina funcção durante o tempo marcado como se fosse uma turma organica, de modo que no fim do tempo marcado toda a companhia executou simultaneamente a instrução.

O processo das pequenas officinas combinado com o das turmas organicas póde também ser applicado aos exercícos de adaptação ás especialidades, como aliás, já se exemplificou para o caso da esgrima de baioneta.

Para completar este nosso trabalho, mera divulgação de conselhos e pareceres de autoridades no assumpto, por isso que não podemos apoiar as nossas idéas em experiencias pessoas, vamos transcrever o Quadro de trabalho diário apresentado pelo Cop. G. Paillé em sua util e conhecida obra — "Memento de L'Instructeur du Fusil" — Voltigeur (pagina 32-33):



## PROGRESSÃO DIARIA — 2ª FEIRA, 4 DE JUNHO DE 1923

## M A N H Ã

*Pormenores e successão dos exercicios*

| Horário minucioso | Instrução physica propriamente dita.<br>3 pequenas officinas: fortes, médios e fracos. Troca de roupa.            | Exercício de combate: fogos da esquadra de fuzileiros. | Escola do soldado (revisão)     | Exercícios de manabilidade do grupo desenvolvido em atiradores. | Escola do Pelotão (formações)   |
|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------|---------------------------------|
|                   | 1 hora                                                                                                            | 30 min.                                                | 20 min.<br><br>Descanso 10 min. | 30 min.                                                         | 20 min.<br><br>Descanso 10 min. |
| 6.00              | Reunião — Inspeção — Partida.                                                                                     |                                                        |                                 |                                                                 |                                 |
| 6.30              | Na marcha: 5 minutos de ordem unida; 20 minutos de instrução do esclarecedor. Na chegada: 10 minutos de descanso. |                                                        |                                 |                                                                 |                                 |
| 7.00              |                                                                                                                   |                                                        |                                 |                                                                 |                                 |
| 7.30              | 1º Pelotão                                                                                                        | 2º Pelotão                                             | 2º Pelotão                      | 3º Pelotão                                                      | 3º Pelotão                      |
| 8.00              |                                                                                                                   |                                                        |                                 |                                                                 |                                 |
| 8.30              | 3º Pelotão                                                                                                        | 1º Pelotão                                             | 1º Pelotão                      | 2º Pelotão                                                      | 2º Pelotão                      |
| 9.00              |                                                                                                                   |                                                        |                                 |                                                                 |                                 |
| 9.30              | 2º Pelotão                                                                                                        | 3º Pelotão                                             | 3º Pelotão                      | 1º Pelotão                                                      | 1º Pelotão                      |
| 10.00             |                                                                                                                   |                                                        |                                 |                                                                 |                                 |
| 10.30             | Valto ao quartel: 5 minutos de ordem unida.                                                                       |                                                        |                                 |                                                                 |                                 |

## T A R D E

*Pormenores e successão dos exercicios*

| Horário minucioso | Lição especial de combate a baioneta<br>Pequena officina | Lição especial de lançamento de granada<br>Pequena officina | Exercícios quotidianos de collocação da mascara | Serviço de guarnição (sentinellas)                                  | Exercícios quotidianos de pontaria | Theoria sobre recompensas |
|-------------------|----------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|------------------------------------|---------------------------|
|                   | 30 min.                                                  | 30 min.                                                     | 20 min.<br>Descanso 10 min.                     | 30 min.<br><br>Exercícios de tiro (cavalete) para os retardatarios. | 20 min.<br>Descanso 10 min.        | 30 min.                   |
| 14.00             | Reunião — Inspeção — Partida — 5 minutos de ordem unida. |                                                             |                                                 |                                                                     |                                    |                           |
| 14.20             | 1º grupo                                                 | 2º e 3º grupos                                              | 3º Pelotão                                      |                                                                     | 2º Pelotão                         |                           |
| 14.50             |                                                          |                                                             | 1º Pelotão                                      | 3º Pelotão                                                          |                                    | 2º Pelotão                |
| 15.20             | 4º e 5º grupos                                           | 6º grupo                                                    |                                                 | 1º Pelotão                                                          | 3º Pelotão                         |                           |
| 15.50             |                                                          |                                                             | 2º Pelotão                                      |                                                                     | 1º Pelotão                         | 3º Pelotão                |
| 16.20             | 7º grupo                                                 | 8º e 9º grupos                                              |                                                 | 2º Pelotão                                                          |                                    | 1º Pelotão                |
| 16.50             | Volta ao alojamento — 5 minutos de ordem unida.          |                                                             |                                                 |                                                                     |                                    |                           |
| 17.00             |                                                          |                                                             |                                                 |                                                                     |                                    |                           |

— em que se observa a grande variedade de assumptos, ministrados simultaneamente á companhia, de modo a parecer que todos elles, mesmo os da manhã são dirigidos por instructores especializados.



# D A P R O V I N C I A

## O serviço de Remonta no Exército

Pelo Major Vet. ALFREDO FERREIRA

Foi com extraordinária satisfação que lemos em "A Defesa Nacional" de Dezembro ultimo mais um artigo sobre este importante assumpto: "A criação do cavallo e o problema do serviço de remonta" escripto pelo Sr. R. de Freitas Lima.

O problema da Remonta, estudado por militares e civis, conta agora com mais esta contribuição do Sr. Freitas Lima que aconselha o que ha a fazer e estuda as diversas modalidades da questão com grande descortínio, revelando largos conhecimentos sobre a historia da Remonta no Exército.

Em artigo que havemos escripto em "A Defesa Nacional" e em "O Jornal" temos mantido sempre o mesmo ponto de vista sobre a Remonta: não cabe ao Exército a criação em grande escala de animaes cavallares ou asininos, apenas cabe-lhe orientar zootechnicamente os criadores quanto á obtenção dos typos de animaes para cavallaria, tracção pezada e tracção leve e quanto ás questões de alimentação, hygiene em geral, educação e gymnastica funcional apropriadas ao governo de serviços a que o animal se destina.

Para obter resultado não basta importar animaes de raças puras. Uma bôa egua, bonita, de grande talhe, padreada por um bom garanhão, de linhas harmonicas e raça pura, pode dar resultado nullo si ao producto não forem dispensados cuidados com sua hygiene, gymnastica funcional, alimentação adequada ao mister a que se o destina.

\* \* \*

O Exército deve manter typos padrões para cavallaria e tracção junto a cada grande centro de criação, visando guiar e animar os criadores. Não se trata de fazer um tylo de cavallo de guerra o que reputamos uma utopia, mas de procurar o melhoramento dos rebanhos cavallares e asinino. Tambem não pôde o Exército pensar em criar para satisfazer a todas as suas necessidades na especie. E' sempre muito elevado o numero de cavallos necessarios á guerra, como o é tambem o de asininos.

Si o Brasil não cuidar a tempo do assumpto é quasi certo, é certo mesmo que na eventualidade de uma guerra terá que ir procuralos no estrangeiro, o que constitue de algum modo inferioridade, mórmente se o adversario fór rico na especie.

Para bem avaliarmos a importancia do assumpto basta dizermos que as necessidades de nosso Exército orçam por cerca de 3.000.000 de cavallos e muares para todos os misteres este é um calculo optimista. A França, por inclusive tracção e formação de comboios. E exemplo, na ultima campanha, que não foi

guerra de movimento, que possui a mais rica rede de rodovias da Europa, que é recortada em todos os sentidos de optimas vias ferreas, que usou em grande escala os transportes automoveis, consumiu cerca de 5.000.000 de solípedes, não incluídos 804.620 animaes adquiridos na America do Sul.

Pois bem, considere-se agora que o Brasil possui apenas, em total em todas as idades e sexos, de 6 a 7.000 de solípedes, conforme as estatisticas officiaes (não exactas, apenas approximativas...), que devem servir para as necessidades das forças militares em campanha e continuar a prestar os serviços agricolas que não devem cessar, e ter-se-á uma excellente base para meditar...

\* \* \*

Ao par do numero de animaes que é preciso ter muito importa pensar na qualidade para obter-se o melhor aproveitamento do numero.

Tem a zootechnica merecido a attenção dos nossos criadores? Não! Desconhecem-na e desprezam-na, o que se revella pelo abandono em que vive o nosso heroico cavallo creoulo. A rotina e o empirismo, mesclados das mais extravagantes lendas regionaes têm impedido a rapida propagação dos conhecimentos verdadeiramente uteis ao melhoramento das raças.

A ignorancia das mais elementares leis biologicas impede assim a orientação necessaria a tomar-se para a formação de uma população cavallina rustica, sobria, apropriada ás necessidades e resistente á fadiga, na vastidão de nosso territorio, de climas e recursos os mais variados. Não basta saber montar, ser mesmo bom equitador, possuir grandes latifundios, ter garanhões e eguas, para nada mais precisar em relação a uma intelligente criação de cavallos.

E' preciso ter noções de zootechnia, noções theoricas e noções praticas, o que demanda estudo e observação directa acurados.

\* \* \*

Para evitar o erro, producto inevitavel de grave imprevidencia, de se ter de recorrer ao estrangeiro no momento da mobilisação, para obter os animaes necessarios á formação e á vida do Exército de Campanha, certas providencias, já conhecidas e indicadas vêm sendo proteladas de longa data, entre nós.

Entre ellas vamos referir-nos as que se destinam a melhorar as tropas de animaes que possuimos, restringindo-nos, porem, a algumas indicações apenas que nos são suggeridas no



momento. Mais seria redundancia por isso que o assumpto vem sendo debatido e esclarecido, como prova o brilhante artigo do Sr. Freitas Lima.

O problema tem que ser resolvido pela acção conjunta dos Ministerios da Guerra e da Agricultura: — um tem formidaveis interesses ligados ao assumpto e é o maior consumidor; ao outro cabe expontaneamente cuidar-o porque é de sua esphera de acção administrativa e deve achar-se aparelhado de tudo que uma solução intelligente, logica e economica requer.

Vemos, pois, como uma das mais urgentes necessidades a designação de uma commissão de regeneração dos solípedes das raças creoulas, constituída por veterinarios militares e veterinarios civis do M. A. por officiaes qualificados, das armas montadas e alguns fazendeiros escolhidos entre os mais adeantados das diversas regiões do paiz, que tomaria a si fazer uma revisão no regulamento de remonta do Exercito, ampliando-o de modo a harmonisar nelle todos os interesses militares e civis.

Alem disso, o M. G. crearia nos corpos que têm invernadas, em pequena escala, animaes cavallares, mas somente depois de melhorarem as pastagens, plantarem forragens diversas etc., a título de exemplificação, demonstracção, e estímulo aos fazendeiros das redondezas.

✱ ✱ ✱

Em nossa ultima inspecção aos corpos de tropas e a animaes civis em Matto Grosso, tivemos occasião de mais uma vez bem examinar e observar o nosso cavallo creoulo: pequeno (altura media 1m,43), perfil caphalico rectilino e ás vezes levemente convexo, rustico, sobrio, linhas harmonicas, isento de taras osseas, pellagem escuras (preto e castanho, as mais communs), cabeça pequena, pescoço curto, espadua obliqua, dorso curto garupa forte, cascos muito fortes.

São animaes mantidos de longa data sem nenhuma inecção de sangue novo, porque os fazendeiros têm tido a boa sorte de, ignorantes da zootechnica, não fazer importações anarchicas de garanhões estrangeiros, poupando dessa arte, de alguma sorte o bom fundo de seus rebanhos e livrando-se de uma mestiçagem sem valor.

E', pois, facil a acção conveniente em Matto Grosso.

A questão está mesmo bem encaminhada actualmente.

Os 10° R. C. I. e 11° R. C. I. de Bella Vista e Ponta Porã dispoem de boas invernadas, com optimas aguadas, podem iniciar uma acção util. O 10° R. C. I. notadamente possui já dous garanhões creoulos sendo que um por suas linhas harmonicas mais parece um puro sangue arabe.

Na invernada de Piraputangas em Campo Grande, com 3.600 hectares, pastagens de jaraguá, aguadas excellentes, com grande plantio de milho, cuja colheita montará ao valor de algumas dezenas de contos de reis, ha algumas eguas de bom porte. Fez-se ahi uma pequena coudelaria com dous garanhões arabes que fo-

ram fornecidos a esta circumscripção. Em — Piraputangas foram já padreadas cerca de 40 eguas. Estas eguas estão sob o regime de meia estabulação.

Ao mesmo tempo, constroem-se tres corredores para o conveniente exercicio dos animaes novos.

Esta acção desenvolvida e sythematisada, sem ter a pretensão de transformar o M. G. em creador em larga escala, poderá certamente muito contribuir para seleccionar o nosso problema da remonta.

## A base naval de Ferrol

FERROL Janeiro, (U. P.) — A base naval que está sendo construída nesta praça brevemente contará com os maiores elementos de defesa. Dentro em pouco ficarão installados dous poderosos canhões de 38.1 centímetros de diametro. Essas peças que serão collocadas em logares estrategicos, são maiores que os famosos de 42 que empregaram os allemães na grande guerra. O peso de cada projectil é de cerca de uma tonelada.

O cano de cada peça, pesa 90 toneladas. Já está prompto um guindaste enorme para o desembarque no estaleiro. Em menos de um anno construiu-se uma estrada especial para conduzir os canhões ao Monte Campelo. No transporte do porto a este monte gastar-se-ão de um a dous mezes. A grande fabrica nacional de Trubia já fabricou todos os elementos necessario para essa importante operação. Será necessario installar carris de kilometro a kilometro.

A bateria de Monte Campelo está situada á extrema direita da frente do mar. Já estão terminadas as installações para as baterias de Prior, Priorino e Campelo. Emconjunto haverá na base naval quatro baterias de dous canhões de 38.1 além de outras vinte peças de 15.24. O alcance dos primeiros excede de 30 kilometros.

Cada um dos oito canhões de 38.1 irá montado sobre um fosso de nove metros de profundidade. O conjunto da escavação aberta é de uns treze metros. Cada uma das grandes peças da bateria e suas correspondentes escavações está separada, afim de que um projectil inimigo, não possa inutilizal-as conjuntamente. Aos fossos chega uma ferrovia de bitola estreita que conduz os projectis e toda a classe de material, procedentes do armazem e da fabrica que se acham situados na parte norte opposta ao mar.

Na fabrica acham-se installados os motores e installações hydraulicas que permitem conduzir os projectis por meio de um elevador collocado no fosso, até a bocca do canhão. Realmente não se pôde chamar de installação hydraulica, pois a agua foi substituída por glycerina, afim de evitar a congelação.

Tambem continuam com actividade os trabalhos de construcção das bases de Carthagena e Mahon que terão installações semelhantes.

"Jornal do Brasil" 23-2-28.



# Estudo da progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia

Pelo Cap. LAFFARGUE

(Da Revue D'Infanterie)

Trad. pelo 1º Ten. JOSE' PORTOCARRERO

## PRIMEIRA PARTE

### I — IMPORTANCIA CRESCENTE DESTE ESTUDO

Nas guerras, antes de 1914, era a bala que infligia á Infantaria, as mais consideraveis perdas.

E, não obstante a multiplicação das armas automaticas, susceptíveis de cobrir o campo da batalha com lenções de projectis, incomparavelmente mais densos que na época das cadeias de atiradores, a bala foi desthonada, na ultima guerra, de sua sanguinolenta soberania.

As estatisticas publicadas em 1921, pelo medico inspector geral TOUBERT, na "Revue d'Infanterie", o demonstram. Si a bala é incomparavelmente mais temivel para a Infantaria na zona de combate approximado, devido á vigilancia, á presteza, á instantaneidade de seus efeitos de destruição, o obuz, pelo accrescimento numerico de suas intervenções, pelo alongamento de seu raio de acção, tornou-se, salvo talvez ás pequenas distancias que constituem o campo fechado das duas Infantarias, um adversario de quasi todos os instantes e de todas as situações.

Quer a Infantaria se encontre a kilometros da linha inimiga, quer se prepare para abordar-a, quer ainda se desloque á plena vista do inimigo em espaços descobertos ou mesmo progrida em caminhos desenhados no fundo das ravinas e sob as cobertas dos bosques; marchando, deitando-se, enterrando-se dormindo ou combatendo, o obuz rodeia-a sem cessar inquieta-a, cerca-a em sua progressão, interrompe-lhe barreiras successivas de fogo sobre a estrada, e bate-a durante horas a fio si se aferrar ao terreno.

Adversario protéico, ataca a Infantaria de innumeras formas: já pela "machadada" de seus arrebatamentos razante, vertical, ou de revez já pelo sopro brutal de suas explosões; já pelas deletérias emanações de seus gazes. O obuz não se limita a maltratar o corpo do infante, mas tambem o seu espirito. Aos efeitos materiaes de destruição elle associa uma potencia de perturbação moral tão terrivel que pode arruinar uma infantaria, sobretudo uma Infantaria nova, muito mais pelo desarranjo que semeia nas fileiras do que propriamente pelas perdas que inflige. (1)

Si ha, portanto, uma questão cujo estudo offerece uma importancia verdadeiramente capital para a Infantaria, é por certo, a da protecção contra os tiros da Artilharia.

Aprender a passar através estes tiros seja para sobreviver aos efeitos do bombardeamento sobre uma posição defensiva excavada e revolvada pelos obuzes, seja para manter o contacto com a Infantaria inimiga, não obstante as barreiras de fogo que a protegem, tal é o duplo problema a cuja exploração a Infantaria se deve cingir, durante seus exercicios, com todo o empenho e toda a energia de sua attenção.

Nas paginas seguintes, limitar-nos-emos a considerar a parte do problema que trata da progressão da Infantaria sob os fogos da Artilharia.

### II — CONDIÇÕES GERAES DA MARCHA SOB O FOGO DA ARTILHARIA EM PLENO CAMPO E NAS ACÇÕES SOBRE FRENTES ESTABILIZADAS

O aspecto dos tiros aos quaes a Infantaria serve de alvo no decurso de sua progressão para a frente, varia sensivelmente conforme se trate de uma batalha em pleno campo ou de combates sobre posições fortificadas; do mesmo modo os problemas de progressão que se propõem á Infancia nestas duas situações fundamentaes, ligadas, aliás, por muitas situações intermediarias, apresentam notaveis differenças.

As lutas em pleno campo põem em jogo especies de Artilharia sensivelmente mais fracas, em geral que as batalhas sobre frentes estabilizadas, sendo, ahi, o consumo de munições indubitavelmente maior e, por consequencia, não revestindo os tiros o mesmo caracter de violencia continua.

Poder-se-ia, portanto, concluir destas observações, com visos de verdade, que a travessia de espaços submettidos ao fogo da Artilha-

guerra. Mas, além disso, os quadros subalternos de nossa Infantaria, os que precisamente têm de estacionar ou mover-se na zona onde os fogos da Artilharia são mais cerrados, serão constituídos por elementos novos, sem a experiencia dos campos de batalha. Ora, a noção dos efeitos da Artilharia nos parece ainda mais susceptivel de obscurcimento, em tempo de paz, que os do tiro da Infantaria. Si o infante pôde verificar, sobre seus alvos, em uma certa medida, a acção de suas armas, não tem sinão muito raramente occasião de observar, de perto, rajadas ou bombardeios de Artilharia. Tambem não se poderia despertar, de um modo seguro, sua attenção sob a ameaça do obuz.

(1) Os efeitos dos tiros de Artilharia são bem conhecidos de todos os infantes que tomaram parte na ultima



ria, constitue, para a Infantaria, um transe menos penoso e menos delicado em campo livre do que deante duma frente estabilizada.

Entretanto isto não passa das apparencias; si a fórma do perigo é differente, este não é attenuado, porque a natureza do terreno e as difficuldades maiores de observação augmentam sensivelmente o rendimento dos tiros da Artilharia.

Em campo livre, com effeito, a Infantaria deve progredir, o mais das vezes, sobre vastas regiões longamente esplanadas pela agricultura e que apresentam raros abrigos, fôssos ou taludes, communmente separados por grandes massivos. A Infantaria ahi se vê exposta aos effeitos das balas e estilhaços, sem outra defesa. sob uma subita rajada, que não sejam os seus capacetes e as suas mochilas; e é uma situação por vezes tão critica que o infante quando exgota em pura perda todas as suas energias contra a terra, experimenta, muitas vezes, a impressão de ser como que repellido pelo sólo hostil.

O infante é visto e espreitado pela Artilharia inimiga, cujas condições de observação são relativamente facilitadas. Ahi não existem nuvens continuas de fumaça e pó, envolvendo as linhas da Infantaria com uma cortina opaca e mysteriosa; nenhum bombardeio systematico prolongando, interceptando continuamente as linhas telephonicas e isolando o observador.

Ella é ahi submettida, portanto, á temivel especie de tiro propriamente baptizada de "tiro ao coelho", que consiste em bater litteralmente uma fracção, persegui-la de abrigo em abrigo, de crista em crista; ceif-a inopinadamente com uma rajada de cadencia maxima e encerr-a assim num verdadeiro envoltorio de fogo que a deixa completamente offegante de emoção, quando mesmo não a dizima em poucos minutos.

Sobre os campos de batalha da guerra de posição, ao contrario, a natureza do terreno e as difficuldades da observação attenuam, em grande parte, os effeitos dos tiros de Artilharia extraordinariamente densos e prolongados.

Mercê da propria repartição dos tiros e do trabalho de "formiga" commettido pelos infantes que vasculham o terreno em todos os sentidos e em todos os logares, o sólo é sulcado de trincheiras, juncado de funis, de buracos, de excavações de todo tamanho, que por vezes, se reúnem e se emaranham; offerece, assim, á Infantaria, multiplos abrigos e innumeros caminhamentos. Doutra parte a artilharia inimiga é fortemente embaraçada em sua observação: o desenrolar de uma luta de Infantaria sempre cerrada, num terreno ás vezes cahotico, em grande parte lhe escapa. Outrosim, não podendo, como em campo livre contar com as proprias vistas para vigiar o inimigo e cegalo no mesmo instante, ella deve praticar tiros systematicos, tanto mais densos e continuos, quanto executados com menos oportunidade e com o fim de interdictar o accesso de um terreno particularmente permeavel á Infantaria.

Não é de admirar, portanto, si se verifica

que em campo livre a Infantaria se encontre muitas vezes bloqueada, de dia, e a grande distancia das posições da Infantaria inimiga, pelo fogo relativamente pouco nutrido das baterias largamente esparsas, encarregadas da guarda de sectores extensos, mas capazes de discernir, aqui e ali, em campo descoberto, as menores apparções e quebrar nitidamente qualquer tentativa de movimento, e desencadeando instantaneamente uma serie de rajadas sobre tudo que se agite.

Entretanto se observa, ao contrario, que nas batalhas sobre frentes fortificadas, a Infantaria consegue innumeras vezes, ora ultrapassar os tiros de deter, ora filtrar-se por capillaridade através estes tiros, graças á permeabilidade particular de taes terrenos vasculhados e a despeito da exiguidade da frente de bateria e o extraordinario consumo de munições.

Em resumo, a travessia de terrenos sob a constante ameaça dos "tiros ao coelho" e a travessia de terrenos mais ou menos vasculhados, batidos por tiros systematicos, são as duas categorias fundamentais de problemas que se propõem á Infantaria, um, mais especialmente nas acções em campo livre, e outro em combates deante de frentes estabilizadas. Vamos examinal-os em seus aspectos principaes.

### III — PRINCIPIOS E REGRAS DE CONDUCTA NA PROGRESSÃO SOB O FOGO DA ARTILHARIA

Si o infante é, ao mesmo tempo, o caçador e a caça, em sua luta contra o infante inimigo, elle é sómente a caça, actualmente, em presença do canhão.

Já passou, com effeito, o tempo em que a Infantaria podia tentar, com probabilidade de successo proteger-se contra os fogos da Artilharia inimiga, procurando pôr fóra de combate esta Artilharia. Não se vêem mais esses duellos prolongados e indecisos entre o fusil e o canhão, cujos curiosos exemplos encontramos nas batalhas de Agosto de 1870. Está fóra de moda o estudo da repartição do fogo pelas peças de uma bateria inimiga, que outr'ora se praticava nos campos de manobras.

Assim tambem, na impossibilidade em que se encontra muitas vezes de tomar á parte o artilheiro inimigo para reduzir ao silencio, o infante só tem um expediente: procurar escapar-se aos seus effeitos.

Não basta tomar a formação capaz de reduzir ao minimo o effeito do fogo inimigo; e depois resolver-se a enfrentar estoicamente o tiro da Artilharia: é preciso prevenir-se de toda maneira afim de não lhe cahir ao alcance, porque a Artilharia é muito temivel actualmente desde o momento em que ella consegue fixar sua presa durante alguns instantes.

Torna-se imperceptivel, rastejar como uma enguia entre os tiros, tal deve ser o principio da conducta que deve ter a Infantaria no combate, em presença da Artilharia.

Progredir sob o fogo da Artilharia, não é, pois, como durante muito tempo se julgou, des-



locar no campo de batalha formações de aproximação de andaduras variáveis: é passar por uma serie de "metamorphoses" capazes de subtrahir, de multiplas fórmulas, as fracções de Infantaria ás vistas e aos tiros da Artilharia inimiga.

O chefe de uma pequena unidade de Infantaria, verdadeiro prestigeador, deve, pois, de qualquer sorte, escamotear segundamente sua tropa.

Tarefa de execução por vezes penosa, ora por causa do terreno, ora devido á propria missão: si é, com effeito, relativamente facil a uma unidade de segunda linha consumir todo o tempo para effectuar uma travessia perigosa, infiltrar-se gotta a gotta, dar grandes voltas, as unidades de primeira linha, obrigadas a conservar um dispositivo que lhes permitta accellar o combate em qualquer momento, intimamente ligadas ás direcções de marcha que lhes foram assignaladas, não têm a liberdade de acção necessaria para operar as metamorphoses desejaveis.

Doutro lado, flexibilidade não significa desmembramento; si é conveniente estender-se ao maximum em largura e profundidade, dissipar-se de qualquer sorte durante a travessia dos espaços descobertos é preciso que o dispositivo se conserve coherente e solidamente articulado, condições tanto mais indispensaveis quanto mais o poder perturbador do fogo da Artilharia supera o seu poder de destruição.

Velar, de um modo particular, pela manutenção da ordem, afim de evitar que a tropa se desagregue antes do momento em que terá realmente de se bater contra a Infantaria inimiga, tal é portanto o segundo principio que devemos continuamente conciliar com o primeiro.

Como applicar estas dous principios e, antes de tudo, como escapar ao fogo inimigo?

#### 1º) — O FOGO INIMIGO NÃO FOI AINDA DESENCADEADO:

Nos casos de tiros systematicos (tiros de interdicção e tiro de deter), o processo vantajosamente empregado será o de se esforçar por transpôr o mais rapidamente possivel, os pontos, as linhas e as zonas de terreno ameapados.

Quando se temem, sobretudo, tiros desencaçados á vista, ter-se-á o cuidado de não os attrahir, porque é sempre melhor prevenir do que curar.

Para isto procurar-se-á antes de tudo passar despercebido pelo inimigo; "a invisibilidade é a melhor protecção da Infantaria" phrase mil vezes repetidas, mas que não é de mais bem repisar e muito relembrar.

Todavia, nem sempre é possivel subtrahir-se ás vistas do adversario, por exemplo, quando se tem de atravessar um terreno descoberto e particularmente exposto ás vistas do inimigo; em tal caso, não se lhe mostrará sinão objectivos insignificantes, miseraveis corpusculos indignos de chamar a attenção do canhão e merecer sua intervenção.

#### 2º) — O FOGO DESENCADEA-SE:

Si é um tiro systematico, isto é, um tiro cego, procura-se frustar-se ao systema de fogos: contorna-se os pontos batidos, ou insinua-se pelas lacunas deste systema, esperando os momentos de calma para delles se aproveitar.

Si se está, ao contrario, submettido a uma com decisão e rapidez.

rajada desencadeada á vista, será vantajoso incitar o inimigo a suspender seu tiro; tenta-se fazel-o descuidar momentaneamente e se retoma em seguida o movimento com precaução, afim de evitar um novo desencadeamento.

Em conclusão, de um modo geral, esforça-se por passar o mais rapidamente possivel a zona batida, quer mesmo durante a execução do tiro, si não fôr muito vivo ou si o terreno a tal se prestar (abrigos approximados), quer quando elle enfraquecer ou cessar.

Immobilizar-se, ainda mesmo em abrigos, sobre um terreno violentamente batido pelo adversario, é não só fazer o que elle quer, mas ainda se expôr durante um tempo inutil a grandes perdas: sob o fogo da Artilharia, a salvação está no movimento e, digamol-o, na fuga para frente.

#### COMO ASSEGURAR A MANUTENÇÃO DA ORDEM?

Pela conservação das formações regulares e pela execução de movimentos collectivos sob a direcção de um mesmo chefe, enquanto o fogo inimigo o permitta; pela designação precisa de cerra-filas, quando se trata de empenhar momentaneamente a tropa em grandes percursos; emfim, por meio de reagrupamentos que succedam a qualquer transposição de uma zona batida; todos estes processos pôdem ser empregados até o momento em que a tropa penetra em uma zona efficaçmente batida pelo fogo da Infantaria inimiga.

Mas si a procura da surpresa pôde ser uma causa de desagregação, o cuidado da manutenção da ordem corre ás vezes o risco de chegar-se a uma excessiva rigidez, á "anklose" dos dispositivos. É preciso, entretanto, saber evitar estes dois inconvenientes.

Taes são os principios fundamentaes e as regras essenciaes da conducta de um chefe de Infantaria, na progressão sob o fogo da Artilharia, principios e regras que regulam o emprego dos processos de um movimento que vamos futuramente examinar, afim de entrarmos na parte verdadeiramente pratica e simples de nosso estudo.

#### IV — MEIOS A ADOPTAR PARA PROGREDIR SOB O FOGO DA ARTILHARIA

##### Dispositivos de marcha

De um modo geral, qualquer tropa de Infantaria que progride em uma zona batida pelo fogo da Artilharia deve se esforçar, em todos os escalões, por se articular o mais largamente possivel sobre o terreno, quer no sentido da frente quer em profundidade, afim de levar o



artilheiro inimigo a dividir sua atenção e diminuir seus tiros.

E' preciso impedir, com effeito, que este ultimo fixe sua observação; obrigar-o, ao contrario, a voltar a todo momento suas vistas para a direita e para a esquerda, alternativamente, sobre os objectivos, sem fazer cahir sobre cada um todo o peso de rajadas repetidas; é necessario emfim, forçar-o a abrir o mais possivel seus rectangulos de fogo, afim de reduzir ao minimum a densidade de sua chuva de balas.

Comtudo, estas considerações que muitas vezes têm valor para a marcha de aproximação em terreno descoberto ou semi-descoberto, não podem ser consideradas como regras immutaveis. Ha casos, ao contrario, em que convém cerrar, momentaneamente, o dispositivo, quer em largura, como, por exemplo, para utilizar um caminhar desenhado quer em profundidade, como para atravessar de surpresa um terreno visto pela Artilharia inimiga ou transpor uma zona ameaçada por um tiro de baragem.

Para fixar as idéas, diremos que, numa marcha de approximação em terreno descoberto, é preciso confiar a uma companhia uma frente de marcha normalmente de 400 metros, o que dá para o Pelotão uma frente de mais ou menos 110 metros e para o Batalhão 800 a 1000 metros.

Mas estas cifras insistimos — não correspondem simplesmente a grandes zonas de acção cuja maior parte é constituida quasi sempre de vastos intervallos livres; applicam-se tambem a frentes de marcha realmente occupadas, em cuja totalidade se articula a unidade, em vez de se embollar num canto desta zona.

Taes dispositivos que não são sómente alongados mas distendidos, poderão executar longos deslocamentos sem que corram o risco de se desarticularem em todos os sentidos e serem reduzidos a pó pela acção do fogo.

E' evidente que uma tropa semelhantemente disseminada no terreno não poderá ser conduzida segundo os processos empregados por outra estreitamente grupada na mão de seu chefe.

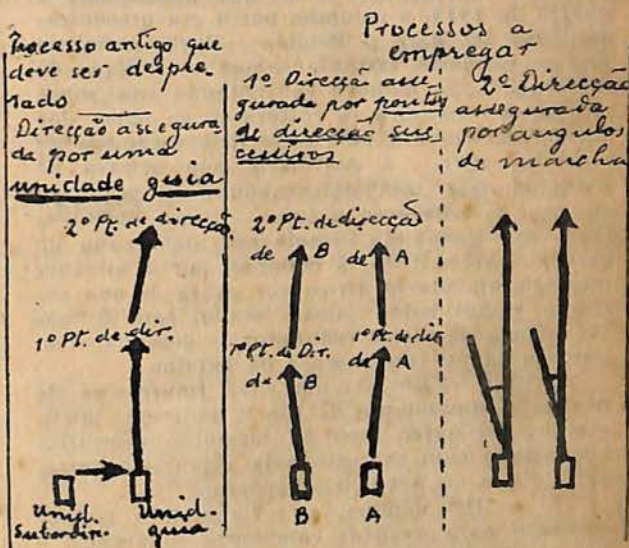
As difficuldades de ligações são taes que as diferentes partes dos dispositivos são obrigadas a progredir separadamente, por sua propria conta; nestas condições, o deslocamento de um systema tão largamente articulado deve ser considerado como um conjunto de movimentos isolados.

Como assegurar a gravitação uniforme de tão amplo dispositivo.

1º — Fixado a cada unidade, até as menores, sua propria trajectoria, graças á indicação de pontos de direcção ou do angulo de marcha. Esta precaução tem por fim realizar o parallelismo de deslocamentos isolados, é capital.

Notemos, neste ponto de vista, que o processo de assegurar a direcção por meio de unidades chamadas de direcção, processo particularmente commodo na ordem unida, torna-se

absolutamente impraticavel nos dispositivos largamente articulados, por isto que os elementos de marcha estão frequentemente na impossibilidade de regular sua progressão pelas unidades guias lateraes que lhes escapam:



Croquis n. 1

2º) — Fixando linhas successivas transversaes de parada destinadas a provocar alinhamento summarios com o fim de remediar as articulações que se pudessem produzir no dispositivo;

3º) — Utilizado os agentes de ligação como agentes de observação interior, destinados a fiscalizar os movimentos da unidade que representam junto ao chefe.

Nenhuma novidade constituem estas medidas. Todavia, verifica-se que são muito mal applicadas.

Com effeito: Embora a nossa Infantaria seja perfeita na execução de movimentos em ordem unida, ou relativamente unida, que tem continuamente occasião de realizar, ella não está sufficientemente familiarizada com os deslocamentos de dispositivos largamente dispersos; e devemos reconhecer que ella nem sempre conta com todas as facilidades necessarias para superar as difficuldades inherentes a tal problema.

Em todo caso, a pratica da marcha de longo percurso de um dispositivo largamente articulado, sem figuração de incidentes de especie alguma, sem mais difficuldades a resolver que não seja a conservação da cohesão e da ordem, deve ser considerada como o primeiro dos exercicios consagrados ao estudo da progressão sob o fogo da Artilharia.

#### FORMAÇÕES

O que dissemos sobre os dispositivos, applica-se sobretudo ás unidades superiores ao Pelotão.

Examinemos mais particularmente quaes as formações que os elementos do dispositivo, isto é, as pequenas unidades, Pelotões, Grupos, agindo isoladamente, conforme vimos, podem



adoptar para se subtrahir, o mais possível, ás vistas e aos effeitos dos fogos da Artilharia inimiga.

Existe alguma formação específica contra o fogo da Artilharia?

Sabe-se que, nos annos que procederam a guerra de 1914, a columna por 4 era preconizada como tal para o Pelotão. Devia permittir que se formasse instantaneamente o "dorso de tartaruga", os homens se deitando uns sobre outros, de maneira a offerecer ás balas dos shrapnels sómente uma superficie escamosa de mochila. Ora, a Artilharia não atirava, só shrapnel mas também granadas percutentes; poder-se-ia offerecer a estas ultimas objectivo mais vantajoso que semelhante amontoado de corpos. Além disto, a columna por 4 attrahia immediatamente os tiros, por causa de sua extrema visibilidade. Assim sendo, esta formação elvada de vícios redhibitorios desapareceu, por seu turno, dos campos de batalha.

O Cap. Soloviev, em suas *Impressões de um commandante de Cia.*, indicava, igualmente, um outro typo de formação específica empregado com successo pela Infantaria russa, sob o fogo da Artilharia japoneza.

"— Em summa, escrevia elle, o melhor processo para avançar com certa segurança, é não se deixar vêr.

"Mas, desde que haja obrigação de atravessar uma zona descoberta, o movimento, então, não só em columna mas ainda em ordem desenvolvida, torna-se impossivel, em consequencia da justeza dos tiros da Artilharia actual.

"As tropas que desembarcaram da Russia pagaram milhares de vezes a inexperiencia da formação adoptada pelas tropas siberianas, para a progressão da Infantaria sob o fogo da Artilharia, atravez um espaço descoberto.

"Esta formação é a fila indiana, a dez passos de distancia e em serpente.

"Convenceram-se estas tropas, já aguerri-

das, portanto, que só por negligencia pouco concebivel, deveriam tomar tal formação. Soffreram cruel expiação."

Citamos esta passagem, ao mesmo tempo bem caracteristica e bem categorica, por ser fruto da experiencia da guerra e porque merece, como tal, ser meditada.

Na realidade estimamos que não haja formação verdadeiramente específica contra o fogo da Artilharia. A columna por um, com distancias variaveis entre os soldados, segundo a natureza do terreno; a linha em atiradores em uma ou duas fileiras, empregam-se conforme as circumstancias.

A columna por um é de facil conducção; é pouco visivel e se presta á utilização das linhas do terreno taes como as orlas dos campos, por exemplo. Mas não convém á execução de movimentos instantaneos, porque se escôa homem a homem, com uma certa tendencia á desagregação e não permite progressão rapida.

A linha de atiradores é mais visivel em terreno descoberto, que a columna por um; entretanto o é menos em um terreno semeado de obstaculos. Presta-se particularmente á execução de movimentos rapidos. Permite utilizar, de modo mais completo, os menores obstaculos do terreno, por isto que dispersa os soldados sobre uma grande superficie; facilita a progressão individual quando se trata de passar "entre as góttas" atravez um fogo cerrado. Além de tudo, é a unica formação que pôde convir quando o fogo da Infantaria se confunde com o fogo da Artilharia.

O intervalo, entre os atiradores, a adoptar para transpôr espaços batidos, é de cinco passos para a linha em uma fileira, e de dez passos para a linha em duas fileiras. Esta ultima formação é particularmente vantajosa, porque reduz a frente da unidade (donda maiores facilidades de commando), sem lhe augmentar a vulnerabilidade.

## A Defesa Nacional

A defesa nacional é assim um assumpto tendente á instituição como uma theoria de guerra, como preparo intellectual da sociedade de mais merecida attenção que o proprio abastecimento de munições.

O fuzil e o canhão, os materiaes bellicos, fabricam-se, adquirem-se no momento preciso mas a disposição destes elementos sociaes implicados na luta não estão no mercado, nem se improvisam.

O seu descuramento ou a imperfeição de discernimento pôde suscitar maior mal do que os proprios intuitos da guerra. Entende-se com o anniquilamento e desorganização social que podem reverter em victoria contraproducente.

O facto característico de Pyrrho, rei do Epiro, que teve na sua imprevidencia a neutralização ou effeito reversivo da sua victoria na luta com os romanos, é um exemplo, como o é o succedido na Russia na guerra de 1914, que, por não prever, fez surgir dentro do seu

territorio uma calamidade maior do que se tivesse sido vencida na guerra que collaborou.

\* \* \*

A importancia do assumpto já chamou a attenção dos nossos governantes e esta se manifestou na criação de um corpo incumbido da orientação sob o titulo de Conselho da Defesa Nacional.

Mas apesar de instituido por mais de um anno, nada promoveu que por sua vez manifestasse o reconhecimento da necessidade da sua função.

Existe assim apenas o instituto encarregado desta missão ainda não regulamentada nem activada, o que se não coaduna com a imperiosa necessidade de dar pratica uniforme á defesa nacional.

Assim o clamor incessante d'"A Defesa Nacional" pelo "Lembrae-vos da Guerra", é uma sua notavel expansão patriotica, o clangor de uma trombeta, neste campo superior ao em que se travam as batalhas, em que se chama, não ás armas, mas á defesa social, a defesa nacional.

(Dr A. R. Carvalho de Brito).



# “S u g g e s t õ e s”

N. R. — *Reencetamos hoje a publicação de “Sugestões”, dos camaradas sobre os varios problemas que interessam quotidianamente a actividade profissional de todo o Exercito.*

*Todas as suggestões deverão trazer a assignatura do autor. Aquelles que não desejarem ver os seus nomes apparecer devem declaral-o e então faremos a publicação entre aspas para que se não confunda com as Notas da Redacção.*

## A necessidade de ampliação do Quadro dos Especialistas e Empregados nos Corpos

Pelo 1.º Tenente IRAPUAN ELYZEU XAVIER LEAL

Só a vida arregimentada com a consequente experiencia, pode induzir os que se interessam pela efficiencia do Exercito a suggerir medidas tendentes a melhorar situações existentes, contribuidoras de sérios embaraços á instrucção e administração dos Corpos. Encaradas as cousas no pé em que estão, póde-se afirmar sem receio, que a instrucção e a administração geralmente se embaraçam mutuamente, muitas vezes causando attritos e mal entendidos prejudiciaes — que poderiam ser evitados — entre chefes e subordinados, todos, quasi sempre, ciosos do seu ponto de vista, que julgam ser o melhor. No emtanto, essas divergencias são originarias, como é sabido, da falta de previsão dos nossos regulamentos e dos quadros de effectivos, que comportam lacunas e disposições impraticaveis na vida arregimentada actual. Para não entrar em muitas delongas, vou citar os casos principaes de “irreconciliação” communs a todos os Corpos, e tambem facilmente sanaveis com ligeiras modificações nas previsões orçamentarias annuaes. Num batalhão de Caçadores, por exemplo, o effectivo orçamento prevê para a Casa da Ordem e Secretaria — um sargento ajudante e um 1.º sargento archivista (o 2.º sargento archivista exerce as funções de sargento do Pelotão Extranumerario). Estas duas importantes repartições, com todo o seu papelorio e burocracia, não podem, evidentemente, viver com o trabalho destes dois sargentos. Resulta dahi o que todo o mundo sabe, o uso e, muitas vezes, abuso dos “empregados”. E, por isso, logo após á incorporação, continuando pelo anno afóra, lá vem o boletim regimental: “Emprego”: Passa a emprego na Secretaria, sem prejuizo da instrucção, o sargento Fulano de tal. O Tenente instructor, após a leitura do boletim, diz consigo, intimamente — “menos um para a instrucção, comtudo póde ser que uma vez por semana eu conte com elle”.

Mas, passados alguns dias, preceitua ainda o boletim: “Emprego: Passam a empregados na Casa da Ordem, sem prejuizo da instrucção, os soldados Fulano e Sicrano, de tal Compa-

nhia”. O Tenente, em presença disso, resolve “ponderar” ao Commandante da Companhia. Este, dando-lhe razão, promette providencias, promette esforçar-se para que esses homens não falem á instrucção. A proporção, porém, que os dias vão correndo, e a Brigada e a Região vão remetendo papeis e officios ao Corpo, o numero de machinas de dactylographia vae crescendo e o boletim creando cargos de emprego. Começam ahi as desintelligencias entre o commandante da Companhia e o Fiscal. E’ claro, todavia, que as razões se dividem, mas dadas as difficuldades existentes, as complicações têm que surgir. E se considerarmos ainda que o sargento ajudante (encarregado do boletim) e o sargento archivista (encarregado da ordem e execução do serviço da Secretaria) têm papeis importantissimos a desempenhar na instrucção do Pelotão Extranumerario (Pelotão de Commando do Batalhão). Essa instrucção, infelizmente, em geral, é inexistente praticamente nos Corpos. Entretanto, agora, pelos dominios da Contadoria e Almoxarifado, temos as seguintes previsões para as duas repartições, cujo movimento burocratico rivalisa com as outras duas: tres sargentos contadores e dois cabos contadores. Poderão esses homens dar conta de todo o serviço dessas repartições, inclusive o trato do material, arreiamento, fardamento e viaturas em deposito? Absolutamente não. Então, por causa disso, mais empregos, sem prejuizo da instrucção. E o sargento do rancho, que na falta de previsão do Regulamento n. 17, mas por premente necessidade, é tambem tirado das Companhias. O Regulamento n. 17 só prevê, no artigo 3.º, o caso de manobras ou campanhas, mas em tempo de paz, na vida do quartel tambem ha necessidade a satisfazer. E o cabo do rancho?.

De onde se tira? E o pessoal que ajuda na cosinha? Todos esses serviços precisam ser assegurados, pois, de outro modo a vida do Corpo ficará paralyzada. Na falta, porém, de gente especialmente destinada, a administração da unidade é obrigada a lançar mão do pessoal ordinario das sub-unidades com graves pertur-



# OS PROGRESSOS DA AVIAÇÃO

Os salões de aviação que constantemente se vêm realizando, depois da Guerra, notadamente em Paris, e os *meetings* que os *constructores* e os governos interessados promovem frequentemente, bem attestam as lutas tramadas pelo engenho humano para vencer na conquista do ar.

Henri Bouché, em artigo publicado sobre a ultima *exposição de aviação*, realizada pelos constructores, em Paris, em Julho ultimo, faz commentarios e apresenta certos dados bastante interessantes, que affirmam os progressos atingidos e denunciam suas possibilidades.

Assim, diz elle, de 59apparelhos expostos 39 são aviões puramente militares, terrestres ou navaes.

Dos 26 expostos que servem a necessidades civis, contavam-se 10 para transportes aereos, 6 para formação e treinamento de equipagens, 3 apparelhos destinados a *raids* e 7 aviões para sport ou turismo.

Dos aviões novos expostos, um dos que mais chamaram as atenções foi um pequeno *Machi*, com motor *Fiat*, de 400 kgs. de peso, desenvolvendo uma potencia de 1.000 HP. Vê-se, assim, como os constructores technicos, na ansia de progredir, vão vencendo os dois grandes inimigos da aviação — o peso a fazer voar e a resistencia opposta pelo ar á progressão. Elles procuram cada vez mais: a leveza das estruturas, que é limitada pelas necessidades da mais completa segurança e disposições de conjunto que assegurem grande *finesse aerodynamica*. Além disso, a construção do apparelho deve attender ao emprego a que se destina o avião: para um

bações para a instrução, que é o objecto supremo daquelles que estão sujeitos ao regimen militar.

**SUGGESTÕES:** — Com o fim de sanar em parte essas anomalias, os quadros de effectivos orçamentarios poderiam ser amplados no tocante aos especialistas ou empregados, como se lhes queira chamar, destinando um certo numero delles ás Secretarias, Casa da Ordem, Contadoria e Almoxarifado. Poderia ser introduzida a especialidade de *dactylographia*, criando o soldado *dactylographo*, cuja necessidade é patente na execução dos diversos serviços. E não se diga que o seu trabalho só se aproveitaria ao tempo de paz, pois a guerra moderna, com o seu complexo de ordens, partes, relatorios e informações tambem não pode prescindir delles.

— Surgiriam, alem dos sargentos e cabos contadores previstos, os soldados-contadores,

avião militar, apparecem sempre *necessidades de tiro* a preencher; para um avião commercial relações entre as velocidades de aterissagem e as dimensões dos *aerportos*, do *plafond* ou altura maxima de vôo com o *perfil da linha aerea*; fluctuadores ou trens de aterissagem proporcionaes ás cargas a transportar. Da maneira por que estas *relações* são obtidas nos attestam as exposições e *meetings*.

Podemos ter uma idéa das possibilidades da aviação levando em conta as *performances* já obtidas: a velocidade tomada sobre um percurso de ida e volta, para annullar a consideração dos effeitos do vento, attingiu já 512 kms.; a altura de vôo attingiu a 11.753 metros; o tempo de vôo sem escala alcançou 58 hs. e 35 minutos, num circuito fechado de 7.666 kms.

Esses *records* têm sido obtidos por apparelhos especialmente construidos para tentá-los. Os aviões communs attingirão uma média rasoavel, realizando a metade dos valores acima.

Assemelhando-se o avião ao *athleta completo*, diz Henri Bouché, isto é, tendo em vista os melhores resultados de conjunto, podem-se tomar, como médias a obter, os seguintes dados.

- *velocidade* — mais de 250 kms a hora.
- *plafond* — 6.000 metros.
- *percurso sem escala* — 4.000 kms. em 30 horas.

Finalmente, têm sido tentados os *records* de vôo sem escala, mas com *reabastecimento* no ar. Nos Estados Unidos essa especie de vôo obteve já a duração de 152 horas.

em numero de tres por exemplo (dois para o Almoxarifado e um para a Contadoria).

— Os effectivos poderiam prever ainda um sargento encarregado de embarques e desembarques; um sargento do rancho; um cabo e um soldado cosinheiro. Todos esses homens, em manobras ou em campanha seriam aproveitados nas suas especialidades.

Finalmente o artigo 40 do R. S. M., poderia tambem ser ampliado, passando a ter a redacção abaixo:

“Os especialistas (artifices corneteiros, musicos, telegraphistas, *dactylographos* e contadores) podem ser aceitos, como voluntarios, em qualquer época do anno”.

Ahi ficam, em linhas geraes, algumas sugestões de quem nada pretende, a não ser contribuir modestamente para evitar certos entres, que, penso, quem lida na caserna, deve conhecer perfeitamente.



# Subsídios para os quadros de reserva

## A ORGANISAÇÃO DE UM PEL. DE CAV. (Notas dadas no C. P. O. R. da 1.<sup>a</sup> R. M.)

O pelotão de cavallaria consta do seguinte:

### Homens:

|                               |           |
|-------------------------------|-----------|
| Tenente cmt.....              | 1         |
| 2. <sup>o</sup> sargento..... | 1         |
| 3. <sup>o</sup> sargento..... | 1         |
| Cabos.....                    | 4         |
| Soldados.....                 | 27        |
| <b>Total.....</b>             | <b>34</b> |

### Cavallos para:

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| Cmt. de pelotão..... | 1 + 1          |
| Sargentos.....       | 2              |
| Cabos.....           | 4              |
| Soldados.....        | 27             |
| Cargueiro.....       | 1              |
| <b>Total.....</b>    | <b>35 — 36</b> |

### Armamento:

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| F. M. ....                        | 1  |
| Mosquetão com sabre bayoneta..... | 24 |
| Pistolas Parabellum. (1).....     | 10 |
| Espadas.....                      | 34 |
| Lanças.....                       | 22 |

(1) — São armados com pistola: o clarim, o sapador, o fuzileiro metralhador, o ferrador, o 1.<sup>o</sup> municador, o conductor do cargueiro e o ordenança, bem como os dois sargentos e o Cmt. do Pelotão.

### Não levam lança:

|                                  |                      |
|----------------------------------|----------------------|
| O fuzileiro metralhador.....     |                      |
| O 1. <sup>o</sup> municador..... | 1. <sup>a</sup> Esq. |
| O conductor do cargueiro.....    |                      |
| Granadeiro atirador.....         |                      |
| Sapador.....                     | 2. <sup>a</sup> Esq. |
| Ordenança.....                   |                      |
| Ferrador.....                    | 3. <sup>a</sup> Esq. |
| Clarim.....                      |                      |
| 1 Soldado.....                   | 4. <sup>a</sup> Esq. |
| e os sargentos                   |                      |

Os pelotões de Cavallaria Divisionaria não são armados de lança.

### Equipamento do cavalleir

O equipamento destina-se a conducção dos meios para viver e meios para combater e meios para conservação e alimentação do cavallo.

### Os meios para viver são:

viveres do dia;  
viveres de reserva;  
marmita, garfo colher, barraca ( $\frac{1}{2}$  por homem; uniforme, objectos de uso no asseio individual);

### Os meios para combater são:

Armamento..... { Mosquetão ou pistola  
Espada  
Lança

Munição..... { Cartuchos  
Petardo

Apparelho de limpeza do armamento Ferramenta de sapa.

Para uso do cavallo... { forragem  
balde d'agua  
apparelho de limpeza

Assim sendo, um cavalleiro prompto em ordem de marcha conduz sobre si e seu cavallo o seguinte

### (1) — Ordem de marcha.

arrejamento completo  
equipamento Mill's de cavallar  
munição  
forragem  
ferragem  
viveres  
apparelho de limpeza para o cavallo  
uniforme e roupa branca  
 $\frac{1}{2}$  barraca completa  
ferramenta de sapa portatil  
apparelho de limpeza para o armamento  
garfo colher articulado e caneco  
objectos de asseio individual



## Discriminação da carga do quadro n. 1

1 ração do dia

## (2) — Arreioamento completo.

1 Sella  
 1 par de loros  
 1 par de estribos  
 1 par de lategos  
 1 manta de panno alvadio  
 1 cilha de corda parda  
 1 peitoral com gamarra  
 1 cabeçada com freio e bridão  
 2 pares de redeas (para freio e bridão)  
 1 buçal com redea  
 1 sobre-cilha

## (3) — Equipamento Mill's

1 cinturão com presilhas  
 1 suspensorio  
 1 porta catil  
 1 bernal  
 6 cartuchos  
 1 porta sabre com guia para espada  
 1 bandoleira  
 1 correia movediça

## (4) — Equipamento que se colloca sobre o arreioamento.

1 par de saccolas com correias de cepilho  
 1 sacco de distribuição (de lona impermeavel)  
 1 alforge  
 1 corda para forragem  
 1 porta-mosquestão  
 1 porta espada  
 2 cachimbos para lança  
 $\frac{1}{2}$  barraca completa  
 1 capote  
 1 marmitta  
 1 balde de lona para agua  
 1 bernal para ração  
 1 bolsa de ferraduras  
 4 mallotes para carga de frente  
 4 mollotes para cargas de trás.

## (5) Armamento e munición.....

1 mosquetão  
 1 espada  
 1 lança  
 1 sabre-bayoneta  
 1 petardo de milinite  
 150 cartuchos

## (6) — Ferragem.

2 ferraduras (1 anterior e 1 posterior)  
 16 cravos.

## (7) — Forragem.

1 ração de milho de 4 kgs.

## (8) — Viveres.

|                     |   |                       |      |
|---------------------|---|-----------------------|------|
| 1 ração de reserva. | { | Carne de vacca de     | grs. |
|                     |   | Conserva. . . . .     | 250  |
|                     |   | Biscoutos ou bolachas | 250  |
|                     |   | Chocolate. . . . .    | 150  |
|                     |   | Café. . . . .         | .6   |
|                     |   | Assucar. . . . .      | 120  |

830

## (9) — Apparelhos de limpeza do cavallo.

1 escova de raiz  
 1 respadeira  
 1 pente de chifr  
 1 ferro para limpar casco  
 1 pedaço de esponja

## (10) — Uniforme e roupa branca.

1 tunica  
 1 calção  
 1 par de borzeguins  
 1 par de perneiras  
 1 par de numeros de metal  
 1 chapéu de campanha typo capacete  
 1 par de meias  
 1 lenço  
 1 camisa  
 1 ceroula  
 1 collarinho

## (11) — Objectos de asseio.

1 estojo para barba  
 1 toalha para rosto  
 1 escova para dentes  
 1 pente  
 botões linha e agulhas

## (12) — Apparelho de limpeza para o armamento.

1 cordel de limpeza  
 oleo

## (13) — Ferramenta de sapa portatil.

Pá portatil  
 ou  
 Picareta portatil

## (14) — Meia barraca completa.

$\frac{1}{2}$  panno de barraca  
 4 estacas  
 4 paos de encaixe



## Distribuição da carga:

|                      |                      |                                                                                                                    |                                                                                                                                                 |
|----------------------|----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Na Sella.            | Sobre o cepilho..    | { O sacco de distribuição com roupa de muda, preso pela correia do cepilho                                         |                                                                                                                                                 |
|                      |                      | { ½ barraca emalada                                                                                                |                                                                                                                                                 |
|                      | Sobre a patilha..    | { O capote emalado por cima da ½ barraca                                                                           |                                                                                                                                                 |
|                      |                      | { 4 estacas e 4 paos de encaixe                                                                                    |                                                                                                                                                 |
|                      | No lado esquerdo.    | { 4 mallotes da carga de traz prendem os objectos acima                                                            |                                                                                                                                                 |
|                      |                      | frente.....                                                                                                        | { 1 saccola com gancho porta-lança<br>1 balde de lona para agua<br>1 bernal para ração<br>2 mallotes de carga de frente                         |
|                      |                      | centro.....                                                                                                        | { 1 lóro<br>1 estribo<br>1 cachimbo para lança                                                                                                  |
|                      |                      | atraz.....                                                                                                         | { 1 porta espada com a respectiva arma<br>1 alforge com a ração do quadro n. 7<br>1 corda de forragem presa por fóra do alforge                 |
|                      |                      | frente.....                                                                                                        | { 1 saccola<br>1 marmitta<br>2 mallotes de carga de frente                                                                                      |
|                      |                      | centro.....                                                                                                        | { 1 lóro<br>1 estribo<br>1 cachimbo para lança                                                                                                  |
|                      |                      | atraz.....                                                                                                         | { 1 porta mosquetão com a respectiva arma<br>1 bolsa de ferraduras.                                                                             |
| Nas sac-<br>colas..  | Lado direito.....    | Por fóra.....                                                                                                      | { A marmitta com a ração do dia do quadro n. 8, presa por 2 mallotes da carga da frente                                                         |
|                      |                      | No interior.....                                                                                                   | { A ração de reserva do quadro n. 8<br>Apparelho de limpeza do quadro n. 9.<br>Apparelho de limpeza do quadro n. 12<br>Curativos para o cavallo |
|                      | Lado esquerdo....    | Por fóra.....                                                                                                      | { O balde para a agua contendo o bernal para a ração, preso por 2 mallotes da carga da frente                                                   |
|                      |                      | No interior.....                                                                                                   | { 60 cartuchos dos constantes do quadro n. 5<br>O petardo de millinite dentro do respectivo estojo                                              |
|                      | Equipamento Mill's.. | No bernal.....                                                                                                     | { Objectos de asseio do quadro n. 11<br>Garfo colher articulado e caneca do quadro n. 1.                                                        |
|                      |                      | Nas cartucheiras.....                                                                                              | { 90 cartuchos constantes no quadro n. 5, (15 cartuchos em cada uma)                                                                            |
| Equipamento Mill's.. | No porta cantil..... | { O cantil com agua, café ou matte, preso pela correia movediça.                                                   |                                                                                                                                                 |
|                      |                      | No porta sabre com guia para espada....                                                                            | { O sabre bayoneta com a respectiva bainha                                                                                                      |
|                      | No cinturão.....     | { A' retarguarda e a direita uma pá ou uma picareta portatil, presa pelo respectivo estojo. (por baixo do cantil). |                                                                                                                                                 |



## Carga do cavallo de mão

O F. M. e sua munição são transportados no cavallo de mão, cuja carga se compõe de:

- Cangalha de modelo especial.
- Cabeçada com bridão e redea andareja.
- F. M. com guarda mecanismo de lona e porta-fuzil, em gancho de ferro cavrado na parte posterior da cangalha.

— Tres cartucheiras duplas, para 16 carregadores.

— Uma cartucheira simples, de lado esquerdo, para 8 carregadores.

— Bolsa, contendo as tres pequenas de accessorios, dois ferros e 16 cravos, tambem do lado esquerdo.

— Sacco de distribuição com 4 kilos de milho, por cima da cangalha.

— Bernal de ração — Idem.

— Balde para agua — Idem.

— Corda de forragem — Idem.

O 1º municiador conduzirá:

a) O cano sobresalente, atiracollo.

b) Saccos para agua, no cinturão do equipamento mills do lado direito.

Cartuchos conduzidos no cavallo de mão — 1400.

## MUNIÇÃO

Munição para mosquetão:

90 a 120 por homem;

Munição para F.M:

1400 cartuchos em carregadores.

## Exame da potencia de fogo do pel. de cav.

Antes de avaliar a potencia de fogo preciso é apurar os meios de combate pelo fogo de que dispõe o pelotão.

Elle pode constituir o g. c. completo ou o grupo de combate reduzido.

A composição de taes grupos de combate é a seguinte:

## G. C. completo

|                           |   |                    |
|---------------------------|---|--------------------|
| Tenente .....             | 1 |                    |
| Cabo fuzileiro.....       | 1 |                    |
| Fuzileiro metralhador..   | 1 | } Esquadra de tiro |
| Auxiliares .....          | 3 |                    |
| Cavalleiros volteadores.. | 5 |                    |

|                                                                  |    |                          |
|------------------------------------------------------------------|----|--------------------------|
| Sargento .....                                                   | 1  |                          |
| Cabo .....                                                       | 1  |                          |
| Cavalleiro volteadores...                                        | 8  | } Esquadra de protecção. |
| Inclusive o B. F. que sempre faz parte da esquadra de protecção) |    |                          |
| Total em homens.....                                             | 21 |                          |

## G. C. reduzido

|                           |   |                          |
|---------------------------|---|--------------------------|
| Tenente .....             | 1 |                          |
| Cabo fuzileiro.....       | 1 | } Esquadra de tiro       |
| Cabo metralhador.....     | 1 |                          |
| Auxiliares .....          | 3 |                          |
| Sargento .....            | 1 | } Esquadra de protecção. |
| Cavalleiros volteadores.. | 5 |                          |

(inclusive o B. F.)

Total em homens..... 12

Poder do fogo: 1 F. M. e 7 mosquetões.

— O nosso R. E. C. C. diz que "A potencia do fogo é função do numero de armas automaticas" e realmente, podemos ver que a potencia de fogo dos nossos grupos é bastante reduzida, pois si entramos em comparação com a infantaria verificaremos que nosso pelotão tem a quarta parte da potencia de um pelotão dessa arma, porque a nossa potencia de fogo pode ser representada pelo numero 1 (a.a.) enquanto que o pelotão da infantaria terá a sua potencia de fogo representada pelo numero 4 (a.a.). Si estendermos a nossa comparação chegaremos a conclusão que a nossa D. C. equivale como potencia de fogo a menos que R. I.

Dahi concluímos que em comparação com a infantaria, a cavallaria tem o dobro em mobilidade e  $\frac{1}{4}$  em potencia de fogo, portanto pode remos pedir á cavallaria no tempo e no espaço o dobro daquillo que pedimos a infantaria, mas na capacidade de resistencia pediremos apenas a quarta parte.

Para fortalecer o que acabo de vos dizer, termino citando o nosso R. E. C. C. que diz: "A cavallaria pode desempenhar acções violentas pelo fogo; seus effectivos não permitem, porém, elimental-as e produzir effeito de desgaste, diante de uma linha fortemente occupada e cujos flancos não facultem o desbordamento, não se podem pedir resultados positivos.

## SUBSIDIO PARA OS OFFICIAES DE RESERVA A INFANTARIA NAS MARCHAS NOCTURNAS

Pelo Cap. OCTAVIO PARANHOS

A utilização da noite para os movimentos da infantaria impõe-se pelas razões seguintes:

1º) — O accrescimento do poder mortifero dos fogos da infantaria (armas automaticas) e dos fogos da artilharia, tornou-se tão consideravel que somos obrigados de procurar na noite o beneficio da invulnerabilidade.

2º) — Os progressos continuos da navegação e da observação aereas são taes que se impõem cada vez mais os deslocamentos á

noite. Graças a noite é que os deslocamentos conservam o beneficio da surpresa. E' então indispensavel aproveitarmos a noite para as aproximações e os preparativos para o combate.

As etapas nocturnas da infantaria, no decorrer de uma marcha para a frente, começam desde que as unidades entram nas zonas dos reconhecimentos afastados da Aviação inimiga.

Durante a ultima guerra, principalmente na



última phase, nas offensivas, tanto allemães como francezes, ellas foram frequentemente realizadas, com o fim principal de escapar aos agentes de investigação do inimigo e poder occultar os movimentos, concentrando tropas em pontos determinados e, conseguindo o segredo da operação, realizar a surpresa.

Em uma guerra futura, é preciso prever que as marchas á noite serão de uso corrente, em virtude dos progressos contínuos da aviação.

As marchas á noite são empregadas:

a) — Para evitar o fogo e as observações do inimigo, e surprehendel-o ao clarear do dia.

b) — Em pleno verão, quando o dia fôr excessivamente quente e houver necessidade de fazer um percurso longo.

c) — Na vespera de uma batalha para concentrar tropas que estão atrasadas ou em segunda linha.

d) — Em caso de insucesso, para a ruptura do combate.

e) — Para fugir a uma perseguição.

f) — Para realizar um envolvimento.

g) — Para evitar um combate.

h) — Para effectuar surpresas.

i) — Para atravessar uma zona consideravel, intransponivel de dia.

j) — Etc, etc.

As marchas á noite impõem as tropas de infantaria fadigas excepcionalmente severas.

O homem a pé marcha penosamente á noite, não só atravez dos campos, como também nas estradas.

Elle não sabe onde o pé, cæ nos buracos, bate de encontro as pedras, pois, o somno o prende; elle marcha inconscientemente, vae de encontro á machila do camarada que o precede, o que tira por alguns instantes do estado de somnambulismo em que estava mergulhado. Tudo isto é o cansaço.

E' preciso annexar á duração da etapa, aggravada pela lentidão da marcha, os alongamentos, que gastam o infante moral e physicamente.

Pensemos em todas estas cousas e teremos uma idéa exacta da fadiga que assola o infante durante uma marcha noturna.

Para reduzir o mais possivel a fadiga, o regulamento para o serviço em campanha prescreve que as marchas á noite sejam preparadas com o maior cuidado.

Um official de infantaria deve estudar e prever, nos seus menores detalhes, o deslocamento da sua unidade quando esta tem que executar um movimento á noite. Deve em particular ter em mente ás seguintes preoccupações:

Antes de partir, é necessario fazer os homens descansar, dormir e lhes dar uma refeição quente.

E' preciso assegurar a regularidade da marcha, porque as variações das distancias na columna são a temer á noite. Para isto, é preciso preparar a marcha, enviando destacamentos precursores tendo por missão: reconhecer o itinerario a seguir, balisar-o, collocar os guias nas bifurcações, barrar si fôr preciso os caminhos a evitar desembaragar a estrada

dos obstaculos, assignalar as zonas bombardeadas, etc.

E' necessario dirigir a marcha que deve ser executada com uma disciplina rigorosa.

Donde:

a) — necessidade de ter na sua testa um official com carta e bussula, tendo a seu lado um guia, a si se julgar preciso;

b) — necessidade de ter, na cauda de cada unidade que marcha, um official, tendo por missão verificar frequentemente si todos os elementos da unidade seguem perfeitamente a estrada indicada e na distancia determinada;

c) — necessidade de ter entre as unidades homens de comunicação, que devem ser fornecidos pelas unidades da retaguarda.

Os altos devem ser frequentes, porém curtos, para que os homens não adormeçam. Durante os altos, interdicção formal de se afastarem.

E' preciso utilizar o maior tempo possivel as estradas e caminhos para evitar um accrescimento inutil de fadiga. Para as grandes unidades, é preciso utilizar varios itinerarios, de maneira a diminuir o comprimento das columnas e reduzir assim as flutuações.

Quando fôr preciso, todavia, marchar atravez dos campos, seja para ganhar uma base de partida, seja para se ir ter a um local de bivaque, etc., a difficuldade de guiarmos a tropa apresentar-se.

Esta questão de direcção, já importante de dia, é importantissima á noite.

A' noite, proximo do inimigo, a tropa é impressionavel. Em caso de encontro possivel, é necessario interditar a tropa de atirar. Atirar á noite não serve de nada, senão para crear o panico. E' necessario á noite nos servirmos das granadas e das bayonetas.

Em contacto com o inimigo, é preciso evitar todo movimento falso.

Ha interesse de prevermos sempre etapas curtas. Todavia, no caso onde as approximações atravez dos campos sejam longas é preciso, frequentemente, parar as unidades sobre as linhas nítidas do terreno perpendiculares ao eixo da marcha; estas linhas devem ser visiveis á noite (caminhos, estradas, correios, etc.)

Estas paradas são destinadas a restabelecer a cohesão da tropa e a permittir aos homens tomar folego.

E' preciso não esquecer as precauções a tomar para evitar o barulho: arrumação do equipamento, commandos em voz baixa, na calma da noite os ruidos são escutados ao longe.

Proibir de accender luzes e fumar.

Os homens devem estar adextrados a ficar immoveis ou a se deitar, desde que os aviões de reconhecimento lancem seus artificios.

Emfim, para procurar surpresa, um movimento á noite, para conservar o seu valor, deve estar terminado antes do alvorecer. E' neste momento que os aviões procuram o ar para assignalar os movimentos mal dirigidos.

Isto applica-se sobretudo, ás viaturas dos T. C. e T. E., que a este instante devem ter deixado as estradas e caminhos e estar abrigadas.



## BIBLIOGRAPHIA

## REVISTAS

Recebemos e agradecemos:

## A) NACIONALES

## Nossa Revista

E' o primeiro numero de uma excellente revista, scientifica e social, da mocidade academica de OURO PRETO.

Do summario: Os refractarios usados em metallurgia — O plano de viação ferrea no E. M. G. — Assumptos de physica moderna — Uma estação telephonica moderna.

O centurião (Janeiro de 1929).

Revista publicada em nossos meios militares, de caracter exclusivamente religioso, pois é o órgão da União Catholica Militar. Tem farta e escolhida collaboração e dá noticiosa informação da vida da União, que congrega officiaes do Exercito, Marinha, Policias estaduais, Corpo de Bombeiros.

Boletim do Museu Nacional (Setembro de 1928).

Do summario: Os Etruscos na America — Notas sobre o sambaqui do Forte — A anthropologia — Bibliographia botanica — Notas e opiniões.

A Bandeira (Fevereiro de 1929).

A mulher na poesia brasileira — A dupla nacionalidade.

Liga Maritima Brasileira (Fevereiro de 1929).

Do summario: A Armada chilena — Pelo Brasil maior — A aviação commercial — A equiparação dos operarios da Armada e do Exercito.

## B) ESTRANGEIRAS

## URUGUAY

Revista Militar y Naval (Janeiro de 1929)

Do summario: Emprego da aviação com a cavallaria — A infantaria — Definição dos differentes tiros de artilharia — A situação militar da Argentina.

## PERU'

Revista del Circulo Militar del PERU' (Dezembro de 1928).

Do summario: Escola Superior de Guerra Cursos de armamentos, fortificações e communicações — Uma visita á Escola de Infantaria allemã.

## SÃO SALVADOR

Boletim del Ministerio de Guerra (Novembro e Dezembro de 1928).

Do summario: A moral e a honra militar — A tática moderna da artilharia — Condições de aptidão para o serviço militar.

## MEXICO

El Intendente (Dezembro de 1928).

Do summario: A guerra entre o Paraguay e a Bolivia — O soldado — A America e a guerra mundial.

Revista del Ejercito y de la Marina (Novembro de 1928).

Do summario: Os campos de instrucção — A Escola de Infantaria de Camp. Benning. E. U. A. — O serviço de ligações e transmissões na cavallaria francêza — Missão do official observador na artilharia.

## EQUADOR

El Ejercito nacional (1928).

Do summario: As armas no Equador e seus progressos — Textos de Historia patria — Logistica e serviço de estado-maior — Armas e tiro — Orientação do goniometro — O Canhão de Acompanhamento da Cavallaria — O Homem de Ayacucho.

## CLASSES ARMADAS

“Entre as mais notaveis deficiencias na generalidade de nossos homens publicos, avulta a incomprehensão de nossos problemas militares de terra e mar. Tão grande, tão profunda, que della se póde inferir uma causa vinda de remoto passado. — Calogeras.”



# SUGESTÕES

## O KAKI E OS UNIFORMES MILITARES

"Uma das questões que mais ferem á vista do publico, dando-lhe certa idéa de ordem insufficiente das nossas cousas militares é a falta de uniformidade dos nossos uniformes, principalmente no que se refere á côr. Os uniformes kaki são os que mais soffrem desse mal, porquanto até aqui ficavam elles em materia de côr, subordinados ás partidas de fazenda que appareciam no mercado. Dahi a diversidade de tons que se encontram nos uniformes, conforme a peça de onde são cortados, diversidade accrescida ainda pelas modificações de colloração soffridas com as lavagens.

A publicação em o numero passado desta revista do parecer do chefe do Laboratorio de Analyses da D. G. I. G. sobre o kaki militar fabricado pela Companhia Corcovado, fez-nos lembrar das possibilidades que a Industria Nacional offerece para corrigir o defeito apontado.

Sem que tenhamos isto como uma questão de "lana caprina", lembramos a vantagem do Ministerio da Guerra orientar a produção nacional no sentido das necessidades do Exercito, de modo que as mercadorias brasileiras possam ser aproveitadas e preferidas ás estrangeiras, como patrioticamente lembrou o Sr. Bezerra de Mello em artigo da "A Provincia" de Recife e transcripto nesta Revista. Assim como a

Companhia Corcovado procura resolver o problema do Kaki, outras poderiam ser interessadas nos do calçado, do equipamento, do material de sapa, etc. ou em outra esphera mais elevada, como a siderurgia para fins militares".

## DEFESA NACIONAL

"O objecto da defesa nacional pôde ser classificado como o conjunto de condições sociaes que se interessam na guerra, os quaes devem ser determinados na paz pela administração geral do paiz.

Estas condições podem em geral ser classificadas em tres ordens: moral, social e militar.

*A moral consiste na educação do povo, excitando do seu patriotismo a necessidade de concurso espontaneo ás injuncções da guerra.*

*A social na disposição proporcionada do homem e das industrias, principalmente fabricis, agricolas e de transporte, no que se relacionarem com a guerra.*

*E a militar na applicação de todos estes elementos ou a mobilização que constitue o introito da guerra".*

(Dr. Carvalho de Brito.)

# MAYRINK VEIGA & Co.

**13 Rua Mayrink Veiga 21**

End. Tel. "MAYRINK"

RIO DE JANEIRO

Tel. N. 292, 293 e 355

## ESPECIALISTAS EM ARMAMENTOS

Representantes exclusivos de Western Cartridge Co. — Munição "Lubaloy" para fuzis, revolvers, etc.

Société Française — Motores de aviação "Hispano-Suiça".

Hilarion Guenaga & Co. — Revolvers de guerra "Defensor".

Sperry Geoproscope Co. — Holophotes de grande potencia para campos de aviação e fortalezas; instrumentos de precisão para navegação maritima; material de controle de fogo para navios de guerra.

**Société d'armes e materiel de Guerre — Morteiro Stokes — Brand e munição.**



# Soares de Sampaio & Cía. Ltd.

*Avenida Rio Branco n. 63 - 2º and.*

*Rio de Janeiro*

Teleg. — GUIRIRY

Teleph. { N. 7971  
          { N. 5559

REPRESENTANTES NA EUROPA:

**Sté. Anón, Soares de Sampaio & Cie.**

**4, Rue Pasquier — PARIS**



**Material fixo e rodante para  
Estradas de Ferro**

**P O N T E S**

**Estructuras Metallicas**

**TUBOS PARA AGUA -- GAZ -- ESGOTOS**

**CONSTRUCCÕES NAVAES**

**Carga - Passageiros**

**NAVIOS DE GUERRA**